




COLEÇÃO APLAUSO **CINEMA** BRASIL

OLHOS AZUIS

roteiro de
PAULO HALME
MELANIE DIMANTAS
JORGE DURÁN

direção
JOSÉ JOFFILY

 imprensa oficial

Olhos Azuis

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

|imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Apresentação

Quantos roteiros você não escreve por dia? Seja quem for o ser humano, engenheiro ou marceneiro, são dezenas os roteiros *escritos*. Desde pequeno, tentamos caprichar nas histórias que temos para contar. Há dias em que os roteiros surgem aos borbotões, com a visão de um acontecimento –um fato–, com a lembrança de algo que comove, ou com o encontro de um amigo. E por aí, vai...

Ou seja, idéias a gente sempre encontra por aí. Um roteiro é uma idéia ou um sentimento latente que você tenta juntar e transformar numa história. Mas, escrever uma história é tão sofrido e demorado, que a maior parte das histórias é abandonada pelo meio. Eu diria que 99% das idéias que surgem são abandonadas depois de poucos minutos diante de uma folha em branco. Algumas poucas, teimosas, permanecem. Dessas que permanecem, eu diria que 99% não são filmadas. Permanecem roteiros para sempre. Tanto as que são filmadas, como as que ficam apenas roteiros, precisam de artistas dedicados e habilidosos, sensíveis e ao mesmo tempo pragmáticos. Esses são os roteiristas. Eles se diferenciam dos escritores de romance em muitos aspectos, mas talvez o mais significativo deles seja o fato de que o que

os roteiristas escrevem não tem vida própria. Ou seja, não existe se não for filmado. Todo o esforço e sofrimento que demanda a escritura de um roteiro podem resultar em nada; podem não ter proveito algum. Ao contrário de um romance, que por si só encontra – ou não- leitores interessados, um roteiro só existe quando se transforma em filme. Como peça literária, não desperta interesse. Nem seria para despertar, pois um bom roteiro cultiva o substantivo – que é filmável- e dispensa o adjetivo, complemento nominal que desperta interesse e colore uma narrativa tradicional. Sua publicação só desperta o interesse de leitores especializados, dedicados ao cinema.

12

Um bom roteiro, ensinam os mestres, é substantivo, vive de fatos, de acontecimentos. Pode até viver de não fatos, o que de qualquer modo é um exercício de oposição, tomando esse rumo contrário ao fato. Então, a vida de roteirista é muito arriscada. E arriscada também é a vida de um produtor, que tem de investir na possibilidade de ter uma história *filmável*. O risco da vida de roteirista é grande porque seu esforço pode ser em vão. Já o produtor, pode se dar conta que o que a princípio seria um filme, não tem fôlego para tal. É um investimento menor, mas nem por isso menos frustrante. Aliás, se há um investimento bom em cinema, é o de desenvolver projetos.

Eu estava querendo fazer um filme sobre o comportamento do Serviço de Imigração que atende nos aeroportos dos países do primeiro mundo. O estímulo surgiu do longo convívio com um deportado. Meu amigo, que, digamos, se chamava Raimundo Nonato, tinha sido deportado quando estava já no terminal do aeroporto JFK nos EUA. A partir daí ele viveria a inusitada situação de não poder entrar em sua própria casa, pois essa casa ficava no país de onde fora mandado embora. Por outro lado, já há mais de 5 anos havia desmontado sua casa no Brasil. Ou seja, um impasse substancial.

Deportado, Raimundo ficou na minha casa matutando como fazer nova investida para conseguir voltar para sua casa. Ao longo de três meses, enquanto matutava, me contava detalhes do episódio. Aos seus depoimentos juntavam-se outros de colegas que tinham sofrido o mesmo constrangimento. Certos? Errados? Às vezes me parecia uma coisa, às vezes julgava o inverso, mas algo me intrigava sempre: como o sujeito quer ficar num país que não o deseja alí ? Depois, também entendi que esse desejo pode mudar conforme a necessidade de mão de obra. Se o país precisa, abre a fronteira, se não é o caso, fecha. Enfim, o assunto rendia e passávamos algumas horas do dia planejando o regresso de Raimun-

do. Até que, plano amadurecido, ele partiu de volta para os EUA e para sua casa. Nós ficamos ali em Copacabana, tentando acompanhar o percurso do amigo. Tomando vinho, no conforto do lar, esperávamos a notícia, calculando cada momento: o avião já pousou? E o pessoal já está na fila da Migra? Passou? Enfim, instalados em casa, acompanhávamos o desfecho. Até que Raimundo nos ligou, avisando que estava tudo bem, passara na Migra e até o Jeep que ficara os três meses parado no estacionamento tinha pegado de primeira. Tanto planejamento dera certo e ele estava já a caminho de casa.

- 14 Ficou aquela saudade e o assunto. Convidei o Jorge Durán para pensarmos sobre o tema e escrevermos um argumento. Durán, trouxe o documentário *Olhos Azuis*, onde uma pedagoga americana, Jane Elliot, organizava uma oficina *sui-generis*. A proposta da pedagoga era oferecer a possibilidade dos americanos conhecerem na prática as dores de pertencer a uma minoria. Os interessados, os *olhos azuis*, sentavam-se no chão, tendo em sua volta um semi-círculo formado por representantes de minorias, chamados de *olhos negros*. A pedagoga estimulava o confronto, duvidando da verdade das respostas dos olhos azuis e tinha início um duelo, no qual ela sempre saía vencedora e os *olhos azuis* subme-

tidos por sua lógica implacável. O documentário nos serviu de inspiração.

Em seguida veio a Melanie Dimantas e depois de três ou quatro meses tínhamos uma primeira versão do roteiro. Éramos três. Como antes de serem roteiristas, Duran e Malanie são pessoas originais e com interesses diversos, as personagens que surgiam eram igualmente diversas. E elas foram conduzindo a história. Se as decisões das personagens sob pressão são mais reveladoras, na história que montávamos não faltavam essas ocasiões. Na nossa migra, pressão era o que não faltava.

Em 1999, cinco ou seis meses depois de começarmos os trabalhos, já sem fôlego de continuar a reescrever o roteiro, demos por encerrado os trabalhos. Agora, precisávamos de dinheiro para continuar a empreitada. Como outros projetos se mostraram mais viáveis, *Olhos Azuis* foi sendo empurrado com a barriga, até que 8 anos depois anunciavam-se as condições de produção. Voltei para o roteiro e reli. Reparei que o tempo havia interferido na história e aquela que estava ali contada parecia não me interessar mais. Além do que, era preciso adaptar o roteiro ao tamanho do cheque da captação. Enquanto pensava nos meios de produção, lia e relia, preocupado. Até que pedi ao Paulo Halm para sugerir novos

caminhos, tendo como base o tratamento de 1999. Pepe sugeriu. Mais do que isso, operou mudanças radicais no roteiro e fez uma proposta, que entre outras *heresias*, assentava a história em duas vertentes, a da Migra, numa versão mais radical, e a do Marshall, o protagonista, cruzando o estado de Pernambuco de Recife a Petrolina em busca de redenção.

Consultei a co-produtora Heloisa Rezende. Ela gostou. Propus algumas alterações, das quais a mais substancial era o desvio da história de Marshall para a de Bia, fazendo com que a dupla se embrenhasse no sertão.

16 Como sabemos, um roteiro pode ser escrito eternamente, assim como também pode acontecer com a montagem de um filme. Mas, felizmente, o cronograma de produção foi montado e, tendo início a preparação, interrompemos as mudanças. E agora, eles estão aí.

Existe um sabor em conhecer as origens de qualquer projeto, espero que a breve apresentação tenha tido um pouco esse gosto. E, certamente, a publicação dessas duas versões, terá suas curiosidades.

José Joffily

Agosto 2009

Versão Blue6A
1º de março de 1999

Olhos Azuis

Versão Blue6A – 1º/3/99

1– INT. – QUARTO/CASA DA MÃE DE ANTÔNIO CARLOS – NOITE

UMA LEGENDA NOMEIA UMA CIDADE DO NORDESTE DO BRASIL.

Enquanto passam os créditos iniciais do filme, vemos um homem na penumbra. Seu nome é ANTONIO CARLOS, ele tem 35 anos e sua cor morena, seus cabelos crespos e feições nordestinas o caracterizam como um tipo bem brasileiro. Ele está deitado na cama de um quarto de casarão antigo, de pé direito alto e assiste a um documentário na TV. O filme mostra um *workshop* que a pedagoga norte-americana, Jane Elliot, realiza com voluntários. Nesse treinamento, os voluntários, todos de olhos azuis, representam, de maneira simbólica o setor da sociedade norte-americana que controla o poder, e como tal serão submetidos a um exercício pedagógico. Trata-se de um jogo calcado na inversão de papéis: os *olhos azuis* se submetem humildemente às vicissitudes cotidianas dos excluídos da sociedade. A experiência consiste num confronto verbal entre os voluntários e a PEDAGOGA, tendo como juri uma platéia de gente de *olhos de outra cor que não azuis*. Ela interroga, metodicamente, os voluntários, provoca-os, exercitando seu *poder*

arbitrariamente. Ela é a representante dos excluídos, daqueles de *olhos de outra cor que não azuis*. Ela se apropria do discurso dominante e, em nome dos dominados, expõe a hipocrisia do discurso das elites sociorraciais. Sistemáticamente, a PEDAGOGA duvida, ou nega as afirmações dos voluntários, tornando tudo o que eles dizem suspeito. Perverte a lógica e o sentido do que afirmam. Leva-os a experimentar, a sentir na própria carne a sensação de medo, de impotência, de desespero que as minorias raciais, sexuais, religiosas vivem na América do Norte. O filme documenta, com uma narrativa simples a emocionante experiência.

20

O documentário está perto do fim quando terminam os créditos do filme.

O homem está sério, comovido pelo que viu. Seu olhar cai sobre duas malas de viagem. Fecha os olhos. A luz da tevê ilumina o quarto. A câmera inicia um movimento como se fosse saindo pela janela.

FADE OUT:

2 – EXT. – LARGO POEIRENTO – NOITE

SONHO. O clima da cena é alegórico. Um largo amplo e poeirento do sertão seco do Nordeste, iluminado pela luz da lua.

Inesperadamente, surge A. CARLOS. Vem cavalgando em velocidade, facão na mão. Puxa a rédea do cavalo. Salta do animal levantando poeira.

Enfrenta um touro que investe contra ele.
Derruba-o segurando-o pelos chifres.
Com o facão, mata o touro. Levanta a cabeça do
animal morto. Solta um grito primal.

3 – EXT. – CASA DA MÃE DE ANTÔNIO CARLOS
– AMANHECER

No sobrado, uma das janelas está iluminada de
forma pouco realista pela luz da TV ligada.

As nuvens passam voando rápido pelo céu, de-
senhando sombras no antigo sobrado.

FADE OUT:

4 – INT.– QUARTO/CASA DA MÃE DE ANTÔNIO
CARLOS – DIA

A luz clara da manhã ilumina o amplo quarto
onde dorme Antonio Carlos. Os ruídos de uma
feira nordestina invadem o ambiente. Um raio
do sol, irreal, sobe e ilumina intensamente duas
malas preparadas para viagem.

A. CARLOS acorda sobressaltado. A primeira
coisa que ele vê é o rosto sorridente de LUISA,
7 anos, abrindo a porta.

LUISA

(cantando)

Bom dia nada custa aos nossos corações,
devemos dar bom dia aos nossos irmãos ...
(alegre)

Acordei primeiro!

Ele sorri e a abraça.

A. CARLOS

E você, senhorita, por que acordou tão cedo?

LUISA

Só pra te dar mais um beijinho.

A. CARLOS

Hm! Então dá, é disso que eu gosto!

Ela pula em cima dele. Ele a abraça, carinhoso.
Ela lhe dá muitos beijos no rosto todo.

22

A. CARLOS

(continuando; rindo)

Ei, garota, guarda uns beijinhos pra depois!

LUISA

(abraça-se a ele)

Quando você for embora de novo eu não vou mais poder te beijar.

A. CARLOS levanta-se num pulo.

A. CARLOS

Mas enquanto eu estou aqui, vamos aproveitar.

Abre a janela e depara-se com a feira: numa das barracas, a que fica próxima da casa, penduraram a cabeça do animal do seu sonho.

5 EXT. – FEIRA - DIA

A imagem é vista pelo visor de uma câmera de vídeo. Quem grava a imagem é LUISA. Ela vai descrevendo o que vê:

LUISA

Matinhos, banana, maçã, tangerina, graviola, cupuaçu, galinhas, pé de galinhas, ovos de galinha, um ovo de dinossauro.

A. Carlos se diverte com a filha. Andam pela feira de mãos dadas: nas barracas, vende-se de tudo. Param para ouvir um trio com violão, sanfona e triângulo. A. CARLOS grava imagens do sanfoneiro e da filha. A menina dança. Ela obriga o pai a dançar xaxado.

Um fotógrafo de lambe-lambe. Diante da máquina, ANTÔNIO CARLOS e LUISA tiram uma foto. Uma barraca de artesanato de renda. LUISA olha ávida os vestidos.

A. CARLOS

Escolhe um pra você e um pra tua mãe.

Ela escolhe os dois vestidos, um maior e outro menor.

LUISA

Esse ela vai amar de paixão. Cê não acha?

A. CARLOS

Acho. Você dá para ela?

LUISA

Dá você, ué! Tem medo dela?

A. CARLOS

(desconversa)

Quer mais um vestido, brincos, um colar?

24 EM OUTRO LUGAR: A. CARLOS e a filha esbarram num cego de óculos pretos. A bengala do cego cai. A. CARLOS a devolve.

A. CARLOS

(continuando)

Aqui a bengala, Mundinho!

Sente-se que tem afeto pelo homem. O cego reconhece a voz.

CEGO

Antonio Carlos?

A. CARLOS

Em pessoa.

O cego o abraça apertado.

CEGO

E você não tava morando na América do Norte, menino?

A. CARLOS

Vim ver a terrinha. Conferir se tá tudo no lugar.

CEGO

Aqui nada sai do lugar. É a mesma gastura de sempre.

6 – EXT. – FEIRA E BARRACA – DIA

MUNDINHO e ANTONIO CARLOS estão comendo todo tipo de comidas regionais. A. CARLOS sente os sabores com prazer. A filha o admira.

25

A. CARLOS

Mas que maravilha de pimenta. Esta comidinha não tem melhor em nenhum lugar do mundo.

A pimenta forte quase o faz chorar. A filha ri dele. Com o CEGO bebem pinga enquanto a cozinheira GORDA serve mais comidas; LUISA a escuta atenta.

GORDA

Teu pai era um capeta! Quando eu passava, ele corria pra me levantar a saia. Ah, se

fizesse isso hoje em dia! Você está um pão.
A América do Norte te fez bem, rapaz.

A filha está feliz com a fama do pai.

CEGO

Teu pai vivia sonhando ser o herói. Eta,
menino doido!

7 – EXT. – IGREJA – DIA (FLASH BACK)

Na escadaria da igreja rústica, ANTÔNIO CARLOS, 6, e mais três moleques da mesma idade brincam de pirata. As escadarias são o navio. Sentado num banquinho o CEGO participa da brincadeira, puseram nele uma coroa de rei improvisada. A CARLOS é o capitão e fala um inglês de mentira. Avistam terra. Dá ordens aos marujos em inglês.

26

CEGO (O.S.)

Viajava o mundo todo vivendo grandes aventuras. E eu com ele. Ora era rei, ora prisioneiro.

8 – INSERT – EXT. – FEIRA E BARRACA – DIA
AINDA NA BARRACA: encantada, LUISA ouve o relato do CEGO.

9 – EXT. – IGREJA – DIA (FLASH BACK)

Surgem três inimigos que atacam a *tripulação do navio*.

Combatem de espada. Ferozes gritos de feridos, ordens em inglês de mentirinha. A. CARLOS expulsa os invasores.

A. CARLOS

(em portinglish)

Viva o rei the king. Yes king-kong, fu-man-chu, wana you wana do you liberty. God save de king.

A tripulação grita em coro levantando as espadas.

10 – EXT. – FEIRA – BARRACA

A. CARLOS, saudosista. LUISA grita, braço em alto empunhando uma espada imaginária.

27

LUISA

Wrons, wrace de kingui!

A. CARLOS

God save the King, Lu.

CEGO

E eu era rei por um dia, e viajava com teu pai pra ver a China, a Índia, com estes olhos que nunca viram nada. Eu fiquei por aqui e ele foi ver o mundo!

A menina olha o pai com admiração.

11 – EXT. – IGREJA – FIM DE TARDE

Céu avermelhado. O largo ficou vazio. MUNDINHO e ANTONIO CARLOS estão sentados na escadaria da igreja. LUISA está deitada, com a cabeça apoiada nas pernas do pai. Os dois amigos bebem pinga.

A. CARLOS

(nostálgico)

Eu dou muito duro lá, camarada. Não tem essa pinguinha, esse feijãozinho de corda, esse cheiro de música que entra com ervas e te deixa assim plantado no chão. Tem neve e frio no inverno...

28 LUISA olha o pai com amor e pena. O pai a olha com saudade.

LUISA

Fica, pai! Aqui você tem eu. Você não tem saudade de mim?

Abraça a menina com força.

A. CARLOS

Tenho saudade só de te olhar, menina.

LUISA

Então fica comigo...
(mais para ela mesma)
...e com a mãe.

A. CARLOS

(determinado)

Sabe, Mundinho? Chega de viajar, vou ficar aqui pra sempre.

O CEGO canta-lhe versos.

CEGO (CANTANDO)

Se cantar não é problema,

Viver tampouco é dilema.

Partir por não ter que ficar,

A canção segue nesse fim de tarde, quase noite, enquanto pai e filha afastam-se cantando estrófes da música do cego.

29

CEGO

ficar por não ter que partir.

Tudo dá volta

e volta ao mesmo lugar.

O aventureiro fica ou

o aventureiro vai,

na bagunça do destino o nó se desfaz.

A vida é o bem maior que ele traz.

Se cantar não é problema,

viver tampouco é dilema...

12 – EXT. – INT – CASA DA MÃE DE ANTÔNIO
CARLOS – NOITE

Pela janela do casarão vemos uma mulher de mais de 60 anos, vestida com camisola de dor-

mir antiquada, deitada na cama com LUISA. É ALZIRA, mãe de Antonio Carlos e avó de Luisa. Olham um álbum de fotos de família. Viram as páginas e vêem as fotos: um casal e três filhos. Fotos de diversas épocas.

ALZIRA

Quando meu pai, seu avô, morreu, teu pai tinha a tua idade. Sua tia Diana era um ano maior.

LUISA

Como o vovô morreu?

ALZIRA

Ele era piloto de avião e bateu numa palmeira quando ia aterrisar.

LUISA

(soltando um risinho)
Parece coisa de desenho animado!

ALZIRA

(olham uma foto)
Olha a cara de capeta do teu pai. Ele adorava a rua. Sabe como eu fazia pra ele não fugir?

LUISA

Como?

ALZIRA (O.S.)

Eu obrigava ele vestir as roupas da tia Diana para ele ficar com vergonha e não fugir.

LUISA (O.S.)

E ele?

13 – EXT. – TELHADO DA ANTIGA CASA – DIA (FLASH BACK)

No segundo andar de um sobrado, o menino A. Carlos, 11 anos, e uma menina mais ou menos da mesma idade, sua irmã Diana, amarram uma corda comprida na janela. Vestido de mulher, Antonio Carlos desce pela corda até encontrar os amigos. Diana desce atrás.

ALZIRA (O.S.)

Fugia do mesmo jeito! E a Diana ajudava ele.

14 – EXT. – CAMPO DE FUTEBOL – DIA (FLASH BACK)

Um campinho de futebol. A molecada joga pedalada em meio da poeira. DIANA, vibra com as jogadas do irmão que corre atrás da bola vestido de menina.

LUISA (O.S.)

Vestido de menina?

ALZIRA (O.S.)

De menina.

15 – INSERT – QUARTO – NOITE

NO QUARTO DE ALZIRA: LUISA está rindo às gargalhadas.

16 – EXT. – CAMPO DE FUTEBOL – DIA (FLASH BACK)

Ouvem-se as gargalhadas cúmplices da neta e da avó. Dois meninos maiores que A. Carlos estão rindo das roupas dele. Ele parte para cima. Engalfinha-se com um deles, rolam pelo chão. Soca o moleque falastrão na cara. Sobre as imagens entra a voz de Alzira.

ALZIRA (O.S.)

E quem ria apanhava. Moleque briguento. Apanhava mas não chorava nunca. Tirava sangue do nariz dos meninos.

32

17 – INT. – CASA DA MÃE DE ANTÔNIO CARLOS – NOITE

NO QUARTO DE ALZIRA: Luisa está impressionada.

LUISA

Sangue do nariz?

ALZIRA

E da boca.

18 – INT. – CASA DA MÃE DE ANTÔNIO CARLOS – NOITE

A. CARLOS sai de um quarto no extremo do corredor. Está de bermuda, descalço, espreita.

Anda rápido. Chega até o quarto onde estão ALZIRA e LUISA. A porta está aberta. Não quer ser visto. ALZIRA e LUISA olham o álbum. Passa rápido para não ser visto mas LUISA percebe a sombra do pai.

Lépida, Luisa pula da cama e consegue ver o pai esgueirando-se pelo corredor até desaparecer por uma porta.

19 – INT. – QUARTO DE MARIETA – NOITE

Um quarto amplo e mobiliado com moveis antigos e pesados.

Uma sacola de viagem e roupas espalhadas indicam que a mulher nua deitada na cama está de visita. É MARIETA, 33 anos.

33

ANTÔNIO CARLOS estende no pé da cama o vestido que comprou na feira. Fica ali de pé um tempo, olhando com desejo para a mulher. Não resiste, deita-se ao lado e beija-lhe o corpo.

Meio acordada, meio dormindo, Marieta gosta, deixa-se levar pelo prazer mas logo o afasta. Falam em murmúrios:

MARIETA

Que bafo de cana!

A. CARLOS

Bobagem, vem cá, me abraça...

MARIETA

Pára! Esqueceu que a gente tá separado?

Ele insiste em abraça-la. Ela relaxa.

A. CARLOS

Ah, que saudades de você. Você é tão gostosa, Marieta, eu não consigo te esquecer. Penso tanto em você.

MARIETA afasta-o mais uma vez.

MARIETA

De pensar morreu um burro...!

34

A. CARLOS

Quando eu estou lá, sozinho e fudido, eu penso:

(meio canastra)

I'm someone, I have a family. I love you, Marieta.

MARIETA

(rindo)

Em inglês vale tudo, né seu sacana.

Você não vai me enrolar; você me agarra, eu acabo dando pra você e me iludindo. Cai fora.

A. CARLOS faz mais um intento, mas sente que perdeu e desiste.

Do lado de fora do quarto, pela porta entreaberta, LUISA escuta os pais. Afasta-se da porta recuando, sorrindo.

20 – EXT. – CASA DA MÃE DE A. CARLOS – DIA
A família está almoçando. LUISA observa tudo. ALZIRA, a mãe de A. CARLOS é o centro das atenções. Ela pega um prato mais pesado, a mão enverga e o derruba. Diana, a filha, a ajuda.

ALZIRA (QUEIXOSA)

Minha mão tá fraca. Nem crochê dá mais para fazer. E eu fico tão sozinha!

DIANA faz careta para MARIETA de *lá vem ela*.

35

A. CARLOS

Velha, eu estou lá trabalhando para você.

ALZIRA

Você me deixou sozinha por sete anos e vai embora de novo.

DIONISIANO

(meio alto)

Mãe, e eu não conto? *I'm here*.

LUISA ri e MARIETA a repreende com olhar carinhoso.

ALZIRA

Você só sabe beber, menino. E a sua irmã só sabe reclamar de mim!

DIANA

Coitaaada! Mãe, não vai estragar a festa, né?

ALZIRA

(venenosa)

E você, Marieta, não sente essa tristeza, esse vazio, né? Tua casa tá sempre cheia de *amigos*!

36

MARIETA

Graças a Deus, dona Alzira! Só uma coisinha, minha cara ex-sogra, eu e Antonio Carlos estamos separados, se lembra?

ALZIRA

E então o que você está fazendo aqui?

OS FILHOS

Olha a Luisinha, mãe! deixa disso!

ALZIRA

(não se contendo)

Esperando ganhar carro novo? Mais um apartamentinho?

(desabafa com a neta)
E o seu pai, dando duro lá longe, em vez
de economizar, gasta tudo...

MARIETA

A senhora está possuída ou o quê?
(para os outros convivas)
Vocês vão me desculpar, mas essa senho-
ra devia estar servindo para fazer soro
antiofídico.

LUISA abraça a avó.

DIANA

Chega! Comprar um apartamento para a
Luisinha é jogar dinheiro fora? Comprar
uma casa pra senhora é esbanjar dinheiro?

37

ALZIRA

Todo mundo fica contente com as coisas
que ele compra lá de longe, mas eu não.
Eu quero ele perto de mim.

DIANA faz blague.

DIANA

Tão pequenininho...

A. CARLOS abraça a mãe, carinhoso.

A. CARLOS

Vou te levar pros *esteites* no verão, mãeinha. Vão você e a Luisinha. A Marieta não, a Marieta fica, ela tá muito durona, né mãe?

MARIETA sorri e o clima se descontraí.

DIONISIANO

(bêbado)

É isso, minha gente. Alegria, alegria. Um brinde pro mano aventureiro. Esta família tem um herói. Saúde!

38

LUISA levanta um copo de cerveja. MARIETA tira o copo dela.

21 – EXT. – ILHA – DIA

Ilha tropical, mar verde, quente. ANTONIO CARLOS mostra a ilha à LUISA. Vão caminhando no meio da vegetação circundante. Antonio Carlos, com a câmara de vídeo, grava imagens deles. A. CARLOS mostra-lhe uma caverna.

A. CARLOS

Eu e tua mãe escolhemos este lugar para fazer você.

LUISA

Como assim?

A. CARLOS

(fazendo piada)

Nós dois sentamos aqui e escrevemos uma cartinha pedindo uma menininha muito espertinha...

LUISA

Cartinha, pai?

A. CARLOS

É, cartinha para a cegonha.

LUISA

Eu sei como são feitos os bebês.

A. CARLOS

Jura?

LUISA

Tá me achando com cara de quê? Bebês são feitos com aquele girino que o pai coloca no ovinho da mãe!

Antonio Carlos reage.

Chegam numa elevação da qual se vê o mar. É uma paisagem deslumbrante.

A. CARLOS

Com o dinheiro que eu estou ganhando vou fazer aqui uma casa linda e cheia de

plantas. Não é lindo? Tudo junto, mar, sol, cachoeira...

LUISA

Eu prefiro neve.

A. CARLOS

Neve na cidade é fria, suja, chata. Um monte de gente quebra a perna escorregando no gelo e nos cocôs congelados.

LUISA

Posso ter um *poodle* com lacinho?

40

A. CARLOS

Arghh! Tô brincando, pode sim.

22 – EXT. – ILHA – PRAIA – FIM DE TARDE

O rádio *cebolão* toca alto. Alguns casais dançam. Pequena orgia à beira-mar. A. CARLOS, já meio de porre, está abraçando apertado três homens, da sua idade. LUISA está com o pai e observa tudo.

A. CARLOS

Meu Deus! Os três patetas!

HOMEM 1

Harry, Moe, e Joe inteiros.

A. CARLOS

Como é que vocês estão?

HOMEM 1

Continuamos na merda, mas você, olha só pra você!

A. CARLOS

Estou na merda... em inglês.

HOMEM 2

Até parece! Tá dizendo isso pra consolar a gente?

HOMEM 1

Falam que tu tá ficando rico, rapaz!

41

A. CARLOS

Que nada. Juntei uns trocados mas trabalho que nem um boi no arado!

HOMEM 2

É verdade que as gringas adoram uma pica brasileira?

HOMEM 3

(dando um toque)
Olha a menina!

HOMEM 1

Bonitinha como a mãe.

A. CARLOS faz um comentário com expressão facial.

HOMEM 1

(continuing)

A vida lá deve ser muito boa!

A. CARLOS

Nem melhor nem pior. Lá o trabalho é mais bem pago, você vale pelo que faz.

Passa a mão na cabeça da menina que escuta com atenção.

HOMEM 2

Lá tem, como é mesmo que se diz negócios?

A. CARLOS

Business!

HOMEM 2

Isso! Tu tá mais norte-americano que a Carmen Miranda.

PASSAGEM DE TEMPO. Enciumado, ANTÔNIO CARLOS olha MARIETA dançando sensualmente com um dos três patetas. Sua irmã DIANA percebe o ciúme dele. LUISA também.

DIANA

Você esperava o quê? Uma Penélope? Não, mano, é só Ulisses virar as costas que o

palácio se enche de pretendentes. E olha só que mulherão...

Cheia de sensualidade, DIANA capricha nos passos.

A. CARLOS

Cacete! Mulher é um bicho danado!
Nunca se sabe o que tem na cabeça.

ANTÔNIO CARLOS repara que LUISA espera uma reação dele.

Quase à força, tira MARIETA do braços do amigo.

OS TRÊS AMIGOS

(em coro)

Está com ciúmes?

43

A. CARLOS

Vão tomar no...

Dança com MARIETA. Beija o pescoço, e a orelha dela. Ela finge indiferença. LUISA gosta de vê-los juntos.

A. CARLOS

(continuando)

Quer me deixar maluco? Você não sabe que eu te amo?

MARIETA

Juramento de bêbado vale?

Ele a obriga a beijá-lo. Ela se entrega.
LUIZA está feliz ao ver os pais se afastando da festa aos beijos e abraços. Bebe um restinho da cerveja de uma garrafa.

23 – ILHA – CAVERNA E CACHOEIRA – FIM DE TARDE

ANTÔNIO CARLOS e MARIETA.

A. CARLOS

Vem comigo amanhã.

MARIETA

44

Não vou largar tudo para ir atrás de você. Você foi embora porque quis. Veio uma vez e a gente mal se viu.

A. CARLOS

Trabalho feito um camelo...

MARIETA

Não vem com essa. Eu me garanto, não preciso da tua grana.

A. CARLOS

Você acha que não valeu a pena?

MARIETA

Aqui você era jornalista, tinha um emprego legalzinho. E lá, você é o quê? Poderíamos ter feito tudo juntos. Mas pra você isso não tinha *aventura*, era muito sem tesão.

A. CARLOS

Você me deixou ir sem reclamar.

MARIETA

Você ia de qualquer jeito. Ia ficar um ano... e, ó, já se passaram sete!

A. CARLOS

45

Me pede para eu ficar.

MARIETA

Então fica!

(agressiva)

Estou te pedindo agora. Fica!

Ele não sabe o que responder.

A. CARLOS

Não posso desistir agora.

MARIETA

Por quê?

A. CARLOS

Tenho compromissos... Não posso ficar aqui agora! Você me entende?

MARIETA

Como vou te entender? Vai embora mas quer ficar...

A. CARLOS

Isso! quero ir, e quero ficar!

MARIETA

Juntou dinheiro, comprou casa, apartamento, lanchonete, taxi, caminhão. Que mais você quer?

46

A. CARLOS

Vou fechar um negócio muito bom lá.

MARIETA

(incrédula)

Tem certeza que é por isso que quer ir?

A. CARLOS

(reflete; sincero)

Não sei!

MARIETA

Esse é o A. Carlos que eu conheço!

A. CARLOS

Não tenho nada para contar pra Luisa, apenas que trabalhei feito um cão, trabalhei demais, trabalhei muito, de dia e de noite e juntei uma boa grana. Só isso.

MARIETA

(não sem ironia)

E não foi por isso que você foi embora?

A. CARLOS

(parece triste)

Acho que todo homem tem somente uma casa. Mesmo que não more nela, ela sempre será a sua casa. Eu não sei mais onde é a minha casa!

47

MARIETA o protege. Abraçam-se estreitamente.

MARIETA

Pelo menos você tem pra onde voltar.

E pra você não esquecer de mim...

Ela o beija, o abraça, o faz deitar-se.

24 – INT. – CASA DE ANTÔNIO CARLOS – DIA

A. CARLOS está vestido, acabando de fechar a mala. A filha está triste.

A. CARLOS

(culpado)

Lu, eu tenho que ganhar mais dinheiro

pra gente fazer aquela casa... para comprar um *poodle* de lacinho vermelho.

LUISA

Posso ir com você?

A. CARLOS

Mas não dá para eu cuidar de você lá. Você ia ficar sozinha que nem um peixinho de aquário.

LUISA

Eu sei cozinhar sanduíche.

A. CARLOS

Vamos combinar uma coisa: nas próximas férias você e sua mãe vão passear lá, com direito a Disney e tudo.

Ela ri triste. Ela lhe entrega uma fita de vídeo.

LUISA

Pra você não ficar sozinho.

A. CARLOS também está triste.

25 – INT. – AEROPORTO – BRASIL – DIA

A. CARLOS faz *check in* na companhia aérea em que viaja. O destino é Miami. Anunciam a partida do voo dele. Ele olha para os lados como se

procurasse alguém e, em seguida, vai em frente pelo corredor do aeroporto.

26 – INT. – AEROPORTO – CHILE – DIA

LALO, chileno, vestindo roupas esportivas que contrastam com a seriedade de seu rosto, olha a cordilheira que se destaca na paisagem. Em espanhol anunciam a partida do voo da companhia nacional para Miami.

27 EXT-RUA-BUENOS AIRES-DIA 27

Um senhor de mais de 50 anos está sentado dentro de um táxi. Olha as ruas enquanto o carro segue seu percurso. No rádio, um indefectível tango.

49

CHOFER

Sabe cual es el mejor camino para un Argentino resolver sus problemas? El aeropuerto internacional de Ezeiza.

(ri de suas palavras)

Rey hay uno solo y es Maradona, pero país hay uno solo y se llama América.

El resto es silencio, mi amigo.

Suerte suya estar lléndose!

MARIO TAPIA

(cerimonioso)

Cuando un hombre debe abandonar su país para sobrevivir, es muy triste, amigo.

28 – INT. – AEROPORTO – BRASIL – DIA

Já no salão de embarque, um mulato alto, homossexual assumido e agressivo, ROGÉRIO, está vestindo roupas espalhafatosas e fala alto no telefone público, sem se importar com quem o olha.

ROGÉRIO

(implora)

Chama ela, por favor. Só pra dizer adeus!

(com raiva)

Você não é o dono dela, mano.

(desculpando-se)

Tá bom, tá bom; não sou teu irmão, mas chama ela, te imploro!

(descontrola-se)

Ela não quer falar comigo? Mentira tua, cafajeste, escroto, cês nunca mais vão ver a minha cara.

(grita)

Vou pra não voltar nunca mais.

Larga o telefone com violência. Afasta-se rebolando, carregando uma bolsa de viagem, sempre sem ligar para quem o olha.

Cruzando seu caminho, uma jovem elegante, bem tratada, PATRÍCIA, fala ao celular. A câmera fica com ela. Anunciam partida de um vôo da linha aérea nacional com destino a Miami.

PATRÍCIA

(ao telefone)

Tá um caos aqui. Gente pra caramba.

Um caos...

(ao telefone)

E o f. da p. do meu pai, pão-duro desgraçado, me dá uma passagem classe executiva. Com as neguinhas dele, não faz economia, é tudo primeira classe. Estão chamando, querida. Lá vou eu...

(imita uma vaca)

Tô me sentindo como gado que vai embarcar. Tá um clima assim meio vaca mesmo. Muuu...

(rindo)

Te ligo de Miami. Tchau!

51

Ela cruza o *hall* andando rápido. Mais adiante, ultrapassa A. CARLOS que caminha decidido pelo túnel que leva ao avião. Ele conversa com outro passageiro. A câmera fica agora com os dois.

PASSAGEIRO

Miami é legal. Não aguentava mais Nova Iorque; frio danado.

A. CARLOS

É verdade. Foi muito bom te encontrar.
(meio falastrão)

Vou precisar de sócios. Tô com um negócio que vai dar muita grana, rapaz. Me dá teu telefone.

29 – INT.– AEROPORTO – EQUADOR – DIA

Os raios X mostram o interior das sacolas de viagem que passam pela esteira. Estão chamando para embarque do vôo da linha aérea local para Miami. O casal ASSUMPTA e ROBERTO aguarda que as bolsas sejam radiografadas. Ela mostra-se calma. Ele está evidentemente nervoso. Cada um deles segura um exemplar de um livro encadernado. Um em capa preta e o outro em capa branca. Eles sempre falarão em espanhol.

52

ASSUMPTA

Calma, meu amor, não precisa ter medo,
o avião não vai cair.

(ao funcionário)

Ele morre de medo de voar!

O funcionário sorri, compreensivo. O casal afasta-se.

ASSUMPTA

(continuing)

Meu amor, você quer estragar tudo?

Tranquila, ASSUMPTA chega a um canto isolado e avalia os livros que levam. Examina a capa, sente o cheiro e o peso.

ROBERTO

Isso é um presente de grego. Vamos jogar fora.

ASSUMPTA

Presente a gente aceita, sem reclamar. Amor, se tudo der certo, vamos poder viver tranquilos um bom tempo. Não é isso que a gente quer?

ROBERTO

E se não der certo? Qual é o preço que vamos pagar?

(aflito)

Vamos ficar aqui, eu gosto daqui, Quito é tão linda...

53

ASSUMPTA

(definitiva)

Roberto, eu vou continuar morando na América do Norte. Eu preciso ficar longe de tudo para escrever. E você também. Mas se você quer ficar, fica. Eu corro o risco.

Ela abre o livro que carrega. Vemos sua foto na orelha da capa. Pega o dele; e abre. Olha a foto dele.

ASSUMPTA

(continuing)

A gente saiu lindo nas fotos, não é?

ROBERTO

Já temos a foto de frente, só falta a de perfil com aquele uniforme listrado lá da penitenciária.

Anunciam a última chamada do voo da linha aérea nacional com destino a Miami.

30 – EXT. – AVIÕES – DIA

Aviões de passageiros levantam voo: são das linhas aéreas do Equador, Brasil, Chile, Argentina, Cuba e Bolívia.

FADE OUT:

54

31 – EXT. – RUA AMERICANA – DIA

UMA LEGENDA: MIAMI. Imagens documentais mostram ruas, avenidas, casas e paisagens típicas de Miami. Num carro, vestindo uniformes, estão MARSHALL, 60 e poucos anos e BOB, mais ou menos 33. O velho observa tudo com seus olhos absurdamente azuis. Os diálogos entre os dois serão sempre em inglês.

Outras imagens documentais registram prédios, decadentes ou luxuosos, pessoas comuns, miseráveis e abastados. Visto do alto, o carro cruza pelas ruas. Vemos negros, latinos, drogaditos e *dealers* em atitude suspeita. Mais adiante, um louco prega numa esquina. Um carro é detido pela polícia.

Policiais revistam os ocupantes a procura de armas. Sobre estas ultimas imagens ouvimos a conversa de BOB e MARSHALL.

Os dialogos entre eles será sempre em inglês.

MARSHALL

A América na merda e eu de chinelos.

BOB

Isso não é problema teu.

MARSHALL

Realmente! Não consigo imaginar como vai ser amanhã.

BOB

Amanhã você acorda e vai para a praia.

MARSHALL

Fazer o que na praia?

BOB

Ficar à toa, com o barrigão para o ar.

(pausa)

E se o teu pau ainda levantar, pode pegar uma mulher.

MARSHALL

(estala os dedos)

E uma interminável fila de louras vai bater na minha porta.

BOB

Aí você distribui senha...

Eles riem. O velho abre uma garrafinha de bolso e bebe *whisky*.

MARSHALL

(observa Bob)

Vou indicar meu sucessor.

(com intenção)

Tem alguma sugestão?

BOB mostra indiferença e nega com um gesto de cabeça.

56

MARSHALL

(continuing; irônico)

Tanto desinteresse é suspeito! Seu filho da puta fingido!

32 – INT. – EXT– MIAMI – LANCHONETE – NOITE
Local típico norte-americano. MARSHALL acaba uma cerveja que a garçonete substitui por outra. BOB faz um lanche.

MARSHALL

(silencio pesado)

Estou com o sangue fervendo de raiva.

É muito injusto. Eu ainda tenho muita coisa pra fazer. Amanhã vou ser mais um

aposentado, mais um filho da puta inútil.
Parece que não fiz nada que valesse a pena.

BOB

Bola pra frente, amigão. Tenta fazer
que nem os coroas dos filmes, que nem
o Morgan Freeman... O policial durão se
aposenta, pega o barquinho chamado *Peter Pan* e sai por aí singrando os mares...

MARSHALL

Nos filmes os caras morrem uma hora
antes de sair no barquinho. E se for
negro pior.

BOB

57

(rindo)

Isso lá é verdade.

(mudando o tom)

Mas, você é o cara mais chato da repartição. O mais chato e o melhor de todos.
Você merece um bom descanso, Marshall.

MARSHALL

O descanso eterno?

Bob ri. MARSHALL bebe a cerveja sofregamente.

BOB

Olha o porre! Ainda tem trabalho.

33 – EXT. – AEROPORTO DE MIAMI – ENTARDECER
Aviões de diversas linhas aéreas pousam na pista do aeroporto. A bandeira norte-americana sempre presente.

34 – INT. – SAGUÃO DO AEROPORTO – NOITE
Passageiros de diversos vôos no saguão. Malas, carrinhos, confusão. A Varig anuncia a chegada de vôo numero x. Os passageiros deixam o avião pela rampa; clima festivo.
Famílias de turistas brasileiros, com sacolas de agências: Soletur, Stella Barros etc. Perdidos na multidão, sem se conhecerem, ANTONIO CARLOS, PATRÍCIA e ROGÉRIO.

58

35 – INT. – AEROPORTO– IMIGRAÇÃO – NOITE
Filas de passageiros recém-desembarcados apresentam seus passaportes nos guichês da imigração. Os oficiais examinam os documentos, conferindo fotografias e informações diversas. MARSHALL e BOB cruzam o saguão.

36 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – NOITE
SANDRA, afro-americana de 40 anos, uniformizada como todos os oficiais, balança um chaveirinho dourado em forma de chinelinhos.

SANDRA

Olha só, *John Wayne*! Tenho um presentinho para você.

Entrega o chaveiro a MARSHALL. Ele olha o chaveiro.

Na televisão, atrás dele, o telejornal noticia uma perseguição movida pela polícia a dois imigrantes ilegais.

Vemos imagens da violenta caçada.

MARSHALL

Aposentadoria! Grande merda!

SANDRA

(em tom de discurso)

Falando sério, Marshall, você foi um puta patrão, nunca fez diferença pelo fato de eu ser mulher, negra, coroa e gorda. Um chefe e tanto. Graças a Deus que eu não sou latina nem judia, senão podia ser demais. Te devo essa!

59

MARSHALL

Despedida me deixa com a boca seca.

Tira da gaveta uma garrafa de *whisky* e enche três copinhos.

Olha interessado para o noticiário na TV.

No telejornal, a polícia prende os fugitivos. Espanca-os.

MARSHALL

(continuing)

Temos motivo para festejar!

BOB

É proibido beber em serviço, mas já que
é para uma nobre causa...

MARSHALL

(levantando o copo)

Saúde!

BOB

Saúde!

SANDRA

Saúde ao melhor chefe que este departa-
mento já teve!

60

Fica olhando o telejornal. O locutor anuncia que
os dois fugitivos eram imigrantes clandestinos.

MARSHALL

(bem humorado)

Hoje vamos trabalhar dobrado.

Ninguém entra sem explicar o que veio
fazer aqui.

37 – INT. – AEROPORTO – IMIGRAÇÃO – NOITE
Numa das filas está ROGÉRIO paquerando um
jovem.

Noutra, LALO conversa com uma velhinha.

A. CARLOS chama a atenção do conhecido que
encontrou anteriormente; ele está numa outra

fila, e pede por gestos que lhe telefone. PATRICIA está na frente de A. Carlos, falando pelo celular. CALIPSO, jovem de 23 anos, morena, assustada, examina seu passaporte.

ROBERTO e ASSUMPTA; ele tenso, ela relax, conversam entre si.

No GUICHÊ 1: Um oficial da imigração manuseia o passaporte de ORLANDO PAZ, boliviano de 35 anos, de fortes traços indígenas. Os oficiais sempre falam em inglês.

ORLANDO

Sou médico.

OFICIAL

Médico?

61

ORLANDO

Médico residente do Metropolitan Hospital de Nova Iorque.

O OFICIAL examina o passaporte; confere a foto com o próprio.

OFICIAL

(duvidando)

Médico do Metropolitan?

ORLANDO

Sim, senhor. Do Metropolitan!

GUICHÊ 2: oficial interroga LALO.

LALO

(animado)

Vim a passeio.

OFICIAL 2

O senhor é fã do Mickey ou da Minnie?

LALO

Da Mônica charuto! E o senhor?

GUICHÊ 1: MARIO TAPIA, 55 anos, argentino de bigode, é interrogado.

62

MARIO TAPIA

(seco, frio, cortante)

Para mim, tanto faz Mickey ou Minnie.

Vim a negócio.

OFICIAL

Que tipo de negócio?

GUICHÊ 3: A. CARLOS está impaciente; olha irritado para PATRÍCIA, à sua frente, que ainda fala pelo celular.

PATRÍCIA

(ao telefone)

Isto aqui fede, menina. Como você sabe,

só vem lixo pra Miami. E como eu detesto pobre, já imaginou né...

Sem parar de tagarelar, com total descaso, entrega seu passaporte ao OFICIAL.

PATRÍCIA

(continuing)

Avisa para o pessoal onde vou estar em Paris... anota o endereço...

OFICIAL

Quanto tempo pretende ficar?

PATRÍCIA

(soberba, para o oficial)

Como assim?

(ao telefone)

Calma, querida, já te dou o endereço.

OFICIAL

Quanto tempo pretende ficar?

PATRÍCIA

Two weeks. Maybe less. I'm flying to Paris.

(ao telefone)

Anota o endereço... 36, rue de Clichy.

(Arrogante. Ao oficial, que aguarda)

Algum problema?

OFICIAL 1

Por favor, a srta. acompanhe o guarda.

Um guarda da imigração aparece prontamente.

PATRÍCIA

(espantada)

Qual é o problema?

Ignorando-a, o oficial chama o seguinte passageiro.

OFICIAL

Next!

A. CARLOS ri dela. Demora-se em obedecer a chamada do oficial.

OFICIAL

(continuing; irritado)

Next!

A. CARLOS pula e entrega o passaporte, olhando com ironia PATRICIA que argumenta com o GUARDA.

OFICIAL

(continuing)

Quanto tempo pretende...

A. CARLOS

(interrompe-o. Fala inglês razoável)

Tempo indefinido.

OFICIAL

Quanto tempo pretende...

A. CARLOS

Um bom tempo. Tenho autorização para isso, não tenho? Tenho trabalho, documentação...

O OFICIAL o observa friamente.

OFICIAL

Quanto dinheiro o sr. está trazendo?

A. CARLOS

Meu dinheiro está num banco norte-americano.

65

38 – INT. – AEROPORTO – CORREDORES – NOITE
A. CARLOS segue o GUARDA. Ao lado dele caminham ORLANDO PAZ e PATRÍCIA.

A. CARLOS

Isto é um absurdo. Tenho uma conexão para Nova Iorque em 50 minutos. Vou perder minha conexão.

ORLANDO parece mais calmo. PATRÍCIA liga mais uma vez o celular enquanto ajeita sua frasqueira Vuitton.

PATRÍCIA

(ao telefone)

Alô, Tânia? Chama meu pai!

(pausa)

Interrompe essa merda de reunião...

Alô, alô! Merda!

Ela fecha o telefone com violência, e continua caminhando.

PATRÍCIA

(continuing; para o oficial)

Is there any phonebooth here?

66

O oficial parece não ouvi-la.

39 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

No salão amplo, há cerca de 100 cadeiras pregadas no chão, todas viradas de frente para duas salas menores. As salas são separadas por divisórias, e por divisórias de vidro com o salão maior, onde estão os passageiros detidos. Predomina gente jovem, homens e mulheres, muitos deles tipos mestiços de branco, índio, negro. PATRICIA, A. CARLOS e ORLANDO entram no salão.

40 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

Através da janela de vidro, MARSHALL, BOB e SANDRA observam o salão que continua enchendo de gente.

MARSHALL

Alguma coisa um de vocês vai ganhar hoje. Talvez um cargo superior para o melhor da classe?

SANDRA

(jogando verde)

Mas isso é para o queridinho do Bob.

MARSHALL

Viu isso na sua bola de cristal?

SANDRA

Ainda posso sonhar com um aumento de salário, não posso? Vestidos Calvin Klein, apertadinhos...

67

(fazendo pose de modelo)

Um corpinho lipoaspirado. Um carrão, um marido zero km... Sonhar não custa nada!

MARSHALL

E você, Bob? Para que te serviria o cargo?

BOB

Mais dinheiro é básico!

MARSHALL

... e mais poder.

SANDRA

Isso significa que já escolheu ele?

MARSHALL

Se ele provar que é bom para o cargo.
(sugestivo)
Senão...

MARSHALL espalha na mesa uma pilha de passaportes.

MARSHALL

(continuing)
Sandra, você escolhe.

SANDRA

Como assim?

MARSHALL

Deixa a tua intuição falar. Escolhe sete, dez, 12. Escolhe quantos quiser.

Bebe *whisky*. Ela começa a tarefa. Vai escolhendo passaportes, um por um. Separa 13 passaportes de diversos países e os isola do resto.

MARSHALL

(continuing)
Com 20 dólares você consegue um passaporte falso em qualquer lugar do mundo.

BOB

Eu aposto que são todos legítimos.

SANDRA

Podem não ser! O chefe tem razão!

BOB

Isso é paranóia. Se o passaporte não vale nada, o que vale então?

MARSHALL

O nosso olho. Eles...

(indica o salão)

sempre vão dizer que são inocentes.

BOB

E são culpados de quê? Você tem algo pessoal contra eles?

SANDRA

E você tem algo a favor?

BOB

Eu não tenho nem a favor nem contra!

MARSHALL

(aponta para o salão)

Para mim todos são suspeitos e ponto final. É uma questão de método.

BOB

Não bota pelo em ovo, Marshall.

MARSHALL

Aposto os pelos do meu ovo que deste mato sai coelho.

SANDRA

Faço questão de inspecionar o pagamento da aposta.

Risos. SANDRA escolhe passaportes. Toca-os numa cômica encenação de vidente. Em todos vemos detalhes dos nomes e as fotos. O primeiro em que se detém é o documento de Antonio Carlos.

SANDRA

(continuing)

Este é um aventureiro, um navio perdido nas tempestades.

70

41 – INSERT – SALA DE ESPERA – NOITE

A. CARLOS olhando as pessoas do salão. O salão está lotando.

SANDRA (O.S.)

(referindo-se a Assumpta)

Mulher fálica, quente.

ASSUMPTA observa tudo a sua volta.

42 – INT. – AQUARIO – NOITE

SANDRA segura o passaporte de Roberto nas mãos.

SANDRA

Artista, esforçado e dependente.

43 – INSERT – SALA DE ESPERA – NOITE

ROBERTO limpa o suor da testa.

44 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

SANDRA toca a foto de MARIO TAPIA no passaporte. Sua atitude muda. Fica séria, como se estivesse em transe. Olha a foto de MARIO TAPIA. Um tango bem tradicional sobe em fade.

45 – INT. – AEROPORTO – BANHEIRO – NOITE

Frente ao espelho, MARIO TAPIA examina o rosto, desliza os dedos sobre o lábio superior alisando o bigode.

71

46 – INT. – SALÃO ANTIQUADO – NOITE

Em falso *raccord*, uma mão de mulher desliza os dedos pelo cabelo e a nuca de MARIO TAPIA. Ele sorri, sedutor.

Uma pequena orquestra capricha nos acordes do tango. A mulher está de costas, vestido decotado, belos ombros aparecendo.

Ele a enlaça. Dançam com maestria. Ela sempre de costas, ele de frente. Pés e pernas fazendo passos, entrelaçando-se, parando, avançando, deslizando.

47 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

O tango morre em fade. SANDRA cambaleia. MARSHALL e BOB sorriem, como quem assiste a um espetáculo. Ela parece em transe e geme. Acorda.

SANDRA

Estranho, algo ruim... pesado.
Energia negativa!

BOB e MARSHALL batem palmas. SANDRA, embora perturbada, alcança outro passaporte. Olha a foto. Um homem magro e de bigodinhos: é o LATINO. SANDRA muda de atitude, rompe o clima sério e faz comédia.

72

SANDRA

(continuing)
Ferrado.

Toca outro passaporte, idêntico ao do LATINO.

SANDRA

(continuing)
Ferrado...

Toca outro passaporte ainda mais.

SANDRA

(continuing)
Ferrado, ferrado, ferrado, ferrado.

BOB pega a bolsa dela, como sentindo-lhe a energia.

BOB

Bruxa de Salem.

SANDRA

Ri, Bob, ri dos poderes de Sandra!

Mostra os passaportes escolhidos a MARSHALL.

SANDRA

(continuing)

Pronto, chefe. Estes aqui são quentes. O resto pode dispensar. Eu garanto.

73

MARSHALL

Isola esse pessoal. Solta o resto do gado. Vai, velha bruxa.

48 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE

O salão está sendo esvaziado. A. CARLOS observa os oficiais que vigiam a porta que comunica com o corredor do aeroporto.

Numerosos passageiros estão abandonando o salão; eles reclamam, xingam, pedem informações aos oficiais, que parecem não ouvi-los. Os OFICIAIS deixam o salão conduzindo os últimos cinco passageiros e fecham a porta.

Agora o salão parece muito maior. Espalhados, em silêncio, tensos, perplexos, na expectativa ficaram ASSUMPTA, ROBERTO, ORLANDO, PATRÍCIA, LALO, A. CARLOS, MARIO TAPIA, ROGÉRIO e CALIPSO. Também ficou o LATINO com a delegação de quatro desportistas. Entre essas personagens os idiomas falados serão o espanhol, o português ou a mistura de ambos.

A. CARLOS

Que é que está havendo?

ORLANDO

74 Já passei por isto antes, mas nunca vi algo assim.

Pela janela do aquário, MARSHALL, BOB e SANDRA observam o salão. E são observados por aqueles que ficaram. MARSHALL serve *whisky* para os colegas.

MARSHALL

Olha lá, estavam confiantes, agora, ó, estão assustados. Vocês tão vendo como é o ser humano. Essa foi a primeira lição: baixar a moral da tropa. Acho que agora tá na hora de começar!

49 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

A. CARLOS explica, enquanto BOB examina o passaporte. É contido e impessoal. MARSHALL os observa. SANDRA, ao lado dele.

A. CARLOS

Estou tirando meu *green card*. Tem um documento oficial anexado no passaporte.

MARSHALL o observa e A. CARLOS por um momento sorri para ele, sem receber o troco de volta.

BOB

Jornalista!

75

A. CARLOS

Sim. Mas agora mexo com comércio. Há produtos brasileiros que interessam aqui.

BOB

(interrompendo)

Foi de férias ao Brasil?

Examina o passaporte. Examina o documento anexado.

A. CARLOS

Fui visitar minha filha.

BOB

O senhor não é casado com uma norte-americana?

A. CARLOS

Eu não sou casado de verdade no Brasil. Aqui eu fui casado com uma norte-americana.

50 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

No AQUÁRIO VIZINHO, SANDRA está sentada na cadeira. Examina o passaporte de ASSUMPTA, que parece tranquila. ASSUMPTA presta atenção ao diálogo do aquário onde está Antonio Carlos. SANDRA a olha e recebe um sorriso simpático.

76

SANDRA

Escritora...

ASSUMPTA

Sim...

A. CARLOS (O.S.)

Vivemos juntos dois anos.

SANDRA

Equador! É bonito lá?

ASSUMPTA

Recomendo.

MARSHALL surge na porta; a chama. SANDRA pula da cadeira, Marshall se senta.

BOB (O.S.)

Como podemos localizar a sua esposa, a norte-americana. O nome dela...

51 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB e A. CARLOS. SANDRA entra no aquário.

A. CARLOS

Lynn Robinson. Mas não sei aonde ela anda.

BOB

77

Por quê?

A. CARLOS

(constrangido)

Ela foi embora... sem aviso prévio.

BOB vai continuar. SANDRA se adianta.

SANDRA

(irônica)

E o senhor chorou muito pelo abandono?

A. CARLOS

(solícito)

Desculpe mas... isso é importante?

SANDRA

(interrompendo)

Cariño, aqui tudo nos interessa! Uma curiosidade. Por que não casou no Brasil e casou aqui?

A. CARLOS

Motivos pessoais.

SANDRA

Me dê uma pista...

A. CARLOS

(acuado)

Motivos pessoais.

78

52 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

As pernas de ASSUMPTA são o assunto. MARSHALL observa ASSUMPTA. Ela o ignora; está atenta ao diálogo na sala ao lado. O norte-americano estica os braços, respira fundo, sacode a cabeça para espantar o porre que se anuncia.

BOB (O.S.)

Como se chamam seus sogros norte-americanos?

A. CARLOS (O.S.)

(tentando lembrar)

Eram dois velhos. Viviam numa cidade pequena no Arizona. Realmente não lembro.

53 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB observa A. CARLOS com neutralidade. SANDRA já o condenou.

MARSHALL aparece na porta, intervém, seco.

MARSHALL

Alguma vez visitou seus sogros?

A. CARLOS

Quando nos casamos, fomos visitá-los.

MARSHALL

Como se chamava o lugar?

Ele não responde. Foi pego de surpresa.

54 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

ASSUMPTA está tensa.

79

A. CARLOS (O.S.)

Sedona, isso!

A resposta a deixa aliviada, sorri.

55 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

MARSHALL gratamente surpreso.

MARSHALL

Você conhece Sedona?

A. CARLOS

Conheço sim.

MARSHALL

E como foram até lá? Por terra?

A. CARLOS

(inseguro)

De avião... e também por terra.

MARSHALL

Gostou de lá?

A. CARLOS

Gostei... Uma cidade... como outra qualquer... só fui lá uma vez.

SANDRA

(irônica)

Os sogrinhos? Foram simpáticos?

80

MARSHALL olha-o inexpressivo.

56 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

ASSUMPTA no lugar em que estava A. CARLOS. Ela mostra-se calma. BOB gosta do que vê, observa-a um tempo a mais do necessário. SANDRA está num canto da sala e percebe.

ASSUMPTA

Eu e o meu marido visitamos universidades. Fazemos contatos. Conseguimos convites para recitais, conferências.

MARSHALL

É mesmo?

BOB revisa o passaporte.

ASSUMPTA

O interesse da juventude daqui pela América do Sul é enorme.

BOB

(examinando o passaporte)
Tem múltiplas entradas.

ASSUMPTA

Estamos sempre viajando. Somos poetas.

MARSHALL

E isso é profissão?

BOB se impacienta. Faz um gesto para ele ficar de fora.

ASSUMPTA e BOB encaram-se de frente, olho no olho.

ASSUMPTA

Para muita gente não é.

(jovial)

Às vezes me perguntam: em que trabalha? Eu digo que escrevo poesia.

E me dizem: ah, que interessante! Mas você trabalha mesmo em quê?

SANDRA ri. ASSUMPTA desvia o olhar e sorri para ela. BOB só consegue olhar para ela. ASSUMPTA muda o tom e fala para BOB.

ASSUMPTA

(continuing)

Em Nova Iorque, você está no centro do mundo. E esses convites nos permitem ficar escrevendo em paz.

57 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

ROBERTO muito tenso, de pé, olhando o aquário. Percebe o jeito com que BOB olha para sua mulher.

ASSUMPTA (VOZ)

82

No Equador, a gente não consegue viver de escrever.

58 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB muda o tom. Fala mais suave, o tom é mais pessoal. SANDRA dá um sorriso sacana, entendendo tudo.

BOB

Onde vocês vão se hospedar?

ASSUMPTA

Em casa de amigos.

BOB

Pode me dar os nomes, telefones?

ASSUMPTA

(segura)

Quer anotar? Phillip Glass...

BOB

O músico...

MARSHALL

(interrompe, frio)

Senhora, poderia nos dar telefones de amigos latinos, ilegais como vocês?

Isso melhoraria a sua situação e a do seu marido rapidamente.

SANDRA abandona a sala. Muito segura, ASSUMPTA nega a oferta com um gesto definitivo. BOB fala um espanhol razoável. Nitidamente, faz isso para agradá-la.

83

BOB

Você já publicou algum livro?

ASSUMPTA

Já...

BOB

Tem algum aí com a senhora?

ASSUMPTA duvida um segundo: entrega-lhe o livro de capa dura que estava em sua bolsa. Na

contracapa BOB vê a fotografia dela. Compara-a com ela ao vivo. Ficam se olhando um segundo a mais do que o necessário.

Visto do aquário, ROBERTO está pálido, ofegante, em pânico.

59 – INT.– SALA DOS OFICIAIS – NOITE

Estão somente BOB, MARSHALL e SANDRA.

SANDRA

(sarcástica)

Você é muito cafajeste, chefe.

Tripudia dela porque é mulher.

84

MARSHALL diverte-se. BOB também. Isso a irrita.

SANDRA

(continuing; para Bob)

Você acha que não reparei? Ficou deslumbrado com as coxas dela, babão.

MARSHALL

(debocha dela)

Ela está mentindo, tá na cara que vivem aqui!

BOB

Por que mentiria?

SANDRA

Saquei tudo!

(para Bob; sarcástica)

Está imaginando ela sussurando poemas
na tua orelha nojenta!

BOB

O chefe que bebe e você que fica de porre?

60 – INT. – SALÃO DE ESPERA NOITE

ROBERTO está nervoso e mal consegue ficar
parado no lugar.

ASSUMPTA

Finalmente vou saber o que um gringo
acha do que eu escrevo. O gringo jovem
pediu meu livro.

85

ROBERTO

(espantado)

E você entregou?

ASSUMPTA

Vamos ver o que acontece.

ROBERTO quase grita.

ROBERTO

Você é louca?

O resto dos detidos presta atenção neles. ASSUMPTA muito segura, aperta-lhe o pulso.

ASSUMPTA

(sussurra)

Não dê bandeira!

ROBERTO

(sussurra)

Vamos continuar escrevendo, presos por tráfico de drogas?

ASSUMPTA

Vamos continuar escrevendo? Você de chofer o dia todo e eu de garçonete toda noite?

86

61 – INT – SALA DOS OFICIAIS E AQUÁRIO – NOITE
MARIO TAPIA entra no aquário vazio, impassível, observa tudo; senta-se. BOB e MARSHALL o observam da sala dos oficiais.

MARSHALL

Sardinha ou tubarão?

BOB

Sardinha.

MARSHALL

Bom, vamos ver.

Entram no aquário. BOB se senta e abre o passaporte. MARSHALL observa de um canto. BOB interroga de forma fria, porém, não agressiva, faz TAPIA sentir-se confortável.

BOB

Poderia especificar a natureza de seus interesses nos EUA?

MARIO TAPIA

Sim. Posso. Sou cidadão argentino. Trabalho com comércio exterior.

BOB

O senhor é empresário?

87

MARIO TAPIA

Não, exatamente. Sou aposentado. Fui professor. 30 anos de magistério! Mas não dá para viver de aposentadoria.

MARSHALL

A aposentadoria fede em qualquer lugar do mundo.

Enquanto ele fala vemos as imagens seguintes.

62 – INT. – HOTEL ARGENTINO – DIA

Alguém geme, sofre. Um homem está deitado, dormindo. Não vemos seu rosto.

MARIO TAPIA (O.S.)

O meu país é muito injusto com seus velhos, com aqueles que deram a vida por ele...

Na mesa de cabeceira há um copo de vidro com o emblema do GRAN HOTEL. Ao lado do copo, uma pistola. Um passaporte argentino identifica o dono: MARIO TAPIA. Na foto do documento ele está de bigode. O despertador dispara.

O homem acorda suando, sobressaltado. Ao sentar-se, vemos que é MARIO TAPIA sem o bigode. Olha as horas. Está atrasado.

Apanha a pistola, com intimidade examina o mecanismo.

88

Agora a pistola está sobre o mármore da pia do banheiro, junto, um bigode falso dentro de uma caixinha.

Em frente ao espelho, banho tomado, barbeado, MARIO TAPIA observa o rosto. Experimenta um bigode falso que parece verdadeiro mas lhe dá um ar quase cômico. Sorri de si mesmo.

BOB (O.S.)

O senhor poderia me fornecer dados de seus contatos aqui nos EUA?

Figuras fantasmagóricas, homens, mulheres, velhos, crianças, estão na porta do banheiro. MARIO TAPIA assusta-se com as imagens refle-

tidas no espelho. Apavorado, empunha a arma. Dispara. Estoura a chama do disparo, como um *flash* que vela a imagem.

63 – EXT. – RUA DE BUENOS AIRES – DIA
MARIO TAPIA deixa o hotel com a mala na mão. Caminha tenso, olhando as pessoas, como se temesse algo.

MARIO TAPIA (O.S.)

Ironside Company, telefone, em Miami,
345-6277. Saint Mark Trade & Co, em
Milwalkee, 5567-8786.

Fixa-se numa mulher com lenço cobrindo a cabeça, de costas para ele. Aperta o passo. Repara num velho que o olha. Desvia-se do caminho. Anda mais rápido, quase fugindo.

89

64 INT-AQUÁRIO-NOITE 64

Como se tivesse *vivido* o pesadelo, MARIO TAPIA sua abundantemente. Enxuga a testa com um lenço.

MARIO TAPIA

(simpático)

Agente tem que inventar, para sobreviver...

MARSHALL balança a cabeça afirmativamente, concordando em tudo com o argentino.

MARIO TAPIA retira cartas comerciais de uma pasta e entrega a BOB que as examina.

MARIO TAPIA

(continuing)

E Salvatore & Brothers Corporation, em Tampa. 9806-5890.

BOB

Boa memória. Qual delas é de autopeças para automóveis?

MARIO TAPIA

Salvatore & Bro.

BOB

Aqui diz...

(numa das cartas)

que é a Saint Mark Trade..

MARSHALL

Isso não é relevante!

MARIO TAPIA

Eu me confundi. Aliás, na situação em que estou, qualquer um se confundiria.

BOB

Ok. Aguarde no salão, por favor.

MARIO TAPIA
Vou passar a noite aqui?

MARSHALL
Eu espero que não!

Ele deixa a sala. SANDRA tem um arrepio.

SANDRA
(fazendo piada)
Vocês não sentem o cheiro de enxofre.

MARSHALL
(farejando)
Sinto o cheiro do malte escocês!

91

Enche um copo de *whisky*.

65 – INT. – AQUÁRIO E AQUÁRIO VIZINHO – NOITE
MARSHALL está sentado com os pés sobre a mesa.
Da porta que comunica os dois aquários, SANDRA
faz para ele gestos com as mãos, mostrando as
curvas de um corpo de mulher. Bob interroga Ca-
lipso. As perguntas se sucedem sem interrupção.

BOB (O.S.)
Seu nome?

CALIPSO (O.S.)
Calipso Menendez Torres, 23 anos, cubana.

SANDRA e MARSHALL trocam olhares significativos.

BOB (O.S.)

Como conseguiu visto de saída?

CALIPSO (O.S.)

Recebi um convite oficial. Para dançar numa companhia norte-americana.

BOB (O.S.)

Pode provar isso?

CALIPSO mostra um fax. BOB examina o *fax* mal impresso, a assinatura indefinida, o carimbo quase apagado. Do aquário vizinho, SANDRA consulta MARSALL com o olhar. Ele faz um gesto de *vai*. SANDRA obedece.

SANDRA

(maliciosa, dando uns passos de dança)
Que tipo de dança você faz? Dança do ventre?

CALIPSO

(contida)
Não sou o tipo de bailarina que estão pensando.

SANDRA

Eu não estou pensando nada.

BOB

Você dança o quê? Balé clássico?

MARSHALL levanta-se, vai até a porta. Olha BOB e CALIPSO.

CALIPSO

Clássico e moderno. Fui convidada por uma companhia de Nova Iorque para dançar uma temporada.

BOB

Quanto tempo pretende ficar?

66 – EXT. – HAVANA – DIA E NOITE

IMAGENS SEM SOM: As paisagens da cidade parecem velhas fotografias de lugares, casas, pessoas. Antigos carros, táxis caindo aos pedaços. Triciclos-táxis que levam turistas.

93

CALIPSO (O.S.)

O convite não estipula prazo. E depende do visto que me deem!

Ficou de noite e vemos um antigo teatro municipal.

BOB (O.S.)

Gostaria de ficar na América do Norte?

CALIPSO (O.S.)

Por um tempo sim.

67 – INT. – TEATRO DE HAVANA – VELHO SOBRADO – NOITE

IMAGENS SEM SOM: Ensaio da companhia de dança. Na coreografia destaca-se CALIPSO.

BOB (O.S.)

(ironia)

Pretende voltar a Cuba?

68 – INT. – HAVANA – QUARTO DE CALIPSO – NOITE
IRROMPE O RUÍDO REALISTA: Uma festa animada, o pequeno quarto de Calipso está lotado de jovens, velhos, amigos, bailarinos.

94

Dançam, bebem, fumam.

CUBANO 1

Tem mais é que ir.

CUBANO 2

E largar tudo?

CALIPSO

Não estou largando...

CUBANO 2

O país investe em você. E aí quando tá na hora de retribuir, alguém acena com um punhado de dólares e você vai.

CUBANO 3

(fazendo piada)

Punhado de dólares? Onde?

CUBANA 1

Promete que vai voltar, para contar como
são os norte-americanos na América.

Ela fica em silêncio.

69 – EXT. – RUAS DE HAVANA – AMANHECER

Amanhece no *malecón*, as ondas batem com
força levantando nuvens de água. Uma onda
forte vem e molha Calipso e seu namorado. Eles
riem e se abraçam.

95

BOB (O.S.)

Pretende ficar nos EUA?

70 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB e MARSHALL observam CALIPSO.

CALIPSO

(segura)

Não. Quero conhecer Europa, Japão...

(com leve ironia)

Deve ser muito interessante, não acha?

BOB

Espere no salão!

Ela sai.

BOB

(continuing)

O problema dela é ser cubana, não é?

MARSHALL

Primeiro e único problema! Mas ela é muito gostosa!

71 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

A entrevista agora é com ORLANDO. MARSHALL observa.

BOB

Está vindo de La Paz?

Na menção ao nome de La Paz, MARSHALL e SANDRA trocam olhares significativos. Ela deixa a sala. ORLANDO percebe a desconfiança deles.

ORLANDO

Estou.

MARSHALL

Foi fazer o quê na Bolívia?

ORLANDO

(não sem ironia)

Acontece que eu sou boliviano.

72 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – NOITE

A porta que dá para o AQUÁRIO está aberta. SANDRA opera um computador e escuta o interrogatório. Procura na Interpol pelo nome de ORLANDO PAZ. Vão aparecendo fichas.

ORLANDO (O.S.)

(calmo)

Aproveitei as férias para visitar a família.

BOB (O.S.)

Ficou, deixe eu ver, cinco anos sem tirar férias?

ORLANDO (O.S.)

Férias eu tirei. Apenas não fui pra Bolívia.

97

73 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

MARSHALL observa ORLANDO. BOB examina o passaporte calmamente. Atende quase cordialmente o boliviano. MARSHALL é agressivo.

BOB

Seu contrato vence em poucos dias.

ORLANDO

Vão renová-lo, certamente.

MARSHALL

E você já pensou em ser médico na sua terra?

ORLANDO

Justamente. Não pretendo ficar aqui na América.

BOB

Não vão lhe renovar o contrato?

74 – INT. – VILA BOLIVIANA – DIA

Imagens como fotografias sem movimento. Uma aldeia vista do alto da montanha.

ORLANDO (O.S.)

Vão renovar. Na verdade eu tive que adiantar a viagem, por motivos pessoais. Mas vão renovar.

98

Um velho ÍNDIO deitado na cama, rosto sulcado de rugas, pele queimada de sol e vento frio. Olha a câmera. ORLANDO está olhando o velho, sentado na cadeira ao lado. Uma velha ÍNDIA observa o velho e o jovem.

75 – INT. – CEMITÉRIO ENTRE MONTANHAS – DIA

Uma bela paisagem. Montanhas a perder de vista. Cumes nevados. Uma *llama* e ovelhas pastando. No cemitério, ORLANDO, vestindo terno e gravata, e a VELHA ÍNDIA, assistem ao funeral. Um caixão é coberto de terra. Ele toma a mão da velha.

BOB (O.S.)

Não estou entendendo! Vão renovar ou não o contrato?

A mão bem cuidada do filho acaricia a mão da mulher índia.

Um grupo de índios realiza alguma cerimonia ritual, com cantos e dança. ORLANDO, deixa-se levar pelo ritmo repetitivo, pela cantoria em Aymara.

76 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

SANDRA volta da sala dos oficiais. Com um gesto de negação informa a MARSHALL.

SANDRA

Nada consta!

99

ORLANDO

Vão me renovar o contrato!

(pesa as palavras)

Mas sou eu que não quero ficar.

SANDRA

(irônica)

Não quer ficar?

ORLANDO

Não.

BOB

Por quê?

ORLANDO

Acho que não tenho muito mais a aprender aqui.

SANDRA intervém. BOB fica contrariado, mas não interfere.

SANDRA

(irônica)

E na Bolívia? Teria mais coisas a aprender?

ORLANDO

Tecnicamente? Acho que não. Em outros sentidos, sim.

100

SANDRA

Tá querendo dizer o quê?

ORLANDO

(direto e gentil)

O que a senhora sabe sobre seus ancestrais?

BOB percebe a intenção da pergunta. Espera a reação de SANDRA.

SANDRA

Que ancestrais?

ORLANDO

Da sua origem africana.

SANDRA
(reagindo, ríspida)
Isso não interessa. Você não me respondeu!

BOB deixa a cadeira, sorrindo. Sai da sala atento ao diálogo.

SANDRA ocupa a cadeira.

ORLANDO
Vou tentar lhe responder. Aqui na América do Norte, um médico cuida dos pacientes com equipamentos de última geração.

77 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – NOITE
Detalhe de café sendo vertido em dois copos.
BOB bebe café, ouvindo atento.

101

ORLANDO (O.S.)
No interior da Bolívia, um médico não conta com *scanners*, aparelhos de ultrasonografia, lasers, etc.

BOB ouve interessado.

78 – INT. – AQUÁRIO – NOITE
BOB entra, oferece um café a MARSHALL. Ele não aceita.

ORLANDO
O que adianta lá é a intuição. E isto vai me custar recuperar. Vai ser como aprender medicina de novo.

BOB o olha com interesse. Chega na mesa.

BOB

(ríspido, para Sandra)

Com licença.

(ela levanta-se)

Pretende ficar quantos dias?

ORLANDO

O tempo de embalar as minhas coisas e
me despedir dos amigos.

MARSHALL intervém. Muda o tom do interroga-
tório, tornando-o mais rápido, agressivo.

102

MARSHALL

(interrompe)

Quem garante que você não vai ficar
por aqui sem contrato? Esse é que é o
problema.

BOB se irrita com a interferência de MARSHALL.

ORLANDO

Posso lhe assegurar que não vou ficar.

MARSHALL

Já ouvi muita gente falar isso antes.

Esse é problema de todos vocês!

ORLANDO

Desculpe, mas o Unabomber, aqueles dois garotos que dispararam na turma da escola, são norte-americanos legítimos... eles é que são um grande problema pra vocês. Não eu.

BOB

Espere no salão.

ORLANDO sai. BOB pega o carimbo e põe o visto de entrada.

SANDRA

Que índio pernóstico. Carimbou o passaporte dele?

103

BOB

Ele está falando a verdade.

MARSHALL

Ele riu da tua cara!

SANDRA

Na nossa cara!

BOB

Posso lhe pedir um favor, cidadã afro-americana?

SANDRA

Pode, cidadão anglo-saxônico casado com uma cidadã anglo-judia que tem um filho anglo-saxo-judeu!

BOB

Quando eu estou interrogando, não meta o bedelho. Obrigado.

SANDRA

Uau! Senti firmeza! Bate que eu gamo!

MARSHALL

O proximo é meu: presta atenção, Bob. Você está perdendo pontos!

104

79 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

MARSHALL conduz o interrogatório. BOB observa.

MARSHALL

Faz o quê no Chile?

LALO

Compro empresas e depois as vendo.

80 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

As mãos de A. CARLOS. Tenso, ele estuda as linhas da mão.

MARSHALL (O.S.)

Que tipo de empresas compra e vende?

ORLANDO esconde o rosto no braço apoiado na cadeira do lado.

LALO (O.S.)

Empresas falidas.

Do AQUÁRIO, BOB observa o salão. Vê ROBERTO quando apóia a cabeça no ombro de ASSUMPTA e ela apoiando a sua na dele.

LALO (O.S.)

(continuing)

Eu as ponho em ordem, levanto o faturamento e vendo. Simples, né?

105

81 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

MARIO TAPIA estuda o salão, observa tudo: estuda as portas de saída; o guarda armado num canto.

82 – INT. – BANHEIRO – NOITE

MARIO TAPIA está no box da privada. Tira dos bolsos as peças desmontadas de uma pistola. Monta-as com extrema perícia.

Por último examina as balas no carregador. Experimenta a arma. Sai do box. No espelho sobre a pia aperta o bigode contra o lábio.

LALO (O.S.)

Compro barato e vendo caro! Esse é o segredo do negócio!

83 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

ROGÉRIO faz alongamento. CALIPSO soma-se ao exercício. Os desportistas, ao fundo, olham o brasileiro com malícia. PATRÍCIA ainda tenta ligar seu celular, desiste e o joga no chão enfurecida. O aparelho se espatifa.

MARSHALL (O.S.)

E o senhor veio comprar empresas falidas nos Estados Unidos?

106

84 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

LALO se fazendo de simpático. BOB olha-o friamente.

LALO

(piadista)

Não, mas se o senhor tiver alguma para vender, é só falar!

MARSHALL

(seco)

Acho que o senhor vai ter que ir procurar no Japão.

LALO

(recuando)

Só vim espairecer um pouco.

MARSHALL

(seco, ríspido)

Quanto dinheiro carrega?

Algo irritado e exibicionista, LALO mostra um bolo de notas.

LALO

Cinco, cinco e pouco. O suficiente...

MARSHALL

Suficiente para quê? Conte!

107

LALO

100, 500, 1.000, 1.250, 1.750... 5.754 dólares.

MARSHALL

Na sua declaração consta \$5.000.

LALO

Quanto mais melhor. Vou torrar mesmo...

MARSHALL

Tem algo mais a corrigir na sua declaração?

LALO

Como assim?

SANDRA

Você não veio só a passeio.

LALO responde com uma risada sarcástica.

LALO

Uma coisa lhe asseguro: Eu não vim trabalhar de lixeiro, ou de garçon.

(de relance, olha Sandra)

Tem gente aqui nos Estados Unidos que faria esses serviços com mais qualificação que eu!

SANDRA toma as dores e fica raivosa. LALO deixa a sala ao convite de BOB.

108

MARSHALL

Ele está falando a verdade. Damos o visto?

85 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

LALO acabou de deixar o aquário; está preocupado, pensativo.

Senta perto de MARIO TAPIA. ROGÉRIO fica atento. A. CARLOS e ORLANDO o observam. Percebe-se que LALO está preocupado.

LALO

Qual é o critério desses putos?

ORLANDO

Não é a lei, com certeza.

(pausa)

É preciso muita paciência.

A. CARLOS

Paciência às vezes se confunde com humilhação.

MARIO TAPIA

Como le fué?

LALO

(perplexo)

“Ellos no tienen sentido del humor”.

Você faz uma piadinha e te olham com cara de velório.

109

ORLANDO

Fingir aceitar não é o mesmo que aceitar.

ROGÉRIO

Essas bichas norte-americanas não têm humor nenhum.

Todos concordam com gestos ou exclamações.

LALO

(justificando-se)

Nós, chilenos, fazemos piadinhas por

tudo. *Y te miran como si hubieras cometido un crimen.*

O grupo vai se aproximando aos poucos. Somente ROBERTO ficou distante.

ASSUMPTA

Los latinoamericanos somos así. Si no nos reimos de la propia desgracia, nos vamos a reir de que?

LALO

(animando-se)

Mas dei o troco naqueles babacas.

Calei a boca daquela negra metida.

Quer saber de uma coisa? Eles que se fodam. E tem mais: as chilenas dão de dez nessas gringas tetudas, sem sal, sem pimenta. Tomar no cú!

86 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – NOITE

Na mesa sanduíches, catchup, mostarda, refrigerantes. BOB e SANDRA comem com fome. MARSHALL *entorna* seu *whisky*. A discussão é ácida, ríspida.

SANDRA

Racista escroto!

BOB

Olha quem está falando.

SANDRA

Tá me chamando de racista?

BOB

Estou te chamando de racista! Não lembra como falou *índio pernóstico*?

SANDRA

E aquele não é índio mesmo?

BOB

E você não é negra? Isso te incomoda?

SANDRA

Sou, sim! Mas aquele chileno acha que negro é pra recolher o lixo! A gente devia mesmo era fuder com ele, botar na cadeia! E vocês ficaram calados, por quê? Porque pensam como aquele escroto.

111

BOB

Não exagera!

MARSHALL

Calma, princesa. Ele foi escroto, sim. Mas o visto dele é legal. É isso que interessa pra nós. Vamos dar o visto para ele!

SANDRA

Quer dizer que pro babaca do chileno as regras da imigração tão valendo?

BOB

(algo agressivo)

O boliviano também falou a verdade.

SANDRA

Esse não entra!

BOB

Quer dizer que a declaração de um *médico índio* vale menos que a de um *yuppie* arrogante? Hein, cidadão *anglo-saxônico-americano*? Melhor dito, irlandês de merda!

MARSHALL

(satisfeito)

Saúde! Gostei te ver mostrando as unhas!

112

87 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

A expressão atormentada do rosto de LALO contrasta com suas roupas coloridas. Está sentado entre A. CARLOS e TAPIA. O primeiro observa-o, discretamente. LALO, toma uma decisão: telefona pelo celular. TAPIA estica a orelha para ouvir o chileno. Atendem; uma voz de mulher.

LALO

Alô? Eduarda? Sou eu.

EDUARDA (O.S.)

Filho da puta...

LALO

Meu amor... não desliga, por favor, meu amor, me ouve! Ocorreu uma coisa terrível, amor...

88 – INT. – CASA DE LALO – NOITE

Uma casa elegante. No sofá, EDUARDA, 26 anos, está deitada, furiosa, chorosa. Amigas a rodeiam.

EDUARDA

(falsa)

Ah, sim? Ocorreu o quê, amor?

LALO (VOZ)

Amor, imagina, estou no aeroporto, aqui em Miami...

113

EDUARDA

(surpresa)

Em Miami?

LALO (VOZ)

Me detiveram e não sei porquê.

EDUARDA

E eu com isso? Por mim, que te ponham na cadeia!

Desliga com violência.

EDUARDA
(continuing; furiosa)
A pérola está em Miami...

AMIGAS
Cafajeste / filho da puta / nojento!

89 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE
LALO olha o telefone perplexo. Sente-se observado, levanta a vista. Encontra o olhar de A. CARLOS. MARIO TAPIA está olhando pra ele.

LALO
(finge *fair play*)
Mulheres! Quando grudam na gente, é que nem chiclete no sapato.

A. CARLOS
Eu que o diga. Mas a gente precisa delas.

LALO
E elas abusam da gente por isso!

A. CARLOS
E como abusam.

MARIO TAPIA
(cúmplice)
Os sinais de fumaça entre os apaches são mais eficientes que um homem tentando se entender com uma mulher!

LALO

(fingindo interesse)

É a mais pura verdade! O sr. é argentino?

MARIO TAPIA

De Buenos Aires.

(apresenta-se)

Mario Tapia, prazer.

LALO

Lalo Gonzales.

(parece reconhecê-lo)

E já não vi a sua cara antes? No jornal? Na televisão? O sr. não é ator de telenovela?

MARIO TAPIA

115

Me encantaria ser. Lamentavelmente, sou o mais anônimo dos aposentados argentinos.

90 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Num canto do salão estão ASSUMPTA e ROBERTO. Falam espanhol, baixinho. A. CARLOS aprecia as belas pernas dela.

ROBERTO

Estou passando mal.

(decidido)

Eu decidi.

ASSUMPTA

Amor, se acalme.

Ele tira seu livro da bolsa de viagem. Sai quase correndo.

Todos reparam nele. E reparam quando ASSUMPTA segue, aparentando calma, até o banheiro de homens. Ela percebe que o guarda está distraído e entra no banheiro.

PATRICIA olha-os com cara de nojo. Está perto de A. CARLOS.

PATRÍCIA

(para si)

Meu Deus, que que eu tô fazendo aqui?
(olhando para a cara de índio de Orlando)
Deve haver algum engano. Quem é essa gente?

116

91 – INT. – AEROPORTO – BANHEIRO – NOITE

Roberto está trancado num box, em pé, ao lado da privada, e com um pequeno cortador de unhas tenta rasgar a capa dura do livro que tem a sua foto.

ASSUMPTA (O.S.)

Calma, amor. A sorte vai nos ajudar.

ROBERTO

Nunca vi a sorte ajudar os fudidos.

No banheiro, na porta do box, ASSSUMPTA fala baixinho.

ASSUMPTA

(irônica)

Ontem, você se achava um artista em estado de graça, hoje, parece um rebotalho na sarjeta.

No box, lutando para arrancar a coberta da capa do livro.

ROBERTO

Qual a novidade? Sou um fraco, você sempre soube. E agora sou um fraco desesperado.

Na porta do box, ASSUMPTA está visivelmente impaciente com aquela conversa.

117

ROBERTO (O.S.)

A gente forçou uma barra. Eu não sirvo para estas coisas.

No box, finalmente, Roberto consegue rasgar a cobertura da capa.

ROBERTO

O mal não está nos outros, está em nós mesmos.

Assim que acaba de tirar a capa, revela-se cocaína prensada.

Joga o pó na privada. Faz o mesmo com a contracapa. Mais calmo, puxa a descarga. Sai do box. ASSUMPTA lava as mãos na pia. Ele quer abraçá-la. Ela segura firme e desafiadoramente a genitália do marido.

ASSUMPTA

(sarcástica)

Tem horas que é preciso mostrar o que você tem aqui. Tem horas em que é preciso ser homem.

Mexeu nos brios dele. Ele quer beijá-la à força. Ela se defende. Ele insiste. Lutam, com raiva. Aparece o guarda na porta. O casal, sem muito ligar para ele, pára de brigar. Se olham com rancor. Saem do banheiro.

118

92 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

ORLANDO e A. CARLOS conversam em *portunhol*.

A. CARLOS

De onde você é?

ORLANDO

Sou boliviano de Santa Cruz de la Sierra.
Orlando Paz.

A. CARLOS

Antonio Carlos, sou brasileiro. Sou da paz.

ORLANDO

Deu para notar.

A. CARLOS

Pelo sotaque?

ORLANDO

Não. Porque vocês falam alto, reclamam sem acanhamento. Um pouco como os argentinos.

A. CARLOS

(Finge-se de ofendido)

Como os argentinos? Está querendo me ofender, camarada?

119

Repara que ORLANDO o levou a sério.

A. CARLOS

(continuando)

Não me leve a sério, amigo. Talvez a gente seja assim mesmo, um pouquinho espalhafatoso!

PATRICIA, parece perdida, anda pela sala, errática, agarrada à frasqueira e à bolsa como se naquele lugar só tivesse ladrão. Dá de cara com o grupo de latinos. Eles parecem acuados, uns se protegendo nos outros. São pobres e magros, malvestidos. Usam macacão esportivo que pa-

rece um número maior ou um número menor, mas jamais do tamanho certo para seus corpos. LATINO, o líder do grupo, de terno, a observa. É cordial.

PATRÍCIA

Excuse me, may I?

LATINO

Si, como no, en que puedo servirla, señorita?

Ela não entende. Os latinos se entreolham.

PATRÍCIA

(não entende espanhol)
Falam português?

LATINO

(sério)
Si claro, un poco: obrigado, bossa nova,
Roberto Carlos...

Eles continuam a olhar para a jovem peruca.

PATRÍCIA

(impaciente)
Parlez vous français?

LATINO

Como dijo, señorita?

PATRÍCIA

(bem alto)

Que porcaria de língua vocês falam?

A câmara volta para A. CARLOS, que observava PATRÍCIA, e faz um gesto de quem se sente envergonhado.

PATRICIA encolhe-se num canto. Repara em ROGÉRIO, que se prepara para falar para um gravadorzinho de bolso.

PATRÍCIA

(continuing; para si)

Só me faltava uma bicha!

ROGÉRIO fala para um gravadorzinho na mão. À sua voz se sobrepõe as imagens dos detidos no salão.

121

ROGÉRIO

O que eu tenho a ver com eles, e eles comigo? Tudo, e nada! E com eles...

(mostra o aquário com os norte-americanos)

Protegidos pela redoma de vidro, somos todos iguais: *cucarachas*!

(canta, escandaloso; imita Carmen Miranda)

La cucaracha, la cucaracha / Já no puede caminar / Porque no tiene, porque le faltan / las dos patitas de atras!

Desafia o olhar de todos que o olham no salão.

93 – EXT. – FAVELA – DIA

A belíssima paisagem do Rio de Janeiro, do alto de uma favela. O mar azul. ROGÉRIO, vestido normalmente, de calça e camisa de homem, que não escondem a sua homossexualidade.

Usa um relógio caro, uma pulseira e anéis. Balança uma sacola fina cheia de presentes. Dois rapazes olham-no e assobiam. Outros homens riem.

ROGÉRIO

(encara-os)

Tá olhando o quê? Nunca viu?

122

MOLEQUES

Bichona / Veado / Perobo / Baitola

ROGÉRIO não se acanha, fala dramaticamente para os meninos.

ROGÉRIO

Comer ou ser comido, essa é a questão.

Da esquina de uma viela olha-o uma mulher magra, envelhecida.

Está temerosa de se aproximar. ROGÉRIO a descobre e se emociona. Esquecendo de tudo e todos corre femininamente para a velha, provocando assobios, vaías, insultos.

Quando está perto dela, um homem parecido com Rogério, chega ao lado da velha, abraça-a de forma protetora, força-a a virar-se e afastar-se com ele, apesar da relutância dela.

ROGÉRIO se detém, engole a forte emoção que sente. Vira-se melodramaticamente e desce a escada da favela entre vaia, insultos grosseiros, assobios.

94 – INT. – BANHEIRO DOS OFICIAIS – NOITE

BOB telefona pelo celular olhando-se no espelho.

BOB

Alô? Rebecca? Desculpe te acordar.

Queria te dizer que eu te quero pra caramba. Só isso.

(ouve)

Você anda pensando em me deixar?

(ouve)

Eu também não. Boa-noite. Não desliga: eu tenho te decepcionado muito? Você me acha muito escroto?

123

Fica ouvindo.

FADE OUT:

95 – EXT. – CASA DE BOB – JARDIM – DIA

Faca afiada corta a carne malpassada. Ao redor da churrasqueira BOB está cortando a carne, o sangue escorre levantando a fumaça. Ao seu lado, MARSHALL. Está com um indefectível copo

de martini na mão e pondera sobre a vida, parece que está inclinado a transformar qualquer papo naquele tipo de conversa perigosa.

Um bebê, toma sol num colchonete perto de uma piscininha. Ao lado a mãe, REBECCA, uma moça ruiva e simpática. Ela está algo enfasiada do papo do velho. O clima é tenso entre Rebecca e Marshall e Bob está sentadinho *em cima do muro*.

MARSHALL

A gente nem sabe mais quem são nossos vizinhos. No meu tempo, acordar de manhã e abrir a porta era como se olhar no espelho. Hoje, você abre a janela e vem de lá um...

(remedando)

Buenos dias, senhor.

Rebecca não se aguenta mais.

REBECCA

Já imaginou acordar de manhã todo dia, abrir a porta e ter que elogiar o jardim da vizinha, o gato da vizinha...

(imitando)

Bom dia, querida! Tuas flores estão mara-vi-lho-sas.

O velho pede o apoio de BOB às suas teses.

MARSHALL

Bob, parece que tua mulher engoliu um disco hippie dos anos 60. Vai me chamar de conservador escroto em menos de um minuto!

REBECCA

Já estou chamando já!

Bob faz uma cara de quem já ouviu essa conversa várias vezes.

Rebecca cobra dele uma posição.

REBECCA

(continuing; com raiva)

Ei, rapaz. Arrisca uma opinião, pelo menos.

125

MARSHALL observa o casal.

BOB

(controlando a ira)

Certo, amor. Uma opinião!

Serve um pedaço de carne sangrenta para o velho. REBECCA está com raiva dele e recusa a carne. JUANITA, empregada da casa, vem buscar o bebê para dormir. MARSHALL a interpela.

MARSHALL

Juanita, você gosta de seus patrões?

JUANITA

Eles são legais.

MARSHALL

E está feliz em morar nos EUA?

JUANITA

Meus pais são costarriquenhos, mas eu nasci aqui.

MARSHALL

Em que seus pais trabalham?

JUANITA

Não se preocupe: eles têm green card.
Mais alguma dúvida?

MARSHALL

Não, Juanita.

JUANITA leva o bebê. MARSHALL bebe martini,
como quem bebe água. Provoca REBECCA.

MARSHALL

(continuing)

Você paga a ela o mesmo que pagaria a
uma empregada nascida no Maine?

REBECCA

Pago bem mais do que se paga por aí.

Com uma garrafa de *whisky* à sua frente, Marshall simula ser uma cigana diante de uma bola de cristal.

MARSHALL (TOM)

Vejo cristalino o futuro: Juanita vai casar, ter muitos, muitos filhos. Uns sete, oito. Vejo os moleques roubando doces e comendo escondidos. Isto antes de planejar um golpe!

REBECCA

(para Bob)

E você pensa como ele, querido?

BOB não responde. Serve os martinis. Como vingança REBECCA põe um CD com música latina e dança.

127

REBECCA

(continuing; cantando em espanhol)

Oye, como va? Que ritmo bueno para bailar. Marshall, mira que cosa, hombre! Podemos inventarlo todo, pero este ritmo, jamas!

MARSHALL

Isso é verdade!

MARSHALL bêbado, cai na dança. REBECCA aproxima-se dançando e fala baixo para BOB.

REBECCA

Não procure o problema fora de casa; o problema está aqui dentro!

96 – INT. – CASA DE BOB – DIA

Na sala, BOB e REBECCA. BOB troca as fraldas do filho.

REBECCA

Ele é um chato, um reacionário! E você vai pelo mesmo caminho.

BOB

Eu não concordo com o que ele fala!

REBECCA

Quem cala consente, meu filho.

Ele reage furioso: discutem em sussurros, por causa do bebê.

BOB

Você quer me foder? Ele é um bêbado, mas sempre foi legal comigo.

REBECCA

Meu filho, um dia você vai ter que agir de acordo com o que você pensa.
O que é mesmo que você pensa?

BOB

Que a teoria fica bem lá na universidade.

REBECCA

Você quer é o cargo dele!

BOB

Eu *preciso* do cargo dele, porque vou ganhar mais, a nossa vida vai melhorar e você vai poder aumentar a Juanita que ganha uma merda de salário, vamos combinar, né?

REBECCA

E por que não falou na hora?

129

BOB

Eu tô sem saco para discussão que não leva a nada.

REBECCA

E pra quê você tem saco ainda?

BOB

(meio agressivo)
Para te comer e te fazer gozar.

REBECCA

(fazendo ironia)
Isso tá meio difícil.

Ele a abraça, tentando amenizar o clima.
Ela retribui.

BOB

Você já não gosta mais de mim?

REBECCA

(sem muita convicção)

Gosto! Mas a tua cara mudou.

Ele vai até o espelho e se olha fazendo expressões diversas.

BOB

Qual das caras você prefere?

REBECCA (O.S.)

A que está por trás de todas essas.

FADE OUT:

97 INT-AQUÁRIO-NOITE 97

SANDRA olha ROBERTO. Ele está nervoso e não consegue parar de olhar o livro de ASSUMPTA sobre a mesa de Bob. MARSHALL o observa.

SANDRA

Está muito quente aqui?

ROBERTO concorda. BOB entra no aquário.

SANDRA

(continuing)

Tua mulher também ficou com muito calor!

BOB

(intervindo)

O que veio fazer nos EUA?

ROBERTO

Vim visitar as faculdades de literatura.

98 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Muito controlada, ASSUMPTA olha o marido que está no aquário.

131

ROBERTO (O.S.)

Eu e a minha mulher! Somos poetas.

99 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

MARSHALL deixa a sala, entra no aquário vizinho.

BOB

Você também já publicou um livro?

ROBERTO

(precipitando-se)

Sim. Mas estou repensando tudo. Não fiquei contente com o resultado. Se pudes-se retirava a edição toda e tacava fogo.

100 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

Pela cortina entreaberta, MARSHALL bebe lentamente seu *whisky* e observa ASSUMPTA e os viajantes que olham para o aquário onde está ROBERTO.

101 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB abre o passaporte de Roberto. Encontra entre as folhas uma comprometedor carta de do Sindicato de Motoristas de Nova Iorque.

Detalhe do documento com o nome Roberto Perez inscrito nele.

BOB olha ROBERTO em silêncio. BOB reflete, tenso. Decide-se.

Devolve-lhe a carteira de motorista, cobrindo-a com a mão.

132

BOB

Quanto tempo pretendem ficar?

ROBERTO

30, 60 dias, no máximo.

BOB

Pode esperar lá fora.

ROBERTO sai tropeçando na cadeira. BOB vai até a porta que dá ao aquário vizinho.

BOB

(continuing)

O que achou dele?

MARSHALL

Um bundão. Fosse eu, liberava o passaporte dela e mandava ele de volta pro Equador pra tacar fogo nos livros dele.

BOB

(sarcástico)

Teu olfato é infalível, mestre.

MARSHALL

Uma homenagem às pernas dela.

SANDRA

(sarcástica)

Ela não é pro bico de vocês.

Cafajestes! Ela prefere sonhadores; homens-criança!

133

MARSHALL

(provoca Bob)

Então o Bob ainda tem chance. Ele *foi* um sonhador. Foi por isso que a Rebecca se apaixonou por você, rapaz?

Cuidado! Na hora do vamos ver, elas preferem homens de verdade.

BOB engole em silêncio.

SANDRA

(procura, exagerando)

Tem homem aqui? Onde, que eu não vi?

102 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

MARSHALL e BOB ouvem LATINO atentamente, mas encontram dificuldade para entender o espanhol popular que ele fala. Os dois não acreditam nele e o tratam com certo desprezo. Examinam duas cartas e um *fax* com logo e carimbo de uma associação.

LATINO

(empolgado, em espanhol)

É a primeira vez que uma associação de *taekwon-do* de Honduras é convidada para um evento nos EUA. Mas se não conseguirmos descansar esta noite, como vamos competir em igualdade de condições?

134

MARSHALL finge que está convencido. SANDRA retorna ao aquário. Os oficiais falam sempre em inglês; Latino em espanhol.

SANDRA

Não consegui falar com a tal associação de Kung fu.

LATINO

Taekwon-do! Mas falei muitas vezes com eles nesse telefone!

SANDRA

O telefone que você deu é de uma lavanderia.

(imitando)

Lavanderia Chiquititas, buenas noches.

No SALÃO, estão atentos ao que acontece no
AQUÁRIO.

LATINO

Justamente, o dono da lavanderia é o
nosso contato.

SANDRA

(parece sincera)

E vocês têm alguma chance de ganhar a
competição?

LATINO

Temos garra.

135

SANDRA

É mesmo! A garra é fundamental!

LATINO

E além do mais, não temos nada a perder...

SANDRA

(sarcástica)

Não tem nada a perder mesmo!

Os norte-americanos esquecem do LATINO. Con-
versam entre eles.

LATINO não entende o que falam.

MARSHALL

O que você acha, Bob?

BOB

Quem não tem nada a perder é um inimigo poderoso.

(para Marshall, com intenção)

Lembra do Vietnã?

MARSHALL

Lembro muito bem.

Tira a camisa da calça e vai se desabotoando para mostrar o torax.

136

BOB

(rindo)

Pelo amor de Deus! Não vem de novo mostrar a cicatriz!

MARSHALL (SE ARRUMANDO)

Foi você que puxou o assunto.

BOB volta a examinar a documentação.

BOB

(continuing)

Os passaportes estão com visto de entrada regular...

SANDRA

Se eles são atletas, eu sou a Madonna!

MARSHALL

(para Latino)

O que é o *taekwon-do*, mais precisamente?

Agora Latino não parece entender o inglês.

SANDRA traduz em espanhol capenga.

LATINO

(decorado)

É uma arte marcial que ensina o auto-conhecimento e respeito ao próximo.

Desenvolve a agilidade, o equilíbrio, a flexibilidade, a força e a resistência.

137

MARSHALL

Vocês fariam uma demonstração da sua *arte* para nós?

SANDRA traduz.

LATINO

(animadíssimo)

Claro! Agora? Me dá um tempinho?

MARSHALL concorda. LATINO deixa a sala quase correndo.

SANDRA

Essa foi de gênio, chefe!

BOB

(sem raiva)

Vocês dois são os maiores filhos da puta que já conheci.

SANDRA

(sarcástica)

Se ficou com nojo, vai pro Equador, *cariño*.

103 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

PATRÍCIA está em primeiro plano. Pega sua carteira de cigarro.

138

PATRÍCIA

May I?

BOB aponta o sinal de não fumar. Ela guarda a carteira.

BOB

Como é que você conseguiu sair do Brasil com teu passaporte vencido?

PATRÍCIA

Não sei. Não pedi por favor a ninguém. Talvez seja porque as pessoas me conhecem. E conhecem minha família. Meu pai é um político muito influente...

BOB

E por que viaja tanto?

PATRÍCIA

Passo 6 meses fora do Brasil, geralmente no verão. Eu não suporto o calor!

BOB

Folgo em saber que algumas pessoas podem se dar a esse luxo no Brasil!

PATRÍCIA

Tem gente educada no Brasil também! Não é só miserável que temos por lá.

BOB

Certamente, gente muito bem-educada.

PATRÍCIA

Se precisar, é só dar uma ligada pra embaixada. O embaixador é nosso.

BOB

Não sei como aceitaram seu passaporte e deram o visto. Vai ter que regularizar a situação no seu país.

PATRÍCIA

(alterada)

Eu não vou poder entrar?

BOB

Não!

PATRÍCIA

Minha amiga tá me esperando em Aspen
pra gente ir à Europa...

BOB

Aguarde no salão, por favor.

PATRÍCIA

Aguardar o quê? O que que tem pra
aguardar?

BOB faz um sinal para ela se retirar.

140 104 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE
ROBERTO está deprimido, fala com ASSUMPTA.

ROBERTO

Vai ver que o preço é esse, o fim do nos-
so casamento. E eu não posso viver sem
você. Vão me deportar.

ASSUMPTA

Não vai nada! Se ele quisesse, acabava
contigo na hora! Se te devolveu a carteira
não vai usá-la para provar que você é ilegal.

ROBERTO

(rancoroso)
Ele é poderoso.

ASSUMPTA

Lamentavelmente, ele é poderoso.

ROBERTO

(com intenção)

As olhadas que te dava nas pernas é que eram poderosas.

ASSUMPTA

(carinhosa)

Ele foi muito bem-educado.

ROBERTO

Muito bem-educado. E você também, né?
Uma educação assombrosa.

141

ASSUMPTA

Deixa de bobagem numa hora dessas.
Nem lembro da cara dele.

ROBERTO

O teu livro estava na mesa dele.
Estamos liquidados. A gente devia ter ficado em casa.

ASSUMPTA

Você já se desfez da sua *culpa*.
Quem está com a cabeça a prêmio, sou eu.

ROBERTO

Eu vou contigo até o fim.

ASSUMPTA

Calma, leãozinho.

DISSOLVE TO:

105 – INT. – LIVRARIA – QUITO

ASSUMPTA e ROBERTO assinam livros de poesia – edição barata, livros de capa mole – numa antiga livraria da cidade. Poucos convidados. O casal troca olhares. Não parecem felizes.

EXT - RUA DE QUITO - NOITE

Ruas do bairro colonial de Quito. Um labirinto de igrejas, conventos. Altares barrocos. ROBERTO, ASSUMPTA percorrem as ruelas. Bebem *whisky* de uma garrafa.

PASSAGEM DE TEMPO. AMANHECER.

O casal continua bebendo e brindando. Sobre uma fonte, Roberto faz uma performance. Está bebendo. Trocam olhares. Ele declama cheio de amor.

ROBERTO

Apenas algumas palavras engolem as horas do leão / Eu te amo. / No olho cor de mel, o tempo para. / A presa vive, invariável e graciosa, / dançando no olho cor de mel.

Cambaleia e a abraça. Cheios de desejo, eles se agarram. Transam encostados no muro de uma igreja.

106 – INT. – RUA DE QUITO – DIA

O bairro colonial. Muito movimento, igrejas coloniais. ROBERTO, ASSUMPTA e o AMIGO conversam enquanto caminham.

ROBERTO

Pensei que com a venda dos livros daria para comprar as passagens de volta.

AMIGO

(rindo)

Roberto, quando você vai aprender que ninguém compra livros de poesia?

ROBERTO

143

Se você pagar as passagens e emprestar US\$ 1,500...

AMIGO

Quanto vocês fazem como chofer e garçoneiro?

ROBERTO

Bem mais do que isso.

AMIGO

Dois artistas como vocês, se desgastando em trabalhos de merda, servindo gringos nojentos!

ASSUMPTA

É o que tá na mão! Não temos green card!

AMIGO

Vocês podem ganhar, cada um, 10 mil dólares de uma tacada.

ROBERTO

(desconfiado)

Como?

AMIGO

Levando cocaína!

ROBERTO

Nem pensar.

ASSUMPTA

Como é o negócio?

AMIGO

Dois exemplares do livro de vocês, deixam de valer US\$10 cada, e passam a valer US\$10.000 cada.

O casal se entreolha. ROBERTO abaixa a cabeça. ASSUMPTA demora um pouco. Depois tira de uma sacola dois exemplares.

DISSOLVE TO:

107 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE

ROBERTO está chorando. Todos no salão o observam. Comovido, ROGÉRIO se aproxima.

ROGÉRIO

Você não é o único, amigo. Para eles somos todos *cucarachas*. Não importa quem você seja, para eles estamos sempre fazendo alguma coisa muito errada.

A. CARLOS está perto de ORLANDO, estão olhando o casal.

PATRÍCIA se aproxima deles.

145

PATRÍCIA

(para A. CARLOS)

Escuta, meu nome é Patrícia Magalhães Leite de Barros, meu pai é...

A. CARLOS

Eu sei quem é seu pai.

PATRÍCIA

O senhor não teria um celular para me emprestar?

A. CARLOS

Por que não usa o seu?

Patrícia mostra o seu celular espatifado.
A. CARLOS indica LALO que está ao lado. Ela se aproxima de LALO que a recebe negando com o dedo.

LALO

A bateria está acabando.

PATRÍCIA

(histérica)

Preciso falar com papai!

Todos a olham, quase rindo.

A. CARLOS

(sacaneando)

Faz o seguinte: grita bem alto "Papai, papai, esta gente pobre, nojenta, fedorenta, miserável está me chateando, papai..."

Todos riem. Furiosa, ela tenta bater em A. CARLOS sem conseguir; se afasta. Ela esbarra em ROGÉRIO, quase o derruba.

ROGÉRIO

Ei! cuidado, Patricinha de Copacabana!

PATRÍCIA

Você vai pra Nova Iorque? Se você vai, me avisa que eu nem paro lá. Vou direto

para a Europa. Deus me livre de ficar
esbarrando com gente feia como você.

ROGÉRIO

E você é linda, né?! Já se olhou no espe-
lho? Já imaginou seus cabelos pixaim sem
o tubo de creme importado?

Meu amor, você tem um pé na cozinha,
e não tem dinheiro que tire teu cheiro
de senzala.

PATRÍCIA

Partindo de uma bicha, isso é elogio.
Tá com inveja do quê? Da minha xoxota?
Do meu útero que tem um bebê dentro?
Isso você pode sentar e esperar que nun-
ca, nunquinha vai ter.

147

ROGÉRIO

Meu Deus! Que mulher fina!

PATRÍCIA

Finíssima e riquíssima!

A. CARLOS

Mas tão *cucaracha* como todos aqui,
princesa.

O entrevero entre os brasileiros soa grego para
os outros latinos.

A. CARLOS

(continuing)

Por que será que você está aqui, hein?
Será por que você também é uma fudida
que nem nós?

PATRÍCIA

Viados, nojentos, filhos da puta!

Ela se encolhe num canto, esconde a cabeça
entre os braços.

DISSOLVE TO:

108 – INT. – APARTAMENTO LUXUOSO - DIA
PATRÍCIA inspeciona uma empregada uniformi-
zada fazendo suas malas. Duas amigas a ladeiam.

148

PATRÍCIA

Põe a cachemira amarelinha. Aquela
fofinha.

As amigas fofocam.

AMIGA 1

Tua mãe já sabe?

PATRÍCIA

Minha mãe está na China.

AMIGA 2

E você tá pensando em ter?

PATRÍCIA

E você acha que eu sou louca? Vou atrás dele em Aspen e contar tudo.

Faço uma cena de novela, choro e depois que ele estiver aqui na minha mão, me mando pra Paris. Lá eu decido.

PATRÍCIA abraça um ursinho de pelúcia gigante.

PATRÍCIA

(continuing)

Mas que ia ser um bebê fofo isso ia!

Elas riem.

CORTA PARA:

149

109 – INT. – BANHEIRO – NOITE

Patrícia vomita na privada. Levanta-se, lava o rosto e se vê com cara de latina, desfigurada e cansada. Abre a bolsa e derrama um Channel nº 5 nos cabelos.

110 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – BANHEIRO – NOITE

BOB, sentado na privada lê o livro de ASSUMPTA. Enquanto lê murmura um poema e vemos flashes provocados pela sua imaginação.

111 – INSERT – CENAS EM NOVA IORQUE

ROBERTO e ASSUMPTA transam. ROBERTO se vira; vemos que é BOB abraçando-a.

Ela escreve num apartamento frio; põe um cobertor nas suas costas nuas; ela se vira e sorri. Sorri para BOB.

BOB

(murmurando)

Receita... Lave o rosto / esfregue-o com borracha,/ deixe-o sem linhas para que eu desenhe nele, / macacos e pássaros e uma folha de palmeira./ Deixe escorrer uma gota e eu farei o olho negro/ do menino de Guayaquil perdido nas grutas de Nova Iorque./

112 – INT. – BANHEIRO DOS OFICIAIS – NOITE

150 BOB lava as mãos e fica se olhando no espelho. Repete um verso: *Lave o rosto, esfregue-o com borracha, deixe-o sem linhas...*

113 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

ROGÉRIO enfrenta MARSHALL e BOB.

ROGÉRIO

Explicar o quê?

MARSHALL e BOB ficam em silêncio.

ROGÉRIO

(continuando)

Eu tenho *green card*, meu filho, que eu lutei muito para conseguir e agora isso?

SANDRA

Relax, baby!

114 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

Da sala vizinha, A. CARLOS ouve o diálogo, tenso, irritado.

ROGÉRIO (O.S.)

Por que vou relaxar? Levo horas esperando para chegar em casa? Vocês não têm respeito pelo ser humano?

115 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

BOB abre o passaporte de ROGÉRIO.

151

BOB

Mr. Filro, se tem seu *green card* não precisa se preocupar.

ROGÉRIO

Filro não, Filho!

BOB

(esforçando-se)

Ok, Mr... Filhou! Espere no salão!

ROGÉRIO fica agradecido pelo esforço. Sai e fecha a porta do aquário. MARSHALL bebe de uma garrafinha. De repente, fica agressivo.

MARSHALL

Você quer ou não quer o cargo, pôrra?

BOB

(indiferente)

Quero! Mas não vou ficar pedindo de joelhos!

MARSHALL

É preciso ter tesão pelo trabalho, você tem?

SANDRA

(maldosa)

Eu sei quem é o tesão dele.

MARSHALL

Devia ter dado um pontapé na bunda dessa bicha histérica!

BOB

Ele não é legal? Tem o *green card*!

116 – INT. – AQUÁRIO VIZINHO – NOITE

A. CARLOS está atento ao que falam no aquário do lado.

MARSHALL (O.S.)

É uma bicha brasileira com *green card*!

BOB (O.S.)

E você acha que mais uma bicha na América do Norte vai fazer diferença?

A. CARLOS mexe a cabeça num gesto de desespero.

117 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE

ROGÉRIO está raivoso. Faz uma banana para os oficiais no aquário. Senta num canto, perto de CALIPSO.

CALIPSO

Calma.

ROGÉRIO

153

Eu tenho *green card*. Eles que tenham calma comigo. Vou tascar processo.
Ah, vou. Me aguardem.

Faz um gesto agressivo mostrando o dedo do meio para os norte-americanos.

ROGÉRIO

(continuing)

Aqui pra vocês!

118 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

A. CARLOS está no aquário. Olha os oficiais com raiva contida. MARSHALL examina o passaporte dele.

MARSHALL

(gentil)

Podemos examinar sua sacola de mão?

A. CARLOS empurra a bolsa ao alcance deles. SANDRA examina peça a peça os pertences. MARSHALL abre um álbum de fotos familiares e olha. Conversa calmamente, em contraste com a raiva de A. CARLOS.

MARSHALL

(continuing)

É sua filha?

154

A. CARLOS

Yes, sir.

MARSHALL

(olha foto de Marieta)

Que bela praia! Aqui não temos praias assim. Huumm... belas mulheres.

BOB percebe a ira de ANTÔNIO CARLOS.

BOB

Marshall, cuidado!

SANDRA olha mais fotos de Marieta na praia. MARSHALL abre um envelope com cartas e as examina.

A. CARLOS

(com ódio contido)

Pode ficar com meu passaporte, carteira de motorista, talão de cheque, meus papéis.

(violento)

Mas tire suas *patas* dos meus objetos pessoais.

SANDRA deixa a bolsa e MARSHALL deixa as cartas na mesa.

A. CARLOS

(continuing; calmo)

Meu visto de entrada é legal, não tenho nada a esconder. Por que vocês não tratam a gente da mesma forma que tratamos vocês no Brasil?

155

SANDRA examina a câmera de vídeo.

MARSHALL

(para A. Carlos)

Pode guardar.

A. CARLOS não se mexe. MARSHALL pede com um gesto e SANDRA recoloca tudo na bolsa.

SANDRA

(falsa)

Só estamos fazendo o nosso trabalho.

BOB

(para Marshall)

Me dê o passaporte.

MARSHALL ignora o pedido. BOB controla-se.
SANDRA sorri.

MARSHALL

Como você se vira na Américado Norte?

A. CARLOS

Sou gerente de uma fábrica de alimentos.
E vou começar um negócio de plantas desidratadas em Buffalo.

156 MARSHALL, enche dois copinhos com bebida.
Oferece um a A. CARLOS que não aceita.

MARSHALL

Não é coincidência? Eu nasci em Sedona,
a terra dos seus sogros.

Achei que nunca ia conhecer alguém que
já tivesse pisado lá.

(saudosista)

Tomaram banho de rio?

A. CARLOS

(solícito)

Tomamos... é um lugar muito bonito.

MARSHALL

Teu sogro fazia o quê?

A. CARLOS

Não sei bem...

MARSHALL

Não tinham uma loja de ferragem em frente à praça?

A. CARLOS

Acho que sim, não sei bem!

MARSHALL

Acho que eles tinham uma filha chamada Lynn, como a tua mulher!

157

A. CARLOS

Pode ser.

MARSHALL

Um brinde ao brasileiro que conhece o último lugar do cú da América do Norte.

BOB

(para A. Carlos)

O senhor aguarde no salão.

MARSHALL

(agressivo)

Sedona fica no meio do deserto, não tem rio.

E jamais um safado de um brasileiro andou naquela rua única, cheia de poeira, onde nem loja de ferragens existe. Conheço bem aquela merda.

A. CARLOS perde a paciência.

A. CARLOS

É ilegal não ter ido na fodida cidade onde moram os sogros? E onde nasceu mr. Deus? Casei para foder com a filha, não com a sogra.

MARSHALL

(gritando)

E a mulher brasileira é verdadeira ou falsa? E a filha que você tem no Brasil? É verdadeira ou falsa?

119 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

No salão todos expressam raiva, medo, angústia, etc. Ouvem-se os gritos da discussão no aquário.

SANDRA (O.S.)

Chefe, calma...

MARSHALL (O.S.)

Quanto pagou pelo casamento arranjado?

120 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE
MARSHALL avança sobre A. CARLOS.

MARSHALL

(fora de si)

Última pergunta: deu tempo pra ao menos uma trepada?

A. CARLOS levanta-se bruscamente.

BOB

(intervindo)

Marshall!

(ao brasileiro)

Pode esperar lá fora...

159

A. CARLOS

(a Marshall)

Tem aí um documento expedido por um juiz norte-americano me autorizando a sair e a entrar no país.

MARSHALL

Quem decide quem entra na América é o Depto. de Imigração de Fronteiras.

E o Depto de Imigração de Fronteiras se chama Uncle Marshall.

BOB mostra o documento do juiz norte-americano a MARSHALL. Ele examina o documento.

BOB

O documento é legal...

MARSHALL lê com calma.

MARSHALL

Quanto pagou por este documento?

ANTONIO CARLOS está estarelecido.

BOB

O documento é legal!

MARSHALL rasga o documento. BOB está perplexo. SANDRA tensa.

160

A. CARLOS

(provocando)

Já que o sr. é tão chegado a experiências, como a que está fazendo com a gente, talvez aceitasse se submeter a uma, só para variar o ponto de vista...

MARSHALL

(escande as palavras)

Eu, me submeter a uma experiência?

A. CARLOS

(tom seco)

Chutar cachorro morto é fácil. Mas cuida-

do; como o senhor sabe, nem todos são cachorros mortos! Alguns só se fingem de mortos!

Antônio Carlos está furioso. Encara Marshall sem medo, fixa-se em seus olhos absurdamente azuis. Detalhe dos olhos. Ele se agarra a essa evidência para virar o jogo.

A. CARLOS

(continuing; sem medo)

Já ouviu falar da experiência dos olhos azuis? Da sra. Jane Elliot?

MARSHALL

161

Gostou dos meus olhinhos? Quem é essa Elliot?

A. CARLOS

Uma educadora, sua compatriota. Ela poderia lhe ensinar, mr. Deus, a virar gente, antes do seu fígado estourar.

BOB observa um e outro.

BOB

Pode se retirar. Aguarde no salão.

A. CARLOS sai.

MARSHALL

Esse filho da puta estava me desafiando?

BOB solta uma gargalhada.

BOB

(futucando-o)

Não sei. Ficou mordido com o brasileiro,
ou ficou com medo dele?

MARSHALL

Eu vou ter medo de barata?

MARSHALL serve copinhos de *whisky* e oferece
a BOB e SANDRA.

162

BOB

Pra mim chega.

SANDRA

Minha úlcera está reclamando.

121 – INT. – SALÃO DE ESPERA – NOITE

A. CARLOS parece calmo. De repente, ele chuta
uma cadeira.

Os desportistas e LATINO, que treinavam golpes
e movimentos, se imobilizam.

A. CARLOS

O filho da puta rasgou o meu documento.
Rasgou na minha cara.

MÁRIO TAPIA
Isso é totalmente ilegal!

ORLANDO
Que absurdo!

A. CARLOS
(desespera-se)
Vou ter que começar tudo de novo!

ASSUMPTA
A gente tá nas mãos de um bêbado
recalcado.

A. CARLOS
(desespera-se)
Que merda estamos fazendo aqui?

163

PATRÍCIA
Isso que eu tô perguntando faz horas.
Que que eu tô fazendo nessa loucura?

A. CARLOS senta. CALIPSO se agacha e amarra o
cadarço do sapato dele, que estava desamarrado.
LALO retira do bolso uma garrafinha de metal.

LALO
(para A. CARLOS)
Dê um teco, vai lhe fazer bem!

A. CARLOS bebe; sente-se melhor.

A. CARLOS

É muito bom!

LATINO vê a garrafinha e interrompe o treinamento com um grito espetacular. Aproxima-se do grupo. LALO oferece a bebida a MÁRIO TAPIA. Sorrisos simpáticos.

LALO

O Pisco chileno mata qualquer amargura!

LATINO

Y el tequila también!

CALIPSO

Nada como un *mojito*.

ORLANDO

Um gole não vai me fazer nada. Não me embebedo fácil. Saúde.

ROBERTO recebe a garrafinha.

ROBERTO

Licor dos Deuses.

ASSUMPTA bebe com prazer; olha dissimuladamente para o AQUÁRIO. ROBERTO percebe. BOB a está olhando, ou olhando o grupo. Chega a vez de ROGÉRIO.

ROGÉRIO

Vocês não têm medo que eu tenha a maldita?

ORLANDO

Ninguém pega Aids bebendo um trago.

PATRÍCIA

Eu não bebo!

A. CARLOS

Não fuma, nem cheira? Só mente um pouquinho!

Ofendida, PATRICIA pega a garrafa e bebe, um gole curto e um segundo gole, mais longo. Satisfeita com seu ato de heroísmo encara o grupo: eles compreendem o gesto. LATINO recebe a garrafa e bebe. Os atletas estão de boca seca. Ele entrega a garrafa para seus companheiros.

165

LATINO

Hoje pode, hoje é um dia especial.

E passa a garrafinha aos atletas; ela está vazia.

LALO

(brincando)

Os atletas têm que cuidar da saúde.

MÁRIO TAPIA

(emocionado)

Amigos, nós, latino-americanos somos
irmãos na desgraça!

LALO

(piadista solta acordes de tango)

Tchan, tchan! tchan! tchan!

122 – INT. - SALA DOS OFICIAIS – NOITE

BOB bebe café. O velho bebe mais uma dose
de *whisky*.

BOB

Uma coisa eu aprendi contigo hoje: a
limpar a bunda com as leis.

MARSHALL

Mentir tira toda a verdade de qualquer
declaração dele.

BOB

Eu mandaria ele para a corte. Ele merece
ter o direito de se defender!

Se quer saber, eu nunca rasgaria um do-
cumento legal.

MARSHALL

Para fazer este trabalho, Bob, às vezes é
preciso perder os escrúpulos.

BOB enfia essa filosofia de bêbado bem no fundo!

MARSHALL

Eu vou me entender com ele!

BOB

(advertindo)

O cara te fez entrar no jogo dele. Se não parar de beber, ele vai fuder contigo!

MARSHALL abre os braços e fica equilibrado numa perna só.

Depois faz o teste de levar o dedo ao nariz. Senta.

MARSHALL

Eu me lembro de quando você veio pra trabalhar comigo. A primeira vez que me viu bebendo quis me denunciar!

167

BOB

Devia ter te denunciado.

MARSHALL

Vinha cheio de ideais, a tua língua desfiava a Constituição de cor.

BOB sorri amarelo.

MARSHALL

(continuing)

Até de racista me chamou. Mas aqui,

aprendeu muita coisa comigo, não aprendeu? Aprendeu que aqui dentro é o mundo de verdade...

BOB

Aprendi sim: aprendi um monte de merda contigo. E continuo aprendendo.
(irônico)
Aprendendo o quê?

123 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Os desportistas LATINOS fazem sua exibição. Coordenadamente, realizam exercícios de arte marcial oriental. Não são do ramo. MARSHALL e SANDRA assistem com um tom falsamente sério. BOB encabulado percebe que ASSUMPTA o olha indignada.

LALO

(para A. Carlos)
Com esses guerreiros podemos invadir a América do Norte! Índios fus...
(um gesto de caratê)
Rá.

A. CARLOS

Pô, cara, vê se se manca!

Desculpa-se com gestos.

BOB

(Para Marshall, irritado)

Eu vou trabalhar, você fica por aí...

MARSHALL o segura com autoridade.

Acaba a exibição. Palmas esparsas. LATINO recebe os parabéns.

ORLANDO

Bela apresentação!

LALO

(discursivo)

Vocês deram uma lição de como o esporte derruba fronteiras e línguas.

Rá ... Parabéns, rapazes.

169

MARSHALL

(falsamente sincero)

Parabéns, foi uma excelente exibição.

LATINO

Muito obrigado!

MARSHALL

E quem você acha que ganha: um praticante de *taekwon-do* ou um de caratê?

LATINO não percebe a ironia.

LATINO

O de *taekwon-do* se sai melhor. A base do *taekwon-do* são os pés, enquanto a cabeça e os braços se armam para a defesa.

MARSHALL

(imita um movimento)

Aquele movimento de ataque...

LATINO

Con los pies en el suelo, el peso en la mente, los brazos arriba de la cabeza y...

170 MARSHALL dá-lhe um golpe de caratê *fatal*.
LATINO se estatela no chão.

MARSHALL

Se rompe a defesa. O caratê venceu.

ROGÉRIO

(sofrendo)

Filho da puta!

LALO ri mas sente vergonha e se cala. A. CARLOS, CALIPSO, MÁRIO TAPIA ficam indignados. SANDRA não gostou do que viu. BOB encontra o olhar de ASSUMPTA. Seu mal-estar é grande. MARSHALL encurrala o LATINO – mas fala para todos.

MARSHALL

Não existe a tal associação de *tae kwon do*.

LATINO

E o fax com o convite?

MARSHALL

É falso.

Marshall investe contra Latino, fazendo-o recuar.
BOB segura o chefe pelo braço.

MARSHALL

(continuing; Para A. Carlos)
Copacabana, meus olhos azuis estão te
aguardando.

171

A. CARLOS

(contido, irônico, em inglês)
Estou esperando.
(entredentes, em português)
Babaca!

MARSHALL consulta BOB e SANDRA.

MARSHALL

Deportamos ou não?

SANDRA

Não tenho nada com isso!

MARSHALL faz o mesmo gesto de César: autoriza a *morte*, esticando o braço com o polegar indicando o chão.

Chegam dois policiais. MÁRIO TAPIA se levanta tenso. Os atletas aglutinam-se ao redor do chefe.

ROGÉRIO

(fala para o gravador)

É tudo tão nojento. O maior espetáculo da terra é o da humilhação!

124 – INT. – AQUÁRIO – NOITE

Na sala, SANDRA, MARSHALL, BOB; ele olha o salão pela janela.

172

SANDRA

(cautelosa)

Você não acha que exagerou um pouquinho, chefe?

MARSHALL

(para Sandra)

Você deu o tal telefonema para a lavanderia Chiquititas?

SANDRA

(algo culpada)

Não.

MARSHALL

(rindo)

Você é o meu melhor cão farejador.

SANDRA

(com rancor)

Eu sei farejar não porque seja um cão, ou melhor, cadela.

Mas porque sou negra. Eu reconheço um fudido a quilômetros. Não mereço um prêmio por isso? BOB olha o salão. Os atletas estão sendo retirados escoltados por policiais. LATINO consegue ir até a janela. Encara BOB e fala num espanhol cheio de marra, de gírias, bem popular.

173

LATINO

Eu vou voltar pra te pegar, barata branca! Não vou esquecer da tua cara, nem daquele filho da puta! Me esperem!

125 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Agrupam-se A. CARLOS, MÁRIO TAPIA, ROBERTO, ROGÉRIO, ASSUMPTA e CALIPSO. Estão deprimidos. Depois de uma pausa, todos se viram para LALO que está falando no celular, aos gritos.

LALO

(grita)

Não desliga, amor... Amor, você não pode

me tratar assim, feito cachorro.
Não desliga, por favor... Eu te...

Desligam.

LALO

(continuing; raivoso, emocionado)
Quer me ver rastejando. Eu já estou
rastejando...

DISSOLVE TO:

126 – EXT. – CASA DE LALO E CORDILHEIRA – DIA
A cordilheira fechando o horizonte. Bairro resi-
dencial de chalés modernos, elegantes. LALO está
na janela da casa moderna, em Santiago, CHILE.

174

127 – INT. – CASA DE LALO – DIA
Eduarda está diante de Lalo.

EDUARDA

(incisiva)
Lalo, é sua última chance: quer ficar co-
migo e ter filhos ou não?

Como se nada sentisse, LALO dá sua palavra final:

LALO

Não!

Da parede para o chão, um porta-retratos se faz
em cacos.

128 – EXT. – RUA E CASA DE LALO – AMANHECER
Do segundo andar, arremessam uma mala que
cai no jardim.

129 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE
LALO voltando à realidade, repara que todos o
rodeiam.

ROGÉRIO

(compreensivo)

Amas y no eres amado?

Fotos de família de um álbum aparecem em
primeiro plano. São fotos de EDUARDA e LALO
que passam de mão em mão.

175

O casal numa praia, num aniversário, se beijando.
Ouvimos as pessoas falando.

ASSUMPTA (O.S.)

(com raiva dele)

E você fugiu, como um rato?

CALIPSO (O.S.)

(incisiva)

Ela está te dando o troco.

A. CARLOS (O.S.)

(defende-o)

Ele deve ter suas razões! Todos nós temos!

ASSUMPTA (O.S.)

(agressiva)

Anda, chora. Mostra o menino da mãe que tá atrás desse machão.

Vemos LALO que está quase chorando.

ROGÉRIO

Você quer parecer durão, mas não é. *Y por eso arrastras las cadenas de un amor perdido!*

LALO

(lamenta-se)

Por que entrei nesse avião maldito?

ROGÉRIO

(misterioso)

Está escrito nas estrelas: é a lua minguante. Não é bom viajar.

ROBERTO

(supersticioso)

É mesmo?

ROGÉRIO

Lua minguante, faz tudo fechar, até o coração dos homens...

130 – INT. – SALA DOS OFICIAIS – NOITE

Computador: Entram imagens da INTERPOL. Elas identificam MÁRIO TAPIA como sendo, na verda-

de ALBERTO ANTICE: oficial de exército argentino, condenado por crimes contra direitos humanos e indiciado pelo assassinato de um refugiado argentino e de uma cidadã norte-americana nos EUA. MARSHALL cochila. BOB, ao computador vendo a ficha com a foto do argentino sem o bigode.

131 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Os viajantes veem BOB com dois policiais caminhando na direção deles.

Do aquário, MARSHALL observa tudo. BOB fala com os policiais, indicando ANTICE.

ANTICE recua em direção ao banheiro.

132 – INT. – BANHEIRO – NOITE

ANTICE se olha no espelho.

133 – INT. – BUENOS AIRES – SALÃO DE DANÇA – NOITE

Tango. O bandoneon dá os últimos acordes do tango. Pés e pernas fazendo passos, entrelaçando-se, parando, avançando, deslizando.

O tango está no auge, perto do fim. ANTICE está exaltado, dominando a mulher, de quem ainda não vemos o rosto.

Ele dominou a mulher, inclinando seu corpo sobre o dela. Ela dobra a cintura, deixando o torso cair, apoiado no braço dele. A luz bate no rosto: o rosto é uma caveira.

134 – INT. – BANHEIRO – NOITE

ANTICE- TAPIA se vê no espelho, fora de foco. Segura a pistola na mão. Os policiais entram no banheiro. Ele aponta a arma contra o coração e dispara. Cai morto.

BOB debruça-se sobre o cadáver e arranca o bigode postiço de ANTICE.

135 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Todos estão amontoados num canto do salão.

LALO

Quem diria? Eu sabia que conhecia aquela cara de algum lugar...

A. CARLOS

A Luisa me pediu pra ficar. A Marieta me pediu pra ficar... e eu...

No visor da câmera de vídeo, vemos imagens da ilha e de LUISA.

LUISA

(fala para câmera)

Pai, peguei a câmera escondida de você pra te falar uma coisa, duas coisas. Primeiro, para você se lembrar de mim. Porque quando você está longe, você não me vê e aí pode esquecer que eu estou aqui. Outra coisa é que eu só fico pensando

na casa da ilha. Vai ser muito legal ter
uma casa, pra você voltar e ficar, e nunca
mais viajar
(mostra uma foto de revista com um
poodle branco)
Ah, esse aqui vai ser o Nicolau. Pai, volta
logo, te amo de paixão.

Todos estavam olhando as imagens de LUISA.

PATRÍCIA

(aflita)
Eu estou grávida e não quero esse filho.
Eu quero tirar ele daqui.
(faz um gesto como se puxasse a barriga)
Arrancar fora e esquecer...

179

ROBERTO abraça ASSUMPTA.

ROBERTO

(sussurra)
Vamos jogar fora teu livro. Depois vai
ser tarde.

ASSUMPTA

Vai ser tarde pra quê?

A. CARLOS

Sete anos trabalhando aqui, das 10 ho-
ras da noite até as 8 horas da manhã,
2.755 dias.

Nunca fui a um museu, nunca subi no
Empire States. Por que estou aqui?
Pela grana?

136 – INSERT – IMAGENS DE NOVA IORQUE,
MIAMI – DIA – NOITE

Imagens em câmera lenta, ou fotos P & B, de rostos e atitudes de latinos, imigrantes de diversos lugares do mundo, em N. Iorque e outras cidades. O esforço do trabalho, a miséria e a alegria. Também vemos os lugares que as pessoas mencionam.

ROGÉRIO (O.S.)

Eu nunca fui na *Broadway*, nunca vi um musical da Barbara Streisand que eu amo. Ainda não fiz nada, meu Deus, nada!

ASSUMPTA (O.S.)

Nunca fui a um restaurante caro, não pedi champagne, caviar...

ORLANDO (O.S.)

Nunca entrei no *Metropolitan Museum*.

ROBERTO (O.S.)

Imigrante está sempre esperando a mamada que nunca vem.

ROGÉRIO (O.S.)

No Brasil eu estaria morrendo. Aqui, pelo menos eu estou sobrevivendo.

137 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

ROGÉRIO está encolhido sobre si mesmo.

ROGÉRIO

Mas quando vejo a mamãe, quero ficar com ela, para sempre.

A. CARLOS

Quando estou no Brasil quero vir para cá, quando estou aqui quero estar lá.

ORLANDO

Eu estou voltando!

A. CARLOS

Por que as mulheres deixam partir os homens que amam?

181

ROGÉRIO (DRAMÁTICO)

Para que possam voltar, esfarrapados, sujos e famintos.

ASSUMPTA

(para Roberto)

Um homem que nunca ganhou uma guerra, qualquer guerra, nenhuma mulher quer.

ROGÉRIO

Eu não quero ser mulher: eu sou o *ideal* de mulher.

ASSUMPTA

O que me dá prazer? Eu não sei.

ROBERTO

(cantando para Assumpta)

*É melhor ser alegre que ser triste, alegria
é a melhor coisa que existe...*

ROGÉRIO

O que eu mais queria, perdi. Não tenho
mais, não posso tocar, nem me aproximar.

DISSOLVE TO:

138 INT-EXT-HOTEL-RIO DE JANEIRO-NOITE

A sacola de presentes que ROGÉRIO carregava na
favela está jogada no chão. Está sofrendo mas
não chora. Como não consegue fechar a mala,
derruba-a espalhando o conteúdo.

Descarrega toda a frustração, a ira, chutando a
sacola de presentes, espalhando-os pelo quarto.
Ele rasga o invólucro dos presentes, joga vestidos,
sapatos de mulher pela janela.

Quebra um vidro de perfume no espelho de uma
velha penteadeira. Num caco do espelho partido
alisa seu rosto e geme.

139 – INT. – SALA DE ESPERA – NOITE

Todos estão rodeando ROGÉRIO. Ouvindo-o.

ROGÉRIO

De meu, só tenho a minha doença. É isso
que me sobrou.

Sem fôlego, cambaleia como se fosse desmaiar.
ASSUMPTA o ampara, o faz sentar, o abraça. A
sacola dele cai; LALO o abana com uma revista.
ORLANDO toma-lhe o pulso, olha as suas pupilas.

ROGÉRIO

(continuing; canta baixinho)

*No existe un momento del dia, / en que
pueda apartarte de mi. / El mundo parece
distinto / quando estás junto a mi!*

BOB sai do aquário com o livro de ASSUMPTA.
Cruza o salão, indo ao encontro dela.

ROGÉRIO

(continuing; cantando afinado e feminino)

*No hay bella melodía. / En que no surjas
tú. / Ni yo quiero escucharla / si no la es-
cuchas tú.*

(aumentando o tom)

Es que te has convertido...

CALIPSO deixa-se levar pela dança.
ROBERTO não encontra o olhar de ASSUMPTA
que está olhando para BOB.

ASSUMPTA

*En parte de mi alma. / Ya nada me con-
forma... Si no estás tu también./*

ROBERTO com ódio dela. ORLANDO murmura entoando para si:

ORLANDO

Mas allá de tus labios / del Sol y las estrellas.

LALO

(com muito sentimento)

*Contigo en la distancia. / Amada mia
estoy!.*

BOB chega até ASSUMPTA. É evidente a atração entre eles. BOB entrega o livro a ASSUMPTA.

BOB

Os poemas são muito bonitos. E a edição também! Parabéns.

ROBERTO

(raivoso, sem pudor)

O diálogo Norte-Sul está esquentando.

Todos o ouvem constrangidos. Levanta-se para brigar, porém, a presença de Marshall, que caminha pelo salão observando um e outro, o detém. MARSHALL, bêbado, parece um *gendarme* vigiando prisioneiros.

SANDRA segue-o de perto. Ele para em frente de A. CARLOS. O clima de confronto e briga é patente. BOB e SANDRA estão na expectativa.

MARSHALL

(com voz pastosa)

Você vai ter que se explicar comigo, Copacabana! Agora.

BOB

Vamos para a sala, Marshall.

MARSHALL

Não precisa, não tem segredo nenhum.

BOB

Falei com o sócio dele. Seus dados bancários conferem!

MARSHALL

Cai fora.

185

SANDRA

Vamos conversar com ele na sala...

MARSHALL

(grita)

Fecha essa matraca, beijuda!

SANDRA sente o perigo.

BOB

(olhando o relógio)

Seis horas da manhã, cara. Fim do expediente. Tu tá aposentado já.

MARSHALL

(sarcástico)

UUUh! Calma, tô fazendo hora extra!

Dá uma gravata em BOB. Ele se desfaz do golpe. Todos na sala de espera estão tensos. Marshall se senta no meio dos detidos e esparrama os braços.

MARSHALL

(continuing; apontando A. Carlos)

Mr. Robert, posso fazer um último pedido para este senhor?

BOB fica em silêncio.

MARSHALL

(continuing; para A. Carlos)

O que é essa experiência dos olhos azuis?

A. CARLOS toma coragem e explica as regras do jogo.

A. CARLOS

É um jogo onde quem tem olho azul vira *cucaracha*. E quem tá por cima sente na pele o que é estar por baixo.

MARSHALL

(divertido)

Pra que isso?

A. CARLOS

É um jogo, um jogo educativo pra machos. Quer experimentar?

MARSHALL

Topo.

SANDRA

Vai dar merda. Eu não vou perder meu emprego por causa de um bêbado aposentado.

(para Bob)

Vocês que são brancos que se entendam!
Hasta la vista, baby!

187

Ela sai da sala de espera.

BOB

(para A. Carlos)

Vou lhe dar o visto e caia fora.

MARSHALL

(provoca A. Carlos)

Vai querer entrar nos EUA, com o rabo entre as pernas? Não tem peito para fazer o joguinho comigo?

BOB espera a reação do brasileiro. Os viajantes aguardam a resposta dele. A. CARLOS duvida.

A. CARLOS

Topo... se você encerrar esse jogo e liberar todos os que tão detidos.

MARSHALL

(para Bob)

Pode liberar agora se quiser.

BOB

(para Marshall)

Vamos conversar, velho? Estou te pedindo!

MARSHALL

188

Você não vai querer que no meu último dia de trabalho, um *cucaracho* ria da minha cara! Libera o resto e deixa ele se entender comigo.

140 – INT. – BANHEIRO – NOITE

ANTÔNIO CARLOS está no banheiro. Está tenso, suando. Lava as mãos e molha o rosto, para se acalmar. Se olha no espelho.

A. CARLOS

(sussurrando)

O que você tem a perder?

Pelo espelho, Antonio Carlos vê Calipso entrar.

A. CARLOS
(continuing)
Por que você amarrou meus sapatos?

CALIPSO
Pra você não tropeçar.

A. CARLOS se deixa beijar no rosto e depois na boca.

141 – INSERT – EXT – LARGO – DIA
FLASH: ANTÔNIO CARLOS é atacado pelo touro,
como no início do filme.

142 – INT. – AQUÁRIO – MADRUGADA
BOB entrega o passaporte a ORLANDO. MAR-
SHALL faz um gesto de despedida irônica.

189

143 – INT. – SALA DE ESPERA – MADRUGADA
ROGÉRIO sai do aquário.

ROGÉRIO
Bob, eu te amo, te amo pra sempre, te
amo demais. Você é uma gracinha.

Despede-se de todos.

ROGÉRIO
(continuing)
Sobrevivemos, somos *cucarachas*, porra,
com muita honra!

Faz um gesto macho.

144 – INT. – SAGUÃO AEROPORTO MIAMI – AMANHECER

ROBERTO e ASSUMPTA correm pelo saguão do aeroporto.

ROBERTO

Você ficou olhando pra'quele filho da puta.

ASSUMPTA

Eu? Deixa disso. Vamos embora, tô louca pra chegar em casa. Vamos.

190

Dá um beijo nele. Eles partem. Saem de quadro e a câmera corrige para Patrícia num orelhão.

PATRÍCIA

Alô? Quero falar com o embaixador Flecha de Lima...

(sua boca se enche)

É Patrícia Magalhães Leite de Barros...
ôi, tio?

145 – INT. – AVIÃO PARA CHILE – AMANHECER
LALO avança pelo corredor do avião, senta numa poltrona. Ao lado de uma jovem bonita. Disca o celular, ouve-se uma mulher do outro lado.

LALO

(falando baixo)

Perdoname amor, estoy volviendo.

(canta baixinho)

Me importas tu, y tu, y nadie mas que tu!

O que ouve o deixa feliz. Num repente de felicidade canta.

Surpreende a jovem que estava lendo.

LALO

(continuing)

Ojos negros, piel canela, que me llegan a desesperar...

Percebendo o sorriso da jovem. Brinca com ela, sedutor.

191

LALO

(continuing)

Me importas tu, y tu, y tu, y nadie mas que tu.

A jovem gostou dele.

146 – INT. – AQUÁRIO – AMANHECER

CALIPSO pega seu passaporte com o visto de entrada. Sensual, como uma profissional:

CALIPSO

(sacaneando)

Posso fazer alguma coisa especial por vocês?

Ela deixa a sala.

MARSHALL

Até cubano entra e sai daqui como se fosse da própria casa.

BOB

Vamos cair fora logo. Só falta teu amigo brasileiro.

MARSHALL se adianta e pega o passaporte de A. CARLOS.

147 – INT. – SALA DE ESPERA E AQUÁRIO – AMANHECER

192 A. CARLOS ficou sozinho no salão.
No AQUÁRIO: MARSHALL segura o passaporte de ANTÔNIO CARLOS.

BOB

Não há nada contra ele, deixa o cara entrar.

MARSHALL

(gritando)

Tenho um trato com o brasileiro e vou até o fim. Nem que eu tenha que rasgar esta merda de passaporte.

ANTÔNIO CARLOS aproxima-se do AQUÁRIO.
Não ouve bem o que eles discutem, nem sabe porque gritam.

BOB

Se você não se acalmar, vou reportar o que aconteceu hoje aqui!

MARSHALL está furioso.

MARSHALL

Vai me trair?

BOB

Me entrega o passaporte, anda, estou cansado.

Tenta tirar-lhe o passaporte. MARSHALL o encara com violência. Caem num corpo a corpo desajeitado que derruba a mesa. Um confronto nada cinematográfico nem glamouroso.

193

Arrastam-se pelo chão.

ANTÔNIO CARLOS vê seu passaporte voar das mãos do velho.

Entra no aquário e o recolhe assustado. Segura o documento como quem defende a vida.

Cansados de brigar, MARSHALL e BOB desistem. Exaustos, ficam sentados no chão. Reparam em A. CARLOS. MARSHALL começa a rir.

MARSHALL

Que despedida mais absurda!

BOB

Uma despedida e tanto.

MARSHALL

E que porre! Minha cabeça dói.

(para A. Carlos)

Vem cá. O desafio está de pé?

(para Bob)

Se ele se acovardar, manda de volta pra Copacabana.

BOB concorda.

BOB

(abraçando-o)

Você é um otário, mesmo. Vá em frente!

ANTÔNIO CARLOS não sabe o que fazer. BOB
encoraja-o.

MARSHALL

É para fazer o que? É para piscar os meus
olhinhos azuis, meu bem?

A. CARLOS

Fica onde está. Agora você é aquele que é
detido na fronteira, interrogado, tratado
como lixo.

Agora, no nosso jogo, quem tem olho
azul é que é um merda, sem nenhum
direito. Entendeu agora?

MARSHALL

Vá em frente!

ANTÔNIO CARLOS adota uma postura diferente, como se fosse o outro, investido de autoridade e poder imanente. Ele fica frio, seco.

A. CARLOS

(para Bob)

O chefe agora sou eu. Você fica do meu lado, mesmo que discorde.

BOB concorda.

A. CARLOS

(continuing; interroga Marshall)

Você quer que eu lhe dê o visto para entrar na América do Norte?

195

MARSHALL

Eu sou daqui, não preciso de visto.

A. CARLOS

Não te perguntei de onde você é? Será que os babacas que têm olho azul não têm imaginação? Não podem abstrair um pouco? Eu te perguntei o seguinte: Você quer o visto pra entrar nos EUA ou não?

MARSHALL

Quero. Eu tenho direito a entrar. Sou um homem honesto, trabalhador, educado e

por isso tenho direito ao visto. Além do mais, tenho endereço fixo, contracheque. Sou viúvo e posso mostrar a certidão de casamento...

Seco e frio, A. CARLOS corrige.

A. CARLOS

Não lhe perguntei se você era honesto, se era viúvo, se chorou muito quando tua mulher empacotou. Eu perguntei se queria um visto ou não.

MARSHALL

Não sou como a maioria dos que pedem visto, que mentem pra entrar.

196

A. CARLOS consulta BOB.

A. CARLOS

Foi isso que eu perguntei? Eu perguntei se ele acha que é picareta ou não? Já que não tem alcance pra responder o que eu pergunto, vamos mudar de pergunta.

BOB concorda com A. CARLOS.

A. CARLOS

(continuing)

O que você pretende fazer na América do Norte?

MARSHALL reflete e responde:

MARSHALL

(na dúvida)

Trabalhar?

A. CARLOS

(com ironia)

Trabalhar?

MARSHALL

Que nem um camelo...

A. CARLOS

A palavra é escravo.

197

MARSHALL

Camelo. Que diferença faz?

A. CARLOS

Eu disse escravo! Você repete: escravo!

Não aceitou as regras do jogo?

MARSHALL

Escravo... vou trabalhar 15 horas por dia,
juntar dinheiro e mandar para a minha
madrecita.

A. CARLOS

Essa lenga lenga de trabalhar, poupar, é

conversa fiada de *olhinhos azuis*. Os olhinhos azuis mentem, casam por interesse.

Trabalham MUITO, dormem pouco, comem mal, alimentam o gato e assistem TV. São neuróticos, vivem com medo de serem expulsos do *paraíso*.

MARSHALL grita com raiva.

MARSHALL

Esses são vocês!

A. CARLOS

O que você diz não interessa a ninguém. Interessa o que eu digo. Agora responda, olhos azuis, o quê você faria pelos EUA?

MARSHALL está violentado.

MARSHALL

Faria qualquer coisa pela América do Norte. Lutaria pelo meu país, mesmo que isso me custasse a vida. Já fiz isso no Vietnã (levanta a camisa para mostrar a cicatriz)

A. CARLOS

Você nunca morreria por este país. Só diz isso para conseguir o visto. Quer assistir a um *show* da *Broadway*?

MARSHALL

Quero, por que não?

A. CARLOS fala em português.

A. CARLOS

Você não faria isso porque é um imigrante que só quer saber de ganhar dinheiro, poupar e se mandar. Não comeria em restaurantes caros porque não ia querer gastar dólar. Dava tudo pra ser um *cucaracha*, né? Uma barata de casca dura que resiste a tudo. Tudo passa, a *cucaracha* resiste. Você é mais um verme mole, gordo de olhos azuis que olha para nossas mulheres morenas, gostosas e as deseja. Só que nunca vai ter...

199

A. Carlos repete em inglês.

A. CARLOS

(continuing)

Você é mais um verme mole, gordo de olhos azuis que olha para nossas mulheres morenas, gostosas e as deseja. Só que nunca vai ter...

Marshall escuta aquilo com olhos turvos. BOB fica calado.

MARSHALL reage de repente, violentamente: como ANTONIO CARLOS está muito perto dele, desfere-lhe um murro na cara, fazendo-o rolar pelo chão.

BOB reage para defender o brasileiro, mas MARSHALL o detém com um gesto.

Fala, sem rancor, mas com firmeza:

MARSHALL

Devia voltar à advocacia, Bob. Teria filas de *cucaracha* pra você!

Levanta-se e estende a mão para ajudar ANTÔNIO CARLOS a se levantar. Receoso, ANTÔNIO CARLOS aceita a ajuda do velho.

MARSHALL não lhe solta a mão. Aperta com força, despedindo-se:

A. CARLOS

O soco doeu, filho da puta!

200

Marshall sorri.

MARSHALL

Foi um soco de macho!

Acomoda o paletó, a gravata, sacode a poeira e deixa o aquário cambaleando dignamente. Sente-se bem-humorado.

MARSHALL

(continuando; para Bob)

O cargo é teu. Boa sorte.

BOB

(aliviado)

Vai descansar. Passa lá em casa amanhã.

BOB entrega o passaporte a ANTÔNIO CARLOS.
Ele o abre: está com o carimbo de entrada.

A. CARLOS

Quer me explicar que merda é essa que aconteceu?

A. CARLOS

(continuing)

Quem é esse maluco? O que ele queria?

BOB

Adios, amigo.

148 – EXT. – PISTA DO AEROPORTO – AMANHECER
O sol está nascendo. MARSHALL tira a camisa e caminha em sua direção. Ouve-se a canção instrumentalizada: *La cucaracha, la cucaracha ya no puede caminar porque le faltan porque no tiene, las dos patitas de atrás...*

COMO NUMA COREOGRAFIA: Funcionários, empregados do aeroporto e tripulação dos aviões pontuam o arranjo , jogando malas, ligando motores, fazendo sinais, fechando uma porta, pegando lixo no avião. De dentro de uma lixeirinha de um banheiro de uma aeronave latina sai uma simpática baratinha cascuda. A imagem congela.

FIM

7º Tratamento
24 de setembro de 2007



OLHOS AZUIS

Sétimo Tratamento – 24/10/2007

Um filme de José Joffily

Argumento:

José Joffily

Jorge Duran

Roteiro

Paulo Halm

Melanie Dimantas

LETREIRO:

No meio do caminho de nossa vida

Encontrei-me por uma selva escura,

Porque o caminho reto havia desaparecido

(Dante, Inferno I, 1-3)

205

CENA 1. PRESÍDIO. PARLATÓRIO. INT. DIA.

Marshall, um homem de 60 anos, ainda forte e vestindo uniforme de presidiário, se aproxima da mesa onde está Bob, um sujeito de 30 e poucos anos, moreno, bem apessoado. Os dois se olham, longamente.

BOB

Então... como você está?

MARSHALL

Bem. Se tem uma vantagem de estar aqui é que tenho tempo de sobra pra pensar. Tenho pensado muito nas coisas que fiz. E nas coisas que tenho que fazer, daqui pra frente. (T) Fez o que eu te pedi?

BOB

Fiz... deu um trabalhão, mas vendi tudo. Carro, casa, as ações. Depositei tudo na tua conta pessoal.

MARSHALL

Ótimo.

BOB

Você está mesmo certo disso?

MARSHALL

Estou.

BOB

Você podia usar esse dinheiro pra se cuidar... vai precisar...

MARSHALL

Eu já me decidi, Bob.

Novamente o silêncio. Bob faz menção de sair, mas se detém.

BOB

la me esquecendo...

Retira do bolso um pequeno embrulho. Os olhos de Marshall brilham.

MARSHALL

Você trouxe.

BOB

Tive que negociar alguns *favores* pra entrar com isso aqui... Seja discreto.

Bob entrega o embrulho a Marshall. A sirene do término da visita toca. Marshall e Bob trocam apertos de mão. Bob se retira.

207

Marshall guarda o embrulho, retorna à sua cela.

CENA 1 A – PRESÍDIO, CELA, INT, DIA.

Marshall entra em sua cela, que tem as paredes forradas com mapas, fotos, etc.

Marshall certifica-se de que não é visto, abre o embrulho...

É uma pequena *handycam*. Marshall liga a câmera. Pela primeira vez (estabelecendo código), olha as imagens que se formam na telinha.

Imagens amadoras dos pés de uma criança e um adulto na areia da praia.

Passa em fusão para:



CENA 2. RECIFE ANTIGO. RUAS. VÁRIOS AMBIENTES. EXT. DIA

Os casarões e prédios decadentes de Recife Velho. Fim de carnaval. As ruas estão quase desertas, a decoração de carnaval já em decomposição. Poucas pessoas fantasiadas perambulam pelas ruas de prédios e casarões velhos, ao som de uma música que ecoa, distante. Marshall atravessa as ruas do centro de Recife. Ele está visivelmente embriagado e desorientado, cabelo desgrenhado, a barba por fazer. Anda meio a esmo, sem nenhum rumo. INSERT – Imagens em vídeo. Um homem brinca com uma criança de seus 8 anos, eles riem, se abraçam, correm pela areia da praia.

Marshall traz uma garrafa de cachaça, que bebe, enquanto caminha. Esbarra nos transeuntes, está completamente embriagado. Uma jovem mulher muito bonita, vestida com uma sumária fantasia de anjo, nada mais que um par de asas de penas sobre o biquíni pequeno, dança se insinuando para Marshall. Ela é bem jovem e bonita (seu nome é Bia, como veremos mais adiante). Mas Marshall não parece se interessar por ela. Ela insiste.

209

BEATRIZ (EM INGLÊS)

Vem dançar, gringo. Aproveita que hoje é o último dia.

Ela dança o frevo para Marshall, que a observa e bebe. Parece tonto, se apoia na parede de um casarão.



A garota dança, meio embriagada, também.
Parece em transe.

A imagem da menina vestida de anjo se desvanece à sua frente.

Ele bebe, esfrega os olhos, cansado.

INSERT – Imagens em vídeo. O homem – Nonato – e a menina – Luisa – correm pela praia.

Marshall se afasta dali. Bia o vê já distante.

BEATRIZ (EM INGLÊS)

Gringo! Volta!

Mas Marshall já está muito longe para ouvi-la.

CENA 2 A. RECIFE ANTIGO. PONTE. EXT. DIA

Marshall atravessa uma das pontes, apoiando-se na amurada. Algumas pessoas fantasiadas cruzam por ele, as fantasias já decompostas. Chega a um ancoradouro, vários barquinhos de pesca ancorados. Ele bebe um gole de cachaça, o sol forte o atordoa. Ele vê a praia. Caminha meio trôpego até lá.

211

CENA 2 B. RECIFE. BRASÍLIA TEIMOSA. PRAIA. EXT. DIA.

As ondas rebentam nos arrecifes. Marshall fica olhando o mar, enquanto bebe.

Retira do bolso uma *handycam*. Liga.

As imagens surgem no monitor da *handycam*.

Marshall observa as imagens, bebendo, nervoso.







CENA 3. RECIFE. PRAIA. EXT. DIA.

A imagem da *handycam* é desequilibrada e os enquadramentos se alternam amadoristicamente. Diante da câmera, de costas para o mar, Nonato, cerca de 32 anos, moreno, forte, responde carinhosamente às questões de sua filha em *off*:

LUISA (OFF)

Fala, pai.

NONATO

O que?

LUISA (OFF)

Uma coisa bem bonita.

NONATO

Luisa.

LUISA (OFF)

Ah, pai, não vale...

NONATO

A coisa mais linda do mundo.

LUISA (OFF)

Eu não sou coisa, sou gente.

NONATO

A pessoa mais linda do mundo. E a que eu mais amo. De quem eu vou sentir saudades todo o tempo.

LUISA (OFF)

Eu também vou sentir saudades de você pai.

Ela abaixa a câmera. Os dois se abraçam, emocionados, mas só vemos seus pés.

A imagem congela. A câmera apaga.

Escurecimento.

CENA 4. RECIFE. BRASÍLIA TEIMOSA. PRAIA. EXT. DIA.

Marshall perambula pelas areias da praia vazia, bastante embriagado. Ele caminha trôpego pela beira do mar, fala coisas incompreensíveis, balbucia uma espécie de canção, em inglês. Num dado momento, perde o equilíbrio e cai sentado na areia, e ali permanece. Parece não ter mais forças para se levantar.

INSERT – Imagens em vídeo. Nonato e Luisa tomam banho no mar.

Marshall leva a garrafa de cachaça à boca, bebe um longo gole. É o último. Observa a garrafa vazia com alguma tristeza. Os olhos do velho, insuportavelmente azuis, rebrilham. Atira fora a garrafa. Procura nos bolsos pelo cigarro, acha o maço amassado, retira dele um dos últimos cigarros, acende com dificuldade e fuma. Olha o mar, à sua frente. As ondas quebram, pequenas. A espuma dissolve-se quase aos seus pés.

INSERT – Imagens em vídeo. Nonato e Luisa brincam, no meio do mar.



O sol começa a se pôr, no horizonte. Apesar da visão ser bela, a expressão de Marshall é triste.

MARSHALL

Somente um louco desesperado trocaria o paraíso pelo inferno. E no entanto... vocês fazem tudo para entrar no inferno, tudo. Mas eu era o guardião do inferno. Cérbero. O cão de três cabeças colocado no portal do inferno para impedir vocês de entrar. Era esse o meu trabalho.

CENA 5. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE.

218 A discussão já no meio, alta tensão. Marshall, com seu uniforme de chefe da imigração, anda em redor de Nonato que parece visivelmente nervoso. Ao lado de Marshall, estão também Bob (já visto anteriormente), que também usa um uniforme e SANDRA, 40 anos, negra, robusta, ambos funcionários da imigração.

MARSHALL

Quanto pagou pelo casamento arranjado? Dois mil, cinco?

Marshall avança sobre Nonato.

MARSHALL(FORA DE SI)

Última pergunta: deu tempo pra ao menos uma trepada?



Nonato levanta-se bruscamente.

BOB (INTERVINDO)

Marshall! (ao brasileiro) Pode esperar lá fora...

NONATO (A MARSHALL)

Tenho um documento expedido por um juiz norte-americano me autorizando a sair e a entrar no país.

MARSHALL

Quem decide quem entra na América do Norte é o Departamento de Imigração de Fronteiras. E o Departamento de Imigração de Fronteiras se chama Uncle Marshall.

220

Bob mostra o documento do juiz norte-americano a Marshall. Ele examina o documento.

BOB

O documento é legal...

Marshall lê com calma.

MARSHALL

Quanto pagou por este documento?

Nonato está estarecido.

BOB

O documento é legal!



Marshall rasga o documento. Bob está perplexo.
Sandra tensa.
Nonato faz menção de investir sobre Marshall.
É contido por Bob.

NONATO

Filho da puta!

MARSHALL

Vou provar que você tá mentindo, *cuca-racha* filho da puta.

CENA 6. RECIFE. BRASÍLIA TEIMOSA. PRAIA. EXT.
DIA.

222 Marshall faz um esforço, se levanta, caminha para dentro do mar. Consegue avançar um pouco, mas logo é derrubado pelas ondas. Meio aturdido, é arrastado para dentro do mar. Princípio de pânico, ele se sente preso dentro das ondas que quebram, um pouco mais fortes. Com esforço, consegue recuperar o fôlego, e se arrasta para a areia. Respira ofegante, cansado e um pouco assustado. O rosto sujo pela areia.

MARSHALL

Por que tinham que tentar entrar? O paraíso não era bastante para vocês? Filhos da puta mal-agra-de-cidos, eu os impedi de entrar no inferno. Eu devia ter deixado que entrassem. Abrir as portas e estender o

tapete vermelho. Sejam bem-vindos, seus *cucarachas* de merda, o inferno os espera!

INSERT – Imagens em vídeo. Imagens amadoras de Nonato, Marieta (uma mulher de 30 anos) e Luisa. Eles brincam, se abraçam, rolam na areia. O ponto de vista de quem filma é alternado. Ora é a menina (fora de quadro) que filma os adultos, ora Marieta (fora de quadro) que filma Nonato e Luisa.

Marshall se contorce na areia, vira o rosto para o céu. O céu agora começa a escurecer.

CENA 7. RECIFE. AEROPORTO. INT. DIA.

Imagens amadoras em vídeo. Apenas o rosto de Nonato bem grande em quadro. Ora desfoca, ora volta ao foco.

223

LUISA (OFF)

Promete?

NONATO

O que meu amor?

LUISA (OFF)

Que não vai esquecer de mim?

NONATO

Tá louca, minha filha? Esquecer de você?

LUISA (OFF)

Promete que vai pensar em mim o tempo todo?

NONATO

Prometo, filha.

LUISA (OFF)

Mesmo que esteja fazendo um dia lindo? Não... mesmo que esteja caindo neve? Cai neve lá, né, pai?

NONATO

Eu vou sempre pensar em você, o tempo todo. Dia e noite, faça sol, chuva ou mesmo que esteja nevando. Eu sempre vou pensar em você.

Uma lágrima escorre do rosto de Nonato. Ele seca, rápido.

LUISA (OFF)

Ih, eu vi... tá chorando!!!

NONATO

Chorando nada, onde já se viu? E desde quando homem chora? Eu, hein...

Começa a rir. Ouvimos o riso de Luisa em *off*.

CENA 8. RECIFE. BRASÍLIA TEIMOSA. PRAIA.
EXT. DIA.

Marshall olha o céu. Seus olhos azuis se apertam.

MARSHALL

Por que vocês não são felizes aqui? Por
que eu não sou feliz em lugar nenhum?

A expressão de Marshall é puro desespero.
Marshall fecha os olhos num esgar, como que
tentando evitar uma visão desagradável.

MARSHALL

Não existe paraíso. Apenas o inferno. O
inferno está dentro de nós...

225

Marshall respira ofegante. Uma sombra encobre
seu corpo. Ele olha e contra o sol, vê a silhueta
de uma mulher. A mulher (BIA) está exatamente
contra o sol e o contraluz cria uma espécie de
auréola sobre ela. É uma visão meio mágica,
onírica, irreal. Marshall olha a mulher, aturdido.
Ela estende a mão para ele. Sorri.

BIA (EM INGLÊS, OFF)

Quer vir comigo?

Marshall desmaia.
Escurecimento.



CENA 9. FLASH-BACK. AEROPORTO. BANHEIRO
DOS OFICIAIS. INT. NOITE.

Marshall está vestido de modo impecável. Barbeado, o cabelo bem alinhado. Ajeita a gravata, confere os botões da farda, retira um fiapo de linha de um dos punhos da camisa. Parece satisfeito com a inspeção. Segue até a privada, começa a urinar. A expressão sóbria de Marshall dá lugar a um esgar de dor. Ele olha o interior do vaso e percebe que só urinou sangue. Marshall sua, agora. A testa está empapada. Se recompõe, dá a descarga, fecha o tampo do vaso. Lava as mãos, molha um pouco o rosto. Se olha no espelho, a expressão assustada não desapareceu. Ele tira do colarinho uma medalhinha religiosa (St. Patrick), a beija, murmura algumas coisas, incompreensíveis. Recolhe a medalhinha, parece mais calmo. Marshall seca o rosto e atira fora a toalha de papel. Procura nos bolsos um cigarro, mas antes de acender, desiste. Murmura um palavrão, entredentes. Atira fora o cigarro amassado, sai.

227

CENA 10. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DOS
OFICIAIS. INT. NOITE

Marshall sai do banheiro, a expressão mais tranquila. É recebido com aplausos pelos funcionários: Bob, Sandra e outros oficiais.

CORO

*O Marshall é um bom companheiro, o
Marshall é um bom companheiro, nin-
guém pode negar...*

Marshall esboça um sorriso amarelo. Sandra balança um chaveirinho dourado em forma de chinelinhos.

SANDRA

Olha só, *John Wayne*! Tenho um presen-
tinho para você.

Entrega o chaveiro a Marshall. Ele olha o chaveiro.

228

MARSHALL

Aposentadoria! Grande merda!

SANDRA (EM TOM DE DISCURSO)

Falando sério, Marshall, você foi um puta patrão, nunca me discriminou pelo fato de eu ser mulher e negra. Um chefe e tanto.

BOB

Queria ver se ele seria tão condescenden-
te se você fosse latina ou muçulmana...

SANDRA

Ora, ele nunca te discriminou, mesmo sa-
bendo que você é uma bicha enrustida...

Bob aponta o dedo médio em riste para Sandra, ela faz uma expressão de deleite. Riem.

MARSHALL

Eu fico realmente muito grato. Mas ao contrário de mim, amanhã todos seguem trabalhando. Então, vamos acabar com essa palhaçada e voltem aos seus postos.

Os demais funcionários se retiram, na sala ficam apenas Marshall, Bob e Sandra.

MARSHALL

Despedida me deixa com a boca seca.

Tira da gaveta uma garrafa de *whisky* e enche três copinhos.

229

MARSHALL

Temos motivo para festejar!

BOB

É proibido beber em serviço, mas já que é para uma nobre causa...

MARSHALL (LEVANTANDO O COPO)

Saúde!

BOB

Saúde!

SANDRA

Saúde ao melhor chefe que este departamento já teve!

Sandra se afasta. Na sala agora apenas Marshall e Bob. Marshall se serve novamente, bebe. Bob o observa, com alguma apreensão.

BOB

Olha o porre...

MARSHALL (SILÊNCIO PESADO)

Estou com o sangue fervendo. É muito injusto. Eu ainda tenho muita coisa pra fazer. Um bando de terroristas querendo foder com a América do Norte e eu deitado na grama, queimando debaixo do sol... Sem falar na porra dos ilegais que invadem nossa terra pra se dar bem às nossas custas. Que adianta? Amanhã vou ser mais um aposentado, mais um filho da puta inútil. Parece que não fiz nada que valesse a pena.

BOB

Não fique assim, você fez um belo trabalho. Vai entrar pra história do departamento.

MARSHALL

Grandes coisas, história é passado. E as coisas acontecem aqui e agora. Os EUA na merda e eu de chinelos.

BOB

Amanhã você não terá mais que pensar nisso...

MARSHALL

Realmente! Não consigo imaginar como vai ser amanhã.

BOB

Amanhã você acorda e vai para a praia.

MARSHALL

Fazer o que na praia?

BOB

Ficar à toa, com o barrigão para o ar.
(pausa) – E se o teu pau ainda levantar,
pode pegar uma mulher.

231

MARSHALL (ESTALA OS DEDOS)

E uma interminável fila de louras vai bater na minha porta.

BOB

Aí você distribui senha...

Eles riem.

MARSHALL (OBSERVA BOB)

Vou indicar meu sucessor. (com intenção)
Tem alguma sugestão?

Bob mostra indiferença e nega com um gesto de cabeça.

MARSHALL

Tanto desinteresse é suspeito! Seu filho da puta fingido! Vamos trabalhar...

Bob também deixa a sala. Sozinho, Marshall toma um novo gole. A expressão amargurada.

CENA 11. RECIFE. KIT-NET. INT. DIA.

Um ventilador de teto gira lentamente.

Marshall abre os olhos. Aos poucos vai recuperando a consciência. Está deitado numa cama de solteiro, nu. Olha ao redor, surpreso. Está num pequeno quarto, com pouca mobília. O lugar é pobre, mas bem cuidado. Há pelo apartamento diversos pôsteres de reproduções de grandes pintores.

Mapas e postais de alguns lugares do planeta: Paris, Londres, Amsterdã, Berlin...

Num quadro, há fotos de Bia acompanhada de homens, quase todos mais velhos, visivelmente estrangeiros, louros, ruivos.

Marshall estranha o lugar. Quando procura suas roupas, vê...

Bia, debruçada no chão do quarto, vestindo apenas uma sumária calcinha. Ela está cercada por um monte de livros e cadernos. Bia parece estudar, consultando os diferentes livros. Faz anotações no caderno.

Enquanto estuda, balança a cabeça e os pés ao som da música que escuta num *I-pod*.
Marshall a observa, sem reconhecê-la.
Ao perceber que Marshall acordara, ela abre um belo e alvo sorriso.

BEATRIZ

Bom dia!

Marshall olha a menina, perturbado. Instintivamente, procura suas roupas, que estão espalhadas pelo chão, próximo da cama. Veste as calças, apressado. Bia sorri, fecha os cadernos, vai guardá-los numa estante no outro lado da sala.

BEATRIZ

Puxa, você dormiu quase 48 horas. Já estava ficando preocupada...

233

Na estante há uma cafeteira elétrica. Ela serve uma caneca com desenhos de Miró, traz pra Marshall. Ele reluta, mas aceita. Bebe.

BEATRIZ

Desculpa, mas acabou o açúcar.

MARSHALL

Quem é você? Que lugar é esse?

BEATRIZ

Poxa, já esqueceu de mim? Pensei que eu ia ficar na tua vida pra sempre...

MARSHALL

O que aconteceu?

BEATRIZ

Você bebeu demais, gringo. Apagou na praia. Eu te encontrei lá, mais morto do que vivo e te trouxe pra cá. Deu uma trabalhadeira. Tive que pedir ajuda aos vizinhos pra te carregarem até aqui.

Bia aperta um baseado, acende.

BEATRIZ

Quer fumar? Marijuana?

234 Marshall reluta, acaba aceitando. Fuma a maconha como se fosse cigarro, engasga. Beatriz dá uma gargalhada.

BEATRIZ

É maconha, homem! Nunca fumou, não? Toma um careta, vai...

Joga um maço de cigarros para Marshall, que saca um. Acende, dá uma tragada, se acalma.

MARSHALL

Não me lembro de nada.

Marshall observa Beatriz, desconfiado. Ela segue fumando o baseado, relaxada. Ele repara

no seu corpo, um belo corpo ainda adolescente.
Ele parece aturdido.

MARSHALL

Nós... transamos?

BEATRIZ

Claro.

MARSHALL

Quantos anos você tem?

BEATRIZ

Não entra em pânico. Eu já sou grandinha. Não fizemos nada ilegal.

235

MARSHALL

Como é seu nome?

BEATRIZ

Beatriz. Mas pode me chamar de Bia. E você, como se chama? Ou esqueceu também?

MARSHALL

Marshall.

BEATRIZ

Americano?

Marshall concorda, num meneio de cabeça, enquanto se veste. Quando está quase todo

vestido, tenta encontrar os sapatos. Não os vê. Procura por debaixo da cama, nada. Beatriz se diverte com a cena. Ele engatinhando na sala, procurando os sapatos por baixo dos poucos móveis. Finalmente, ele desiste.

MARSHALL

Cadê meus sapatos?

BEATRIZ

Xiiiiiiiiiiii... acho que você perdeu na praia. Você tava muito doido, hein, gringo. Entrou no mar de roupa e tudo, tomou o maior calhau, quase que a onda te leva...

236

Marshall desiste de procurar os sapatos, fica sentado no chão, desanimado.

BEATRIZ

Mas a câmera eu salvei...

Entrega pra ele uma *handycam*. Ele pega a câmera como se fosse o seu bem mais precioso.

BEATRIZ

Você é cineasta? Que é que você faz, hein? Filmes pornô? Se estiver precisando de uma atriz...

Ela faz uma pose supostamente sensual, mas Marshall a ignora, mais interessado na câmera. Ele liga a câmera, olha as imagens. Na telinha vemos imagens amadoras de Nonato, ele parece feliz. Ao contrário, Marshall parece triste ao ver aquelas imagens. Desliga a câmera.

BEATRIZ

Não fica assim. Você quase morreu, mas agora está tudo bem.

Beatriz se aproxima dele, faz um carinho no rosto dele.

237

BEATRIZ

Pra sua sorte, eu tava lá e te salvei. Você me deve a vida, gringo... e a trepada, também. Espero que você seja generoso, porque foi uma puta trepada.

MARSHALL

Você é puta?

BEATRIZ

Qual é, tenho cara de puta? Mas a vida tá cara. Se quiser, pode me dar um agradinho por eu ter te salvado.

Marshall procura a carteira nas calças. Confere, meio desconfiado.

BEATRIZ

Tá tudinho aí... pode conferir. Não mexi em nada...

Marshall pega umas notas de dólares, meio sem contar e oferece à Bia.

BEATRIZ

Não me ofenda. Já disse que não sou puta.

Marshall recolhe o dinheiro, meio sem graça.

238

MARSHALL

Desculpe...

BEATRIZ

Faz o seguinte. Você não tá com fome? Eu tô varada de fome. Me paga o almoço, e estamos quites.

Beatriz beija Marshall e começa a se vestir. Ele a observa, ainda desorientado. Joga um vestidinho curtinho sobre o corpo, passa desodorante nas axilas, perfuma o corpo.

BEATRIZ

Vamos?

CENA 12. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO/ SALÃO DE ESPERA/ SALA DOS OFICIAIS. INT. NOITE

Através da janela de vidro, Marshall, Bob e Sandra observam a sala de espera, onde estão os viajantes detidos. A sala de espera da imigração está cheia. Na maioria, latinos. Pessoas de diferentes origens e idades. Algumas famílias completas. Mas a maioria é formada por viajantes solitários. Nonato está sentado entre CALYPSO, 25 anos, cubana, morena, bonita, tipo bem latino e o grupo de tipos com traços indígenas, vestindo agasalhos desportivos, cinco ao todo. Eles têm um tipo bem indígena e falam entre si um dialeto. São liderados por AUGUSTIN, 35 anos, o mais índio de todos, mas que se destaca por usar óculos de grau, que lhe dá uma aparência ao mesmo tempo estúpida e intelectual. Mais afastados, um casal bem vestido, com ar europeizado: ASSUMPTA, 35 anos, bonita, ar decidido e MARTIN, 44 anos, jeito de intelectual, algo ansioso. Eles são argentinos. Todos parecem perplexos, assustados.

239

MARSHALL

Alguma coisa um de vocês vai ganhar hoje. Talvez um cargo superior para o melhor da classe?

SANDRA (JOGANDO VERDE)

Mas isso é para o Bob, queridinho do chefe.

MARSHALL

Viu isso na sua bola de cristal?

SANDRA

Ah... Joguei verde e colhi maduro, quer dizer que ainda posso sonhar com um aumento de salário?! Que bom... Vestidos Calvin Klein, apertadinhos...(fazendo pose de modelo) Um corpinho lipoaspirado. Um carrão, um marido zero km... Sonhar não custa nada!

MARSHALL

E você, Bob? Para que te serviria o cargo?

BOB

Mais dinheiro é básico!

MARSHALL

... e mais poder.

SANDRA

Isso significa que já escolheu ele?

MARSHALL

Se ele provar que é bom para o cargo. (sugestivo) Senão...

Marshall espalha na mesa uma pilha de passaportes.

MARSHALL

Sandra, você escolhe.

SANDRA

Como assim?

MARSHALL

Deixa a tua intuição falar. Escolhe sete, dez, doze. Escolhe quantos quiser.

Bebe *whisky*. Ela começa a tarefa. Bob apenas observa sentado numa mesa.

MARSHALL

Com 20 dólares você consegue um passaporte falso em qualquer lugar do mundo.

241

Sandra escolhe passaportes. Toca-os numa cômica encenação de vidente. Em todos vemos detalhes dos nomes e as fotos. O primeiro em que se detém é o documento de Nonato.

SANDRA

Ferrado.

Toca outro passaporte. É o passaporte de Assumpta.

SANDRA

Ferrada...

Toca o de Martin

SANDRA

Ferrado!

Toca o de Calypso.

SANDRA

Ferrada.

Toca outros passaportes, vemos diversos rostos dos latinos vestidos de uniforme.

SANDRA

Ferrado, ferrado, ferrado, ferrado.

Mostra os passaportes escolhidos a Marshall.

242

SANDRA

Pronto, chefe. Estes aqui são quentes. O resto pode dispensar. Eu garanto.

MARSHALL

Vamos trabalhar.

CENA 13. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALÃO, INT. NOITE.

Sandra entrega os passaportes para alguns dos estrangeiros que estão na sala, e os dispensa. Eles saem, aliviados.

NONATO

E a gente?



SANDRA

Vocês esperam.

NONATO

Por quê? O que há de errado?

SANDRA

Eu disse para esperar. Logo serão chamados.

Ela retorna ao aquário. Pelo vidro, Nonato observa Sandra conversando com Marshall e Bob.

NONATO

Droga, vou perder minha conexão.

244 O grupo de desportistas discute entre si, na sua língua indígena. Augustín manda eles se acalmarem, se dirige a Nonato.

AUGUSTIN (EM ESPANHOL)

O senhor poderia me explicar o que está acontecendo?

NONATO

Estão checando nossos documentos. Não se preocupem, é praxe.

CENA 13 A. MESMO AMBIENTE. INT. NOITE

Afastados dos demais, estão Assumpta e Martin. Ela parece tranquila, ele bastante ansioso. Nas mãos, trazem livros grossos, de capa dura.

ASSUMPTA

Meu amor, calma. Você quer estragar tudo?

Tranquila, Assumpta avalia os livros que levam. Examina a capa, sente o cheiro e o peso.

MARTIN

Isso é um presente de grego. Vamos jogar fora.

ASSUMPTA

Presente a gente aceita, sem reclamar. Amor, se tudo der certo, vamos poder viver tranquilos um bom tempo. Não é isso que a gente quer?

245

MARTIN

E se não der certo? Qual é o preço que vamos pagar? Vamos voltar, eu gosto de Buenos Aires. A Recoleta deve estar linda, hoje, deve estar fazendo um belo dia de sol...

ASSUMPTA

Martin, eu vou continuar morando nos EUA. Preciso ficar longe de tudo para escrever. E você também. Mas se você quer voltar pra Recoleta, volta. Eu corro o risco.

Ela abre o livro que carrega. Vemos sua foto na orelha da capa. Pega o dele; o abre. Olha a foto dele.

ASSUMPTA

A gente saiu bonito nas fotos, não é?

MARTIN

Já temos a foto de frente, só falta a de perfil com aquele uniforme listrado lá da penitenciária.

Assumpta sorri, segura.

246 CENA 13 B. MESMO AMBIENTE. INT. NOITE
No outro lado do saguão, Calypso se aproxima de Nonato.

CALYPSO

Isso é legal? Nos deterem aqui?

NONATO

Infelizmente estamos no país deles...

CALYPSO

De onde o senhor é?

NONATO

Eu moro aqui. Mas sou do Brasil.

CALYPSO

Oh, mas que maravilha. Adoro o Brasil. Isto é, nunca fui lá, mas gosto muito. Assisti sempre as novelas, são muito boas... seu país é muito lindo.

NONATO

E você? De onde é?

CALYPSO

Cuba.

NONATO

É a primeira vez aqui nos Estados Unidos?

CALYPSO

Primeira vez fora de Cuba.

247

NONATO

Tem muitos cubanos aqui.

CALYPSO

Eu sei, mas eu não sou como eles... amo meu país. Você fala espanhol?

NONATO

Um pouquinho.

CALYPSO

Será que vão implicar comigo pelo fato de eu ser cubana?

NONATO

Nunca se sabe.

CALYPSO

Podia ser pior, né? Eu podia ser colombiana.

NONATO

É verdade. Iam achar no mínimo que você é uma traficante.

CALYPSO

Ou então, árabe. Aí eu tava realmente fodida, iam me prender como terrorista e me mandar pra Guantánamo.

248

NONATO

Pelo menos ia voltar pra Cuba, né?

CALYPSO

Que horror...

Eles riem, mas logo o riso morre. Sandra se aproxima, com expressão séria.

Se dirige a um dos desportistas.

SANDRA

Você vem comigo.

O rapaz não entende. Troca olhares com os companheiros.

SANDRA

Vamos, não tenho o dia todo.

O rapaz dá de ombros, pergunta aos amigos, e todos falam ao mesmo tempo no seu dialeto.

SANDRA

Puta que os pariu, hoje não é meu dia.

Augustin ergue o braço, meio sem graça.

AUGUSTIN

Desculpe senhora, mas eles não falam inglês...

249

SANDRA

Você está com eles?

AUGUSTIN

Sim. Sou o capitão da equipe.

SANDRA (COM DEBOCHE)

Hummm, então venha comigo, *capitão*.

Augustin explica aos amigos e segue com Sandra. Os demais desportistas seguem conversando em dialeto indígena, todos meio nervosos. Da janela do aquário, Marshall vigia o salão. A expressão severa.

CENA 14. RECIFE, CENTRO, BAR, EXT. DIA.

Marshall calça sandálias havaianas menores que seu pé, que o obriga a caminhar tropegamente. Ele e Beatriz caminham pelas ruas do bairro, com seus antigos e decadentes casarões.

Chegam ao bar, sentam-se nas cadeiras, Beatriz acena para o garçom.

BEATRIZ (EM PORTUGUÊS)

Uma cerveja estupidamente gelada, que é pra refrescar a cabeça aqui do gringo...

Marshall fica olhando a garota, meio perdido. O garçom chega com a cerveja, Beatriz se serve e a Marshall. Ele reluta.

250

BEATRIZ

Vai, bebe... Não tem nada melhor pra curar um porre do que uma cerveja bem gelada...

Ele aceita, eles brindam, bebem.

BEATRIZ

Tu veio pra cá por quê? Turismo? Negócios?

MARSHALL

Não. Eu estou procurando uma pessoa.

BEATRIZ

Quem você tá procurando?



MARSHALL

Uma garota.

BEATRIZ

Hummmm, isso você já encontrou... Ou ela é melhor do que eu?

Marshall retira do bolso a *handycam*, mostra a imagem de uma menina de oito anos, morena, sorridente, típica nordestina.

BEATRIZ

Lindinha! Quem é?

MARSHALL

A filha de um homem que eu matei.

Beatriz olha Marshall, assustada.

BEATRIZ

Cuméquié? Não entendi direito... filha de quem? Você matou um cara, gringo? Olha lá, não quero saber de confusão...

MARSHALL

Deixa eu explicar. Eu fiz uma cagada. Foi um acidente, entende? Passei dois anos na cadeia.



BEATRIZ

Matou um cara e só pegou dois anos?
Que moleza, hein... pensei que só no
Brasil a justiça fosse essa bandalha.

MARSHALL

Já disse que foi um acidente. Agora eu
preciso consertar as coisas. E para isso, eu
preciso encontrar essa menina.

BEATRIZ

Sabe onde ela mora?

MARSHALL

Não.

BEATRIZ

Sabe o nome dela?

MARSHALL

Não.

BEATRIZ

Porra, isso vai ser difícil, gringo...

MARSHALL

Eu preciso encontrá-la. Você me ajuda?

BEATRIZ

Hummmmmm... sei não...

MARSHALL

Eu posso pagar. Me ajuda?

BEATRIZ (EM PORTUGUÊS)

Traz outra cerveja, Xico, esse papo me deixou nervosa...

Ela bebe, afobada. Marshall bebe. A expressão dele, agora triste.

INSERT – Imagens amadoras de vídeo. Nonato e Luiza brincam em meio às ondas que quebram.

CENA 15. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO, INT. NOITE

Marshall e Bob ouvem Augustín atentamente, mas encontram dificuldade para entender o inglês rudimentar que ele fala. Os dois o tratam com certo desprezo. Examinam duas cartas e um *fax* com *logo* e carimbo de uma associação.

255

AUGUSTIN (EMPOLGADO)

É a primeira vez que uma associação de tae-kwon-do de Honduras é convidada para um evento nos EUA. Mas se não conseguirmos descansar esta noite, como vamos competir em igualdade de condições?

Marshall finge que está convencido. Sandra retorna à sala.

SANDRA

Não consegui falar com a tal associação de kung fu.

AUGUSTIN

Taekwon-do! Mas eu falei muitas vezes com eles nesse telefone!

SANDRA

O telefone que você deu é de uma lavanderia. (imitando) *Lavanderia Chiquititas, buenas noches.*

256 INSERT – Na sala de espera, Nonato, Calypso, Assumpta e Martin estão atentos ao que acontece na sala de interrogatórios.

AUGUSTIN

Justamente, o dono da lavanderia é o nosso contato.

SANDRA

E vocês têm alguma chance de ganhar a competição?

AUGUSTIN

Temos garra.

SANDRA

É mesmo! A garra é fundamental!

AUGUSTIN

E além do mais, não temos nada a perder...

SANDRA (SARCÁSTICA)

Não tem nada a perder mesmo!

Os norte-americanos esquecem de Augustin.
Conversam entre eles.

Augustin fica meio deslocado na sala, sem saber
exatamente o que se passa.

MARSHALL

O que você acha, Bob?

BOB

Os passaportes estão com visto de entrada regular...

257

SANDRA

Se eles são atletas, eu sou a Beyoncé!

MARSHALL

O que é o *taekwon-do*, mais precisamente?

Augustin parece não compreender a pergunta.
Marshall repete a pergunta, em espanhol.

AUGUSTIN (DECORADO)

É uma arte marcial que ensina o autoconhecimento e respeito ao próximo. Desenvolve a

agilidade, o equilíbrio, a flexibilidade, a força e a resistência.

MARSHALL

Vocês fariam uma demonstração da sua arte para nós?

AUGUSTIN (ANIMADÍSSIMO)

Claro! Agora? Me dá um tempinho?

Marshall concorda. Augustin deixa a sala quase correndo.

SANDRA

Essa foi de gênio, chefe!

BOB (SEM RAIVA)

Vocês dois são os maiores filhos da puta que já conheci.

SANDRA (SARCÁSTICA)

Ficou com raiva, Mr. Estevez? Será que em alguma parte de seu corpo ainda resta um pouquinho de sangue latino?

BOB

Tanto quanto você tem de sangue africano.

MARSHALL

Agora ele te pegou, Sandra.

SANDRA

Qual é a graça, irlandês? Meu povo está na América do Norte há mais tempo que o seu.

MARSHALL

Seu povo? Pensei que nos EUA existisse um único povo, o glorioso povo norte-americano.

SANDRA

Ok, chefe. Qual eu trago aqui?

MARSHALL

Ladies first! Traz a morena.

Sandra sai.

Marshall abre a garrafa, serve-se de nova dose.

259

Bob o observa, contrariado.

Marshall se aproxima da vidraça, observa Augustin que conversa com seus parceiros.

MARSHALL

Isso vai ser divertido.

Vira o copo, num único gole.

CENA 16. RECIFE. QUARTO HOTEL. INT. NOITE

Beatriz anda maravilhada pelo quarto do hotel, enquanto Marshall serve-se de *whisky* no bar.

BEATRIZ

Uau, gringo, você tá muito bem instalado.
Que vista!

Inspeciona o quarto, abre o banheiro, se surpreende.

BEATRIZ

Caraca, o banheiro é maior do que meu apê... e tem hidromassagem... Porra, gringo, posso ficar morando aqui contigo? Só por uns dias?

Marshall dá com os ombros, mais concentrado em beber o seu *whisky*.

Beatriz desaba na cama de casal *king-size*. Momentos de descontração quase infantil.

260

BEATRIZ

Nossa, que delícia. Deve ser muito bom dormir aqui... foder então, nem conta!

Marshall abre o cofre do quarto. Dele retira uma pistola e uma pequena valise. Ao ver a arma, Beatriz recua, assustada.

MARSHALL

Calma, está travada.

BEATRIZ

Não gosto de armas.

MARSHALL

É apenas um instrumento de trabalho.

BEATRIZ

Aposto que foi esse seu *instrumento de trabalho* que te fez pegar dois anos de cadeia...

Marshall considera, sorri, irônico. Abre a valise, nela há vários *travellers-chelks* e rolos de notas de dólar. Beatriz arregala os olhos. Marshall retira um bolo, entrega à Beatriz.

BEATRIZ

Pra que isso?

MARSHALL

Por sua ajuda... e mais pela trepada. É suficiente?

261

BEATRIZ

Porra, gringo, eu já te falei que não sou puta... se eu for te ajudar é por que eu fui com a tua cara.

MARSHALL

Vai me ajudar então?

BEATRIZ

Vou...

Marshall faz menção de guardar o dinheiro, ela segura a mão de Marshall.

BEATRIZ

...Mas se você quiser retribuir minha ajuda, pagando o meu aluguel, por exemplo...

MARSHALL

Quanto..?

Bia tira algumas notas da mão de Marshall, tira mais um pouco, considera, devolve algumas notas.

BEATRIZ

Acho que isso dá conta. Obrigada.

262 Marshall ri. Beatriz guarda o dinheiro.

BEATRIZ

Qual a graça?

MARSHALL

É assim que você vive? Da ajuda dos outros?

BEATRIZ (AFETADA)

Sempre dependi da ajuda de estranhos.

MARSHALL

Hummmm, e conhece Tennessee Williams? Nunca pensei que fosse encontrar isso nos trópicos. Uma puta intelectual.

BEATRIZ

Já disse que não sou puta, gringo. Mas não tem lei que me impeça de aceitar ajuda de ninguém. Desde que seja de coração. (irônica) Além do mais, vocês gringos têm mais que ajudar a gente, sabe? Povos em desenvolvimento.

MARSHALL

Ah, além de intelectual, politizada.

BEATRIZ

Não debocha, vai... eu gasto uma grana preta na faculdade pra aprender alguma coisa.

MARSHALL

E você estuda o quê?

BEATRIZ

Relações internacionais.

MARSHALL (ESPANTADO)

Quer trabalhar em diplomacia?

BEATRIZ

Ah, sei lá. Eu sempre quis conhecer outros países, outros povos... mas como nunca tive grana pra viajar, o jeito foi conhecer o mundo por meio dos homens... O que será que vou aprender com você...?

Mas também posso te ensinar umas coisinhas...

MARSHALL

No momento, preferia que você me ajudasse a achar a menina.

BEATRIZ

Ok. Deixa eu ver a menina de novo...

Marshall liga a câmera, fica observando as imagens. Vemos imagens amadoras de Luiza, brincando com Nonato. Beatriz observa a câmera por cima do ombro do norte-americano.

264

BEATRIZ

Deve haver um milhão de meninas iguais a essa, aqui em Recife...

MARSHALL

Mas eu tenho que achá-la.

BEATRIZ

Vai ser fodinha...

Marshall observa uma imagem, onde vemos Luiza vestindo um uniforme escolar. Ele congela a imagem, mostra para Beatriz.

MARSHALL

Isso que ela está vestindo... é uma espécie de uniforme escolar, não?

BEATRIZ

É, uniforme de escola... ei, você é esperto, gringo. Podemos ir na escola e perguntar por ela, lá... com certeza devem saber onde ela mora. Amanhã a gente vai lá...

MARSHALL

Amanhã?

BEATRIZ

Não sei no seu país, mas aqui escola não abre nos feriados...

265

MARSHALL

Queria resolver isso logo...

Beatriz vai se insinuando para Marshall. Derruba-o na cama, senta em seu colo.

BEATRIZ

Eu dou um jeito do tempo passar mais rápido.

Ela arranca o vestido, ficando apenas de calcinha sobre Marshall.

MARSHALL

Nem sei se meu pau sobe mais...

BEATRIZ

Não se preocupe... eu dou um jeito nisso também.

Eles se beijam. Transam.

CENA 17. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

De pé junto à vidraça, Marshall e Sandra acompanham o interrogatório.

Bob interroga Calypso. As perguntas se sucedem sem interrupção.

266

BOB

Seu nome?

CALYPSO

Calypso Menendez Torres, 23 anos, cubana.

Sandra e Marshall trocam olhares significativos.

BOB

Como conseguiu visto de saída?

CALYPSO

Recebi um convite oficial. Para dançar numa companhia norte-americana.

BOB

Pode provar isso?

Calypso mostra um *fax*. Bob examina o papel mal impresso, a assinatura indefinida, o carimbo quase apagado. Sandra consulta Marshall com o olhar. Ele faz um gesto de *vai*. Sandra obedece.

SANDRA

(MALICIOSA, DANDO UNS PASSOS DE DANÇA)

Que tipo de dança você faz? *Pole dance*?

CALYPSO (CONTIDA)

Não sou o tipo de bailarina que estão pensando.

267

SANDRA

Eu não estou pensando nada.

BOB

Você dança o quê? Balé clássico?

CALYPSO

Clássico e moderno. Fui convidada por uma companhia daqui para dançar uma temporada.

BOB

Quanto tempo pretende ficar?

CALYPSO

O convite não estipula prazo. E depende do visto que me deem!

BOB

Gostaria de ficar nos Estados Unidos?

CALYPSO

Por um tempo sim.

BOB

Pretende voltar pra Cuba, depois?

CALYPSO (SEGURA)

Sim. Mas antes quero conhecer outros países. Europa, Japão...Deve ser muito interessante, não acha?

MARSHALL

Muito interessante. Mas a propósito, os barbudos do seu país permitem esse livre trânsito das pessoas.

CALYPSO (FAZENDO-SE DE DESENTENDIDA)

Para a formação profissional, facilitam as viagens...

BOB

Espere no salão!

Ela sai.

BOB

O problema dela é ser cubana, não é?

MARSHALL

Primeiro e único problema! Mas ela é *mui hermosa*!

SANDRA

Pensei que você fosse propor que ela fizesse uma demonstração, também.

Bamboleia o corpo, imitando uma dançarina de *striptease*. Marshall cai na gargalhada. Bob olha os colegas com algum ressentimento.

269

CENA 18. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE.

Bob se aproxima de Assumpta e Martin. Diante da aproximação do norte-americano, Martin se encolhe, apreensivo. Assumpta aperta sua mão, procurando tranquilizá-lo.

BOB

O senhor queira nos acompanhar.

ASSUMPTA

Ele não fala inglês muito bem, posso ir primeiro? Somos marido e mulher, posso responder por ele.

BOB

Bem, o procedimento é entrevistar todo mundo...

ASSUMPTA

Ele não está se sentindo muito bem, coitado, morre de medo de andar de avião. Tomou meia dúzia de calmantes. Eu respondo por ele.

Bob observa a mulher, ela já de pé, o decote bem pronunciado.

BOB

Ok. Pode vir.

ASSUMPTA

Fique tranquilo, meu amor. Eu resolvo isso num instante.

Dá um beijo na testa dele, carinhosa. Segue, sorridente, ao lado de Bob.
Martin a observa, temeroso.

CENA 19. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall examina o passaporte de Assumpta, que parece tranquila. Sandra a olha e recebe um sorriso simpático.

MARSHALL

Escritora...?

ASSUMPTA

Sim...

Assumpta mostra-se calma. Cruza as pernas. Belas pernas. Marshall gosta do que vê, observa-a um tempo a mais do necessário. Sandra está num canto da sala e percebe.

ASSUMPTA

Eu e o meu marido visitamos universidades. Fazemos contatos. Conseguimos convites para recitais, conferências.

271

MARSHALL

É mesmo?

Revisa o passaporte.

ASSUMPTA

O interesse da juventude daqui pela América do Sul é enorme. Posso?

Ela faz menção de acender um cigarro, Marshall faz um gesto negativo com a cabeça. Ela não se abala, guarda a carteira de cigarros, sorridente. Todos os seus gestos são ensaiados, plenos de charme. É uma sedutora. Marshall a admira, mas mantém a pose profissional.

MARSHALL

No que você e seu marido trabalham?

ASSUMPTA

Somos poetas.

MARSHALL

E isso é profissão?

ASSUMPTA

Para muita gente não é. Às vezes me perguntam: com o que eu trabalho? Eu digo que escrevo poesia. E me dizem: ah, que interessante! Mas você trabalha mesmo em quê?

272

Sandra ri. Assumpta desvia o olhar e sorri para ela. Marshall só consegue olhar para ela. Os seios apertados no decote. Assumpta muda o tom, agora séria:

ASSUMPTA

Em Buenos Aires as pessoas se acham cosmopolitas, mas no fundo, são todos muito provincianos. Já houve um tempo em que se podia ser um escritor lá. E produzimos grandes escritores: Borges, Cortázar, Puig... mas agora, depois da crise econômica, escrever virou um acinte,

uma ofensa àqueles que se matam de trabalhar pra não morrerem de fome.

MARSHALL

Difícil imaginar você passando fome...

ASSUMPTA

Há muitos tipos de fome. Fome espiritual, fome de reconhecimento.

MARSHALL

E você acha que será reconhecida aqui na América do Norte.

ASSUMPTA

Em Nova Iorque, você está no centro do mundo. E esses convites nos permitem ficar escrevendo em paz.

273

CENA 20. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALÃO DE ESPERA. INT. NOITE

Martin muito tenso, de pé, olhando o aquário. Percebe o jeito com que Marshall olha para sua mulher.

MARSHALL (OFF)

Onde vocês vão se hospedar?

ASSUMPTA (OFF)

Em casa de amigos.

CENA 20 A FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Assumpta se remexe na cadeira, sensual. Marshall tem dificuldades em se concentrar no trabalho, atraído por aquele constante rebolar de quadris.

MARSHALL

Pode me dar os nomes, telefones?

ASSUMPTA

Quer anotar?

274 Pega um caderninho de dentro de sua bolsa, lendo ao acaso:

ASSUMPTA

Robert... de Niro.

SANDRA

Give me a break! Não vai me dizer que você conhece ele...

Assumpta dá com os ombros, sorrindo, se sentindo bem à vontade.

ASSUMPTA

Acredite, no meio artístico se conhece muita gente.

MARSHALL

Você já publicou algum livro?

ASSUMPTA

Já...

MARSHALL

Tem algum aí com a senhora?

Assumpta reluta um segundo, mas se decide: entrega-lhe o livro de capa dura que estava em sua bolsa. Na contracapa, Marshall vê a fotografia dela. Compara-a com ela ao vivo. Ficam se olhando um segundo a mais do que o necessário. Visto do aquário, Martin está pálido, ofegante, em pânico.

275

ASSUMPTA

O senhor conhece espanhol?

MARSHALL

Alguma coisa...

Abre uma página, lê com alguma dificuldade:

MARSHALL (EM ESPANHOL)

No olho cor de mel, o tempo pára / A presa vive, invariável e graciosa, / dançando no olho cor de mel.

ASSUMPTA

Numa tradução livre seria algo como... (repete o texto, em inglês) Mas não domino tanto a sua língua para fazer uma tradução que reproduza a sonoridade das palavras...

MARSHALL

Me parece bom...

ASSUMPTA

Então? Estou liberada? Vai me dar o visto?

MARSHALL

Ainda não. Mas até lá, vou procurar conhecer um pouco do seu trabalho. Posso?

276

Retém o livro. Assumpta não perde a pose.

ASSUMPTA

Adorarei ouvir sua opinião.

MARSHALL

Vai ser a opinião de um leigo.

ASSUMPTA

São as mais sinceras.

MARSHALL

A senhora está liberada por enquanto. Pode sair.

Assumpta sorri, se levanta, sai do aquário reboiativa.

Marshall a devora com os olhos. Depois, examina o livro.

Sandra percebe, sorri.

SANDRA

Não sabia que gostava de poesia.

MARSHALL

Estou começando a me interessar pelo assunto.

SANDRA

Então? Ela tá dentro?

277

MARSHALL

Por enquanto não. Mas não sei se resisto a outro meneio de quadris como esse...
Que *culo* tem essas *cucarachas*.

Eles riem.

MARSHALL

Quem é o próximo?

SANDRA

O brasileiro.

CENA 21. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALÃO DE ESPERA. NOITE

Martin está nervoso e mal consegue ficar parado no lugar. Assumpta se aproxima, segura de si.

ASSUMPTA

Finalmente vou saber o que um gringo acha do que eu escrevo. Ele pediu meu livro.

MARTIN

E você entregou?

ASSUMPTA

Vamos ver o que acontece.

278

MARTIN

Você é louca?

O resto dos detidos presta atenção neles. Assumpta muito segura, aperta-lhe o pulso.

ASSUMPTA

Não dê bandeira! Qual é o seu problema, hein Martin?! Você sabe que só assim a gente vai poder fazer o que realmente gostamos.

MARTIN

É....Vamos ser presos por tráfico de drogas e aí vai ter tempo de sobra na cadeia para escrevermos, presos...

ASSUMPTA

Não fala bobagem. Trabalhando de vendedora em Palermo Viejo é que não vou continuar escrevendo mesmo. E eu quero ter livros publicados de verdade, não como esses...

CENA 22. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO . INT. NOITE

Nonato está sentado diante dos três agentes federais. Procura manter-se calmo, solícito. Bob examina o passaporte. É contido e impessoal. Marshall os observa. Sandra, ao lado dele, fica à espera de alguma *deixa* do chefe.

NONATO

279

Estou tirando meu *greencard*. Tem um documento oficial anexado no passaporte.

Marshall o observa. Nonato sorri para ele, sem que o cumprimento seja correspondido.

BOB

Professor?

NONATO

Sim. Mas agora mexo com comércio. Tenho uma pequena empresa de alimentação.

BOB (INTERROMPENDO)

Foi de férias ao Brasil?

Examina o passaporte. Examina o documento anexado.

NONATO

Fui visitar a minha filha.

BOB

O senhor não é casado com uma norte-americana?

NONATO

Eu não sou casado de verdade no Brasil. Aqui eu fui casado com uma norte-americana. Vivemos dois anos juntos...

BOB

Como podemos localizar a sua esposa, a americana. O nome dela...?

NONATO

Lynn Robinson. Mas não sei aonde ela anda.

BOB

Por quê?

NONATO (CONSTRANGIDO)

Ela foi embora... sem aviso prévio.

Bob vai continuar. Sandra se adianta.

SANDRA (IRÔNICA)

E o senhor chorou muito pelo abandono?

NONATO (SOLÍCITO)

Desculpe mas... isso é importante?

SANDRA (INTERROMPENDO)

Cariño, aqui tudo nos interessa! E mais: quem faz perguntas aqui sou eu, entendido?! Uma curiosidade. Por que não casou no Brasil e casou aqui?

NONATO

Motivos pessoais.

SANDRA

Me dê uma pista...

NONATO (ACUADO)

Motivos pessoais.

281

BOB

Como se chamam seus sogros norte-americanos?

NONATO (TENTANDO LEMBRAR)

Eram dois velhos. Viviam numa cidade pequena no Kansas. Realmente não lembro.

Bob observa Nonato com neutralidade. Sandra já o condenou.

Marshall intervém, seco.

MARSHALL

Alguma vez visitou seus sogros?

NONATO

Quando nos casamos, fomos visitá-los.

SANDRA

Os sogrinhos foram simpáticos?

Marshall bebe novo trago do *whisky* enquanto examina o passaporte de Nonato.

SANDRA (IRÔNICA)

Não é toda família norte-americana que fica feliz ao ver sua filha casada com um estrangeiro.

282 Nonato olha os oficiais com raiva contida. Marshall examina o passaporte dele.

NONATO

Isso não é relevante!

SANDRA (FALSA)

Só estamos fazendo o nosso trabalho.

NONATO

O trabalho de vocês dá direito a bisbilhotar a vida dos outros? Qual o motivo desse interrogatório todo? Tenho documentos, estou legal. Por que não carimbam logo meu passaporte e me deixam ir embora de uma vez? Estou perdendo meu tempo aqui...

MARSHALL

Você vai ficar aqui o tempo que acharmos necessário.

NONATO

Isso é um absurdo, um abuso... vocês não têm esse direito...

MARSHALL

Temos sim. O presidente dos Estados Unidos da América do Norte assinou no dia 26 de outubro de 2001 o USA Patriot Act, que nos concede amplos poderes com o intuito de impedirmos a entrada de pessoas que desejam acabar com a gente.

283

NONATO

Que loucura? Por acaso tenho cara de terrorista ou algo assim?

MARSHALL

Os caras que derrubaram as torres gêmeas não tinham cara de terrorista. E entraram legalmente no nosso país. Um funcionário relapso de algum aeroporto achou que eles eram inofensivos e lhes concedeu o visto pra que eles matassem toda aquela gente e sangrassem o nosso país.

NONATO

Eu nunca fiz nada de errado. Estou nos Estados Unidos há sete anos, legalmente, nunca me meti com política nem com nada de ilegal. Nunca tomei sequer uma multa de trânsito. Tudo o que eu quero é trabalhar e ganhar o meu dinheiro em paz. Porra, foi pra isso que eu vim para os Estados Unidos.

SANDRA

Não se exalte...

MARSHALL

Se o senhor não tem nada a temer, porque o nervosismo? Acalme-se. São apenas perguntas de praxe. Se estiver tudo em ordem, o senhor vai atravessar aquela porta e retomar sua vida. Portanto, colabore conosco.

NONATO

Ok, ok, eu respondo o que quiserem... desde que isso termine logo e eu possa ir embora daqui...

SANDRA

Voltando então à minha pergunta... os seus sogros? Foram simpáticos com o senhor?

CENA 23. HOTEL. QUARTO. INT. NOITE.

Marshall e Beatriz estão deitados na cama, nus. Ela termina de apertar um baseado, acende, passa para Marshall que dispensa. Ela fuma e observa o americano. Vê uma longa cicatriz que atravessa as costas dele.

BEATRIZ

Porra, tremendo corte, esse?

MARSHALL

Uma lembrancinha que os vietcongues deixaram pra mim....

BEATRIZ

Tu lutou mesmo no Vietnã? Porra, mas isso foi há muito tempo, né? Tu é tão velho assim?

285

MARSHALL

Tinha mais ou menos a sua idade, quando fui pra lá... achava que estava ajudando a livrar o mundo da ameaça comunista e defendendo a democracia daqueles pobres amarelos. Eu era um babaca idealista, acreditava nessas coisas... Uma bela noite, meu esquadrão cruzou com um bando de *charlies* no meio de uma daquelas florestas escuras... levei cinco tiros...perdi um dos rins mas ganhei uma

medalha. Depois os políticos fizeram o acordo de paz e os comunas ganharam a guerra. Perdi meu rim esquerdo à toa. Mas tive mais sorte do que os outros, que morreram ou ficaram entrevados numa cadeira de rodas... Eu ganhei uma medalha e arrumei um bom emprego.

BEATRIZ

Que é que você fazia lá nos *States*? Tu é uma espécie de policial ou coisa parecida? Agente da CIA, do FBI?

MARSHALL

Tenho cara de tira?

BEATRIZ

Tem... e daqueles bem durões...

MARSHALL

Eu era chefe da emigração do Aeroporto de Nova Iorque.

BEATRIZ

Que é que faz um chefe de emigração?

MARSHALL

É uma espécie de buldogue que o governo do *Tio Sam* bota na porta dos aeroportos

pra afugentar pessoas que não queremos
que entrem na América do Norte

BEATRIZ

Eu já pensei em ir pros *States*... Queria
ir à Disneylândia... Cê acha que iam me
deixar entrar?

MARSHALL

Eu não deixaria.

BEATRIZ

Por que? Qual o meu problema?

MARSHALL

O problema é que todos vocês querem ir
pra América... e a América já está cheia
de vocês. Cheia de piranhas *cucarachas*,
de traficantes *cucarachas*, de desempre-
gados *cucarachas*, de babacas *cucarachas*
que acreditam naquela babaquice de
sermos a terra das oportunidades, etc
e tal... então, eu estava lá pra manter a
porta bem fechada e mandá-los de volta
pros seus países de merda...

287

BEATRIZ

Porra, que emprego mais escroto. Pior
que polícia...

CENA 24. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall enche dois copinhos com bebida. Oferece um a Nonato que não aceita.

SANDRA

Então... os seus sogros o trataram bem?

NONATO

Família é igual em qualquer lugar. Acho que gostaram de mim... não importa.

MARSHALL

Como se chamava o lugar? A cidade dos seus sogros?

288

Ele não responde. Foi pego de surpresa.

NONATO

É uma cidadezinha no Kansas...

SANDRA

Existem muitas cidadezinhas no Kansas... o senhor não lembra qual?

MARSHALL (IRÔNICO)

Por acaso... seria Oz?

NONATO

Não. Era... Modoc, isso! Como poderia esquecer?

Marshall parece gratamente surpreso.

MARSHALL
Você conhece Modoc?

NONATO
Conheço sim.

MARSHALL
E como foram até lá? Por terra?

NONATO (INSEGURO)
De avião... e também por terra.

MARSHALL
De avião até Scott City?

289

NONATO
Sim...

MARSHALL
E depois pegaram a Estadual 96?

NONATO
Não lembro direito... acho que sim.

MARSHALL
Gostou de lá?

NONATO
Gostei... Uma cidade... como outra qualquer... só fui lá uma vez.

MARSHALL

Não é coincidência? Eu nasci em Modoc, a terra dos seus sogros. Achei que nunca ia conhecer alguém que já tivesse pisado lá. (saudosista). Modoc... Tomaram banho no rio?

NONATO (SOLÍCITO)

Tomamos... é um lugar muito bonito.

MARSHALL

Teu sogro fazia o quê?

NONATO

Não sei bem...

MARSHALL

Não tinham uma loja de produtos agrícolas em frente à Union Pacific?

NONATO

Acho que sim, não sei bem!

MARSHALL

Acho que o velho Robinson tinha uma filha chamada Lynn, como a tua mulher!

NONATO

Pode ser.

MARSHALL

Um brinde ao brasileiro que conhece Modoc, o cú do mundo dos Estados Unidos.

CENA 25. RECIFE. RUAS, EXT. DIA.

Uma escola pública. Pela porta saem várias crianças uniformizadas. Do outro lado da calçada, Marshall observa as crianças, com alguma esperança. Mas o grupo se dispersa. Ele atira fora o cigarro. Beatriz surge de dentro da escola, segue em direção à Marshall.

MARSHALL

Então?

BEATRIZ

291

O nome da garota é Luisa... e ela estudava mesmo aqui. Mas largou a escola. A diretora disse que ela se mudou com a família para outra cidade. Ela tá vivendo em Petrolina agora.

MARSHALL

Petrolina? E isso fica perto daqui?

BEATRIZ

Não, fica longe à beça. No outro lado do estado...uns 700 km daqui.

Marshall parece decepcionado. Acende outro cigarro.

MARSHALL

Você sabe chegar lá?

BEATRIZ

Em Petrolina? Porra, tem que pegar a estrada e viajar sertão adentro...

MARSHALL

Você me leva?

BEATRIZ

Porra, gringo... isso não estava nos planos... Ir à Petrolina? É longe pra caralho...

MARSHALL

Eu pago.

BEATRIZ

Onde é que eu fui amarrar a minha égua. Tá bom, vamos. Mas trate de alugar um carro que eu não vou despencar pra Petrolina num ônibus pé-duro, não. E ó, o carro tem que ter ar-refrigerado, que faz um calor danado na estrada... ah, outra coisa. Tô com duas mensalidades atrasadas na faculdade? Dá pra você quebrar o meu galho?

Eles seguem pela rua.

CENA 26. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall continua bebericando e encarando Nonato. O brasileiro sua, afrouxa o colarinho, está visivelmente cansado e tenso. Sandra entra com uma bolsa. Nonato a reconhece, fica perturbado.

MARSHALL (GENTIL)

Essa bolsa é sua? Podemos examiná-la?

Nonato assente, incomodado. Sandra examina peça a peça os pertences, que retira da bolsa e coloca sobre a mesa. Retira uma *handycam*. Marshall examina a câmera de vídeo.

MARSHALL

Posso ver? Adoro filmes...

293

Liga a câmera. As imagens mostram Nonato e Luiza.

MARSHALL

É sua filha?

NONATO

Yes, sir.

Marshall continua observando as imagens. Agora vemos Nonato namorando uma mulher jovem (Marieta), de biquíni, na praia de Boa Viagem. Eles se beijam. São as mesmas imagens vistas anteriormente.

MARSHALL

Que bela praia! Aqui não temos praias assim. Hmm... belas mulheres.

Nonato começa a ficar furioso, Bob percebe.

BOB

Marshall, cuidado!

MARSHALL

Quem é a gostosa?

NONATO

Minha ex-mulher.

MARSHALL

Como é que você larga uma mulher dessas?

NONATO

Ela me deixou.

MARSHALL

Poxa, você é azarado. Dois casamentos, duas vezes abandonado...

Nonato se remexe na cadeira, irritado. Marshall se delicia com as imagens da *handycam*.

MARSHALL

Hummmm, muito bonita a sua ex... Engraçado como as mulheres do teu país usam

esses biquínis minúsculos... Difícil distinguir uma mãe de família de uma puta. Porque aqui na América do Norte quem usa um biquíni desses é puta, sabe? Mas claro, Brasil e EUA são países bem diferentes. Outros costumes, outra moral... Mas ela é realmente muito bonita. Espero que o senhor tenha feito uma boa troca. Sua esposa... a norte-americana...como se chama mesmo?

NONATO

Lynn...

MARSHALL

Ela é tão bonita como essa sua amante brasileira? Posso chamá-la de amante, não? Já que o senhor não era realmente casado com ela...

295

BOB

Pega leve, Marshall...

MARSHALL

Dizem que as brasileiras são muito boas de cama... em comparação às nossas puritanas e recatadas cidadãs norte-americanas. Deve ter sido ruim trocar uma morena tesuda como essa por uma branquela sardenta do Kansas, não?

Marshall se delicia repetindo a imagem de Marieta de biquíni, em *frame-to-frame*.

NONATO (COM ÓDIO CONTIDO)

Pode ficar com meu passaporte, carteira de motorista, talão de cheque, meus papéis.

(violento) Mas tire suas *patas* dos meus objetos pessoais.

MARSHALL

Calma... Não é nada pessoal, só estamos fazendo nosso trabalho.

Nonato o observa com raiva. Marshall desliga a câmera, coloca de volta na bolsa.

296

MARSHALL

Pode guardar. Aguarde lá fora.

Nonato não se mexe. Olha desafiador para Marshall, que entende e cede. Marshall pede com um gesto e Sandra recoloca tudo na bolsa, que fica sobre a mesa de Marshall. Nonato, sai, irritado.

CENA 27. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Nonato vai sentar ao lado de Calypso. Ela parece preocupada.

CALYPSO

Pensei que você não fosse sair nunca.

NONATO

Aquele babaca implicou comigo.

CALYPSO

Ele é poderoso.

NONATO

Lamentavelmente, ele é poderoso.

CALYPSO

Quanto tempo eles vão nos reter aqui?

NONATO

O tempo que eles quiserem... merda,
perdi minha conexão.

Perto deles, os hondurenhos estão se exercitando.

297

CALYPSO

O que eles estão fazendo?

NONATO

Não sei. Coitados... estão condenados.

CALYPSO

Você acha que...?

NONATO

Vão ser mandados de volta. Tá na cara.

CALYPSO

E a gente? Será que eles vão nos deixar
entrar?

Nonato olha para Calypso, sem resposta. Ela suspira, angustiada.

CENA 28. CARRO. ESTRADA. ZONA DA MATA.
EXT. DIA

Um carro segue pela autoestrada, saindo do perímetro urbano, entrando na zona da mata. Ao volante, Marshall dirige, concentrado. No banco de carona, esparramada, com os pés apoiados no painel, Beatriz passa protetor solar pelo corpo. Ao terminar de se besuntar, começa a passar o creme em Marshall, que estranha. Ela empapuca o americano de creme, que fica com o rosto todo branco, com uma expressão cômica. Ele se olha no retrovisor, faz uma expressão de contrariedade.

298

BEATRIZ

Não ficou muito bonito, mas é melhor do que virar churrasquinho de gringo... Esse sol não é moleza, queima mesmo...

Ele se conforma, segue guiando. Ela procura na bolsa e retira um CD. Coloca no som do carro. Um rockão pesado irrompe das caixas, perturbando o norte-americano.

MARSHALL

Não tem nada menos barulhento?

BEATRIZ

Preferia Frank Sinatra?

MARSHALL

Alguma música brasileira... você não gosta de bossa nova?

BEATRIZ

Bossa nova, Marshall? Isso é música de velho...

MARSHALL

Rock é que é música de velho... dancei muito rock and roll quando tinha a sua idade.

BEATRIZ

Jura? E já existia rock and roll nos tempos das cavernas?

299

MARSHALL

Mas não era essa barulheira, não... era coisa boa. *Led Zeppelin...*

BEATRIZ

Velharia.

MARSHALL

Deep Purple...

BEATRIZ

Velharia.

Beatriz começa a apertar um baseado.

MARSHALL

Gratefull Dead... conhece? Música de maconheiro. Você ia gostar...

Beatriz só de calcinha e sutiã, está esparramada no bagageiro do carro tomando sol.

BEATRIZ (GRITANDO)

A gente já tá no século 21, gringo...

MARSHALL

Não parece...

300 Ao longo da estrada, um grupo de bóias-frias está cortando canas, num terreno recém-queimado. Eles usam farrapos e estão enegrecidos pela fumaça.

Entre os cortadores de cana, estão mulheres e crianças.

Marshall diminui a velocidade do carro e observa os boias-frias.

MARSHALL

Pra esses daí, o século 21 ainda não chegou...

BEATRIZ

Miséria é igual em qualquer canto, em qualquer lugar.

MARSHALL

Não te incomoda?

BEATRIZ

Se eu fosse um bóia-fria desses, me incomodaria... mas vai se acostumando, gringo. Daqui pra frente acabou o Brasil do cartão-postal...

Eles seguem pela estrada.

Os boias-frias seguem trabalhando, sob o sol a pino.

CENA 29. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Sob o olhar de Marshall, Bob interroga novamente Calypso.

301

BOB

Não conseguimos falar com a companhia de dança.

CALYPSO

Mas eu estou dizendo a verdade.

BOB

Não estou dizendo que você esteja mentindo, senhorita. Mas a verdade é que sua documentação não está ajudando. Esse *fax* não é um documento muito confiável. Sem a confirmação...

CALYPSO

E por que eu falsificaria esse convite?

BOB

Senhorita, minha função é impedir que pessoas entrem ilegalmente no meu país.

CALYPSO

Pessoas como eu?

BOB

Não é uma questão pessoal, senhorita.

CALYPSO

Se eu fosse inglesa ou francesa, o senhor seria assim tão rigoroso?

302

Bob parece sem resposta. Marshall se impacienta.

MARSHALL

Ingleses e franceses não tentam invadir nosso país diariamente, senhorita. Temos que ser rigorosos. Nós temos direito a escolher quem pode entrar e viver em nosso país.

CALYPSO

Eu não tenho direito a entrar aqui? Só porque sou cubana?

MARSHALL

Se seus documentos forem legais, não tenho porque me opôr. Pelo contrário, será um prazer ter uma moça tão encantadora em nossa cidade. Aliás, farei questão de ir vê-la dançando. (para Bob) Termine logo com ela.

Sai.

Bob está sem graça.

CALYPSO

Deve ser difícil pra você fazer esse trabalho. Barrar diariamente pessoas como você, tratá-las como lixo.

303

BOB

Pessoas como eu?

Indicando o nome no uniforme de Bob, onde está escrito *ESTEVEZ*.

CALYPSO

Seu sobrenome não parece muito ianque. De onde o senhor veio, Mr. Estevez?

BOB

Eu sou norte-americano.

CALYPSO

México? Porto Rico?

BOB

Nasci em New Jersey. Meu pai era mexicano. Minha mãe norte-americana.

CALYPSO

O fato de você ser mais claro não te faz menos latino do que eu ou outros... Seu pai entrou na nos Estados Unidos legalmente, Mr. Estevez?

BOB

Meu pai não está em discussão. Por favor, aguarde lá fora.

304 Calypso se retira. Bob parece perturbado.
Examina os documentos de Calypso, pega o carimbo, fraqueja.

MARSHALL (OFF)

Ela te levou no bico...

Marshall está encostado na porta.

BOB

Os documentos são legais... vou permitir a entrada dela.

MARSHALL

Se ela fosse feia, você seria assim, tão condescendente?

BOB

Isso não vem ao caso.

Marshall vai à mesa, pega a garrafa, serve nova dose. Bebe.

BOB

Porra, você tá bebendo demais.

MARSHALL

Eu me lembro de quando você veio pra trabalhar comigo. A primeira vez que me viu bebendo quis me denunciar!

BOB

Devia ter te denunciado.

MARSHALL

Era cheio de ideais, conhecia a Constituição de cor.

Bob sorri amarelo.

MARSHALL

Até de racista me chamou. Mas aqui, aprendeu muita coisa comigo, não aprendeu? Aprendeu que aqui dentro é o mundo de verdade...

BOB

Aprendi sim: aprendi um monte de merda contigo. E continuo aprendendo.

MARSHALL

Para fazer este trabalho, Bob, às vezes é preciso perder os escrúpulos.

BOB

Enfia essa filosofia de bêbado bem no fundo!

MARSHALL

Você quer ou não quer o cargo, porra?

306

BOB (INDIFERENTE)

Quero! Mas não vou ficar pedindo de joelhos!

Sandra aparece na porta.

SANDRA

Hora do *show*... os indiozinhos estão prontos para a demonstração.

MARSHALL

Vamos nos divertir um pouco.

CENA 30. CARRO, ESTRADA. EXT. DIA.

Eles seguem pela estrada. A paisagem vai mudando, à medida que avançam. Ora a estrada é

cercada por canaviais da zona da mata, depois vai passando pelo agreste mais seco. Finalmente chegam ao sertão. A vegetação completamente seca, crestada.

Marshall observa a paisagem.

Num determinado trecho da estrada, avistam um acampamento de sem-terra.

Dezenas de barracas de lona armados no acostamento da estrada. A bandeira do MST tremula num mastro. Marshall observa as barracas, impressionado.

MARSHALL

O que é isso?

307

BEATRIZ

Ah, são os sem-terra...

MARSHALL

??

BEATRIZ

Camponeses, gringo, gente que não tem terra pra trabalhar. Então, eles invadem as fazendas pra forçar o governo a arrumar terra pra eles...

MARSHALL

E eles conseguem?

BEATRIZ

Nem vão conseguir. Cê acha que neguinho vai entregar a terra deles prum bando de camponês fudido? Nunquinha. Eles vão passar o resto da vida nessas barracas, esperando... aí um belo dia, a policia chega, mete o sarrafo neles e enxota eles daqui. Aí eles invadem outra fazenda e ficam esperando a polícia expulsar de novo. E assim vão vivendo a vida.

MARSHALL

E o que você acha disso?

308

BEATRIZ

O que eu acho vai mudar alguma coisa?
Ces't la vie...

MARSHALL

Engraçado como nada te incomoda...

BEATRIZ

E porque ia me incomodar? Sempre foi assim. Nunca vai mudar. E é por essas e outras que eu quero é cair fora daqui, o mais rápido possível.

MARSHALL

E ir pra onde?

BEATRIZ

Ah, eu quero ir pra Europa. Londres, Paris, Amsterdam... O que eu quero é cair fora daqui.

MARSHALL

E como você pensa em viver lá?

BEATRIZ

Do mesmo jeito que vivo aqui.

MARSHALL

À base de *favores*?

BEATRIZ

Tem muito gringo generoso lá fora. E eu faço amizades fácil. De repente até arrumo um marido. Pode ficar sossegado que de fome eu não vou morrer.

309

MARSHALL

E você acha que vão te deixar entrar?

BEATRIZ

Bem, se eu der azar de pegar um buldogue que nem você na imigração, aí fodeu... Mas eu tento de novo. Em alguma vez eu vou conseguir passar. E aí, gringo, quando eu entrar na Europa, eu sumo, desapareço, ninguém vai conseguir me pegar... Não acredita? Pode acreditar...

Marshall balança a cabeça, cético.
Eles seguem pela estrada, deixam o acampamento para trás.

CENA 31. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Os desportistas hondurenhos fazem sua exibição. Coordenadamente, realizam exercícios de arte marcial oriental. É evidente que não são do ramo.

Marshall e Sandra assistem com um tom falsamente sério.

Bob encabulado percebe que Calypso o olha indignada.

310 Nonato acompanha a demonstração, constrangido. Mais afastados, Assumpta e Martin também observam o *show*.

BOB (PARA MARSHALL, IRRITADO)

Eu vou trabalhar, você fica por aí...

Marshall o segura com autoridade.

Acaba a exibição.

MARSHALL (FALSAMENTE SINCERO)

Parabéns, foi uma excelente exibição.

AUGUSTIN

Muito obrigado!

MARSHALL

E quem você acha que ganha: um praticante de *taekwon-do* ou um de caratê?

Augustin não percebe a ironia.

AUGUSTIN

O de *taekwon-do* se sai melhor.

MARSHALL

Tem certeza?

Marshall dá-lhe um golpe de caratê “fatal”.
Augustin se estatela no chão.

MARSHALL

O caratê venceu.

311

NONATO (CONTIDO)

Filho da puta!

Sandra não gostou do que viu. Bob encontra o olhar de Calypso. Seu mal-estar é grande. Marshall encurrala Augustin – mas fala para todos.

MARSHALL

Não existe a tal associação de *taekwon-do*.

AUGUSTIN

Mas e o *fax* com o convite?

MARSHALL

É falso.

Marshall investe contra Augustin, fazendo-o recuar. Bob segura o chefe pelo braço. Marshall consulta Bob e Sandra.

MARSHALL

Deportamos ou não?

SANDRA

Não tenho nada com isso!

BOB

Você é o chefe.

312

Marshall faz o mesmo gesto de César: autoriza a *morte*, esticando o braço com o polegar indicando o chão. Chegam dois policiais. Os atletas aglutinam-se ao redor do Augustin. Discutem em seu dialeto. Estão todos perplexos.

MARSHALL

Eles vão embora no primeiro vôo. Até lá... prenda-os no banheiro.

CENA 32. FLASH-BACK. AEROPORTO. BANHEIRO.
INT. NOITE.

Os policiais algemam Augustin e os demais hondurenhos um a outro, e o último no cano da

privada. Da porta do banheiro, Marshall e Sandra observam. Um pouco mais atrás, Bob, Nonato e Calypso observam, constrangidos.

SANDRA (CAUTELOSA)

Você não acha que exagerou um pouquinho, chefe?

MARSHALL (PARA SANDRA)

Você deu o tal telefonema para a lavanderia Chiquititas?

SANDRA (ALGO CULPADA)

Não.

313

MARSHALL (RINDO)

Você é o meu melhor cão farejador. Minha cadela.

SANDRA (COM RANCOR)

Eu sei farejar não porque seja uma, cadela. Mas porque sou negra. Eu reconheço um fodido a quilômetros. Não mereço um prêmio por isso?

Marshall dá um tapinha no rosto dela, irônico. Retorna à sala.

Sandra olha os hondurenhos presos, fica constrangida.

Os hondurenhos estão alquebrados, uns de pé, outros sentados, unidos uns aos outros pelas algemas. Nonato e Calypso os observam, condoídos.

AUGUSTIN

Por que fazem isso com a gente? Não fizemos nada de errado. Não somos bandidos. Só queríamos trabalhar. Em Honduras não dá pra gente viver. Não há trabalho. Aqui na América do Norte há tanto trabalho. Gastamos todo nosso dinheiro para vir pra cá.

SANDRA

Sinto muito, eu só faço o meu trabalho.

314

Do aquário, Marshall grita:

MARSHALL

Traz o brasileiro pra cá.

Sandra toca no braço de Nonato, ele a repele, instintivamente.

SANDRA

O chefe está te chamando.

NONATO

Eu ouvi.

Segue para o aquário, acompanhado de Sandra.

CENA 33. CARRO, ESTRADA, INT/EXT. DIA.

Urubus sobrevoam o céu.

Ao redor da estrada, agora o cenário é desolador. Pouca vegetação, uma vasta paisagem árida. Gado magro procura pelo que resta do pasto seco em terrenos cercados.

Marshall seca o suor. A luminosidade fere seus olhos, ele tem dificuldade de manter os olhos abertos. A estrada parece bifurcar à sua frente. O carro ziguezagueia na estrada. Marshall recupera o controle do carro. Esfrega os olhos, seca o suor. Está exausto.

BEATRIZ

Ei, não quer dar uma parada?

315

MARSHALL

No próximo posto... a gente aproveita e reabastece...

O carro segue pela faixa de asfalto em meio ao sertão.

Eles cruzam por um homem de bicicleta. No bagageiro, ele carrega um pequeno caixão branco de anjinho. Bia faz o sinal da cruz, emocionada. Marshall olha atordoado. O homem com o anjinho vai ficando para trás.

O carro segue pela estrada.

CENA 34. POSTO DE GASOLINA, PARADA DE CAMINHÕES, EXT. DIA.

O carro para numa parada de caminhões, em meio à estrada. É um típico posto de estrada, com algumas bombas de gasolina, uma lojinha, borracheiro. Alguns caminhões parados. Marshall salta do carro, abatido. Dá algum dinheiro à Beatriz.

MARSHALL

Compra alguma coisa pra beber... Onde fica o banheiro?

316 Beatriz indica o reservado. Marshall segue para lá, algo apressado.

Beatriz perambula pelo posto, esticando os braços, cansada.

CENA 35. POSTO DE GASOLINA, BANHEIRO, INT. DIA.

O banheiro é infecto. Não há privadas e sim buracos no chão. Marshall abre duas ou três portas dos box procurando algo melhor. Mas os banheiros estão igualmente imundos. Escolhe um deles, fecha a porta e a câmera permanece ali.

INSERT – Bia, feliz da vida toma um refrigerante. Marshall abre a porta, seu rosto está muito suado e ele muito fraco. Recosta-se descansando e enxuga o rosto na manga da camisa.

De costas, caminha de volta para o posto deixando uma visível trilha de sangue no cimento.

CENA 36. POSTO DE GASOLINA. PARADA DE CAMINHÕES. EXT. DIA.

Descontraída, sentada no batente de um bar, Bia oferece o refrigerante a Marshall. E sem sequer levantar os rosto, não percebe o estado dele.

BEATRIZ

Tudo bem?

Marshall concorda, com a cabeça.

Ele segue para a bomba de gasolina. Beatriz repara nos fundilhos de suas calças. Estão manchados, sujos. Ela sorri, faz menção de falar algo, mas desiste. Termina a coca-cola, segue perambulando pelo posto.

Marshall abastece o carro. Está suando em bicas, a camisa empapuçada. Beatriz perambula entre os caminhões estacionados, com seu shortinho apertado, cavado, atraindo os olhares dos demais. Ela parece divertir-se em ser *comida com os olhos*. Ela avista um cruzeiro à beira da estrada, se ajoelha, se persigna, reza baixinho.

Arranca umas flores silvestres e deposita junto à cruz. Um alvoroço chama sua atenção. Instintivamente ela corre em direção ao carro que está cercado por motoristas. Ela rompe o cerco dos motoristas, e vê Marshall caído no chão. A

mangueira da bomba de gasolina ainda na mão.
Ela se aproxima de Marshall, assustada.

BEATRIZ (EM PORTUGUÊS)

O que aconteceu? Que vocês fizeram
com ele???

MOTORISTA

Nada, moça... ele caiu de repente... deve
ter sido o sol...

BEATRIZ (EM INGLÊS)

Fala comigo, gringo? Marshall?

318

Ela tenta reanimá-lo. Ele ergue o rosto, a expressão assustada. Balbucia algo, ininteligível. Beatriz repara numa mancha no cóis das calças de Marshall.

CAMINHONEIRO

Ih, o gringo se borrou todo...

Beatriz tenta erguer Marshall, mas quando o move, percebe que a mancha que sujava suas calças marcou o chão. Ela examina: é sangue. Ela se assusta.

BEATRIZ (EM PORTUGUÊS)

Porra, ele tá sangrando... Tem algum médico aqui perto? Algum pronto-socorro?

FRENTISTA

O mais perto fica lá em Matinhos... uns 12 quilômetros seguindo em frente...

BEATRIZ

Era só o que me faltava, o gringo ficar doente... me ajudem aqui...

Os caminhoneiros ajudam Beatriz a colocar Marshall no banco do carona. Ela senta-se ao volante, arruma o espelho retrovisor, se ajeita na poltrona, liga o carro.
O carro sai pela estrada.

BEATRIZ

Vai dar tudo certo, gringo... a gente vai ver um médico...

319

Marshall não responde. A cabeça encostada na janela, observa a paisagem. O céu azul, límpido. A paisagem árida.

CENA 37. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall bebe, com sofreguidão. Já está visivelmente alterado. À sua frente, Nonato parece cada vez mais nervoso. Sandra e Bob trocam olhares apreensivos.

SANDRA

Esse velho bêbado tá perdendo o controle... Vai arrumar uma confusão e nós é que vamos pagar o pato...

BOB

Ele invocou com esse brasileiro...

SANDRA

Por mim carimbava logo o passaporte desse cara e mandava ele embora daqui... Fala com ele, Bob, ele te respeita... antes que dê uma cagada.

BOB

Marshall... acho que isso já está indo longe demais... os documentos desse senhor são legais, temos mais gente pra interrogar, eu sugiro que...

MARSHALL

Sugere o que, Bob? Que deixemos esse mentiroso entrar? Que ele possa entrar nos Estados Unidos sem maiores problemas e depois sequestre um avião pra atirar em cima das nossas cabeças?

BOB

Você está ficando paranóico... e bêbado (para o Nonato:) O senhor aguarde no salão.

MARSHALL

Ele fica... e vai ficar aqui até eu provar que ele é uma ameaça para nosso país.

NONATO (AGRESSIVO)

Espera aí! Se os árabes jogaram aviões em vocês a culpa não é minha. Se o mundo odeia a América do Norte é por causa das cagadas que vocês mesmos fizeram...

MARSHALL

Vocês não nos odeiam, vocês têm inveja de nós. E é por isso que vêm para cá... para tomar nossos empregos, nosso *welfare*, nossas casas com nossos belos jardins gramados. Nisso vocês são piores até do que os malditos árabes. Porque esses a gente pode prender, matar, mas vocês, ilegais, vocês entram pelas frestas do nosso país, pelos buracos, pelos esgotos. . Não é à-toa que chamam vocês de *cucarachas*. São insetos que ficam fuçando nosso lixo, comendo o resto de nossa comida...

321

BOB

Chega, Marshall...

MARSHALL

Por que têm que vir pra cá, hein? Não podiam ficar quietos no país de vocês?? Nós não temos obrigação de sustentar vocês.

NONATO (ESTOURANDO)

Quer saber por que queremos entrar no seu país? Quer mesmo? É exatamente porque nossos países são pobres. Mas sabe por que os nossos países são pobres? Porque durante séculos vocês tiraram tudo de bom que tinha na nossa terra. Foi assim na América Latina toda. Vocês foram lá e tiraram tudo que tínhamos. Por isso que agora queremos entrar nos Estados Unidos. Pra poder recuperar alguma coisa que um dia já foi nossa.

MARSHALL

322 Uau, que discurso! Típica lenga-lenga comunista... De comunista pra terrorista, é só estalar os dedos...

NONATO

Isso é apenas a História.

MARSHALL

Não a que eu aprendi na minha escola... Aliás, na escola a gente nunca sabia exatamente o que existia abaixo do México. Brasil, Guatemala, Argentina, Bolívia, era tudo a mesma coisa. Uma única merda.

CENA 38. POSTO MÉDICO. INT/EXT. DIA.

O posto médico é limpinho, apesar de pobre. Resume-se a uma saleta, onde há uma maca e

uma cadeira de dentista. Pela janela, do lado de fora do consultório, Beatriz observa, preocupada. O médico, um velho sertanejo com o rosto crivado por rugas que parece o próprio solo calcinado do sertão, examina Marshall. Marshall está sem camisa. O médico ausculta seu peito, tira sua pressão. Bia fuma, aflita.

Após algum tempo, o médico olha Marshall preocupado. Com gesto, pede para que ele se vista. Marshall veste sua camisa, desce da maca. A expressão de ambos é pesada.

BIA

Que é que ele tem, doutor? É grave?

323

MÉDICO

Aqui não tenho condições de cuidar dele. Talvez em Recife. Num hospital maior, mais aparelhado...

BIA

Ele tá dizendo que devíamos voltar pra Recife.

MARSHALL

Não.

BIA

Ele não quer voltar...



MÉDICO

Sem tratamento, ele só vai piorar...

MARSHALL

Pergunta pra ele quanto tempo eu tenho?

BIA

Ele quer saber quanto tempo ele tem...

Marshall e o médico trocam olhares.

MÉDICO

Pouco.

Bia vai traduzir, mas Marshall parece ter compreendido.

Marshall aperta a mão do médico, agradecido.

325

MARSHALL

Obrigado, doutor...

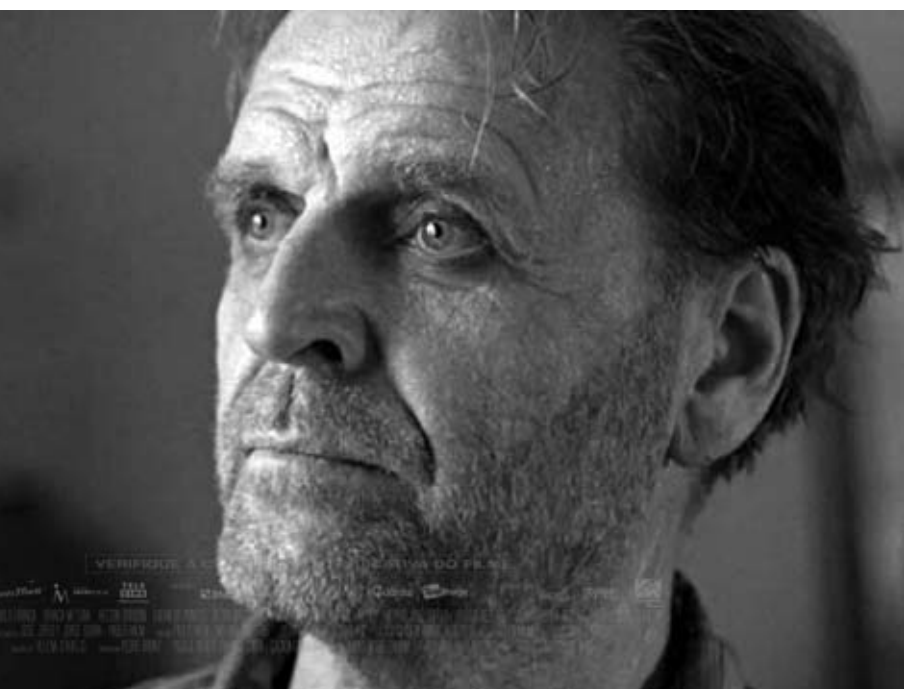
Beatriz olha o médico, desalentada. Marshall sai do consultório.

CENA 39. POSTO MÉDICO, RUA, EXT. DIA.

Marshall sai do posto médico, caminha até o carro, acompanhado por Beatriz. Ele avista uma birosca, do outro lado da rua e se apruma, em direção a ela.

BEATRIZ

Onde é que você vai?



MARSHALL

Eu preciso de uma cerveja.

Ela o segue, eles entram na birosquinha.

CENA 40. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALÃO.
INT. NOITE.

Escoltados pelos policiais, Augustin e os hondurenhos são levados para a área de embarque. Nonato e Calypso trocam olhares solidários e tristes com eles. Assumpta observa, condoída. Martin está lívido, apavorado.

Na porta do aquário, Marshall observa, frio. Ao seu lado, Bob e Sandra parecem constrangidos. Antes de ser retirado para fora do Salão, Augustin se vira, rompe o cerco dos policiais.

AUGUSTIN

Eu vou voltar pra te pegar, barata branca! Não vou esquecer da tua cara, gringo filho da puta! Me espere!

É arrastado, à força, pelos policiais, para a sala de embarque.

Nonato e Calypso encaram os norte-americanos. Marshall não parece nem um pouco intimidado.

MARSHALL

Vamos continuar o trabalho...

CENA 41. FLASH-BACK. AEROPORTO. BANHEIRO.
INT. NOITE

Martin está trancado num box, em pé, ao lado da privada, e, desesperado, tenta rasgar a capa dura do livro que tem a sua foto. Encostada na porta, Assumpta tenta acalmá-lo.

ASSUMPTA

Calma, amor. A sorte vai nos ajudar.

MARTIN

Nunca vi a sorte ajudar os fodidos.

No banheiro, na porta do box, Assumpta fala baixinho.

ASSUMPTA

Ontem, você se achava um artista em estado de graça, hoje, parece um rebotalho na sarjeta.

No box, lutando para arrancar a capa do livro.

MARTIN

Qual a novidade? Sou um fraco, você sempre soube. Só que agora sou um fraco desesperado.

Na porta do box, Assumpta está visivelmente impaciente com aquela conversa.

MARTIN

A gente forçou uma barra. Eu não sirvo para estas coisas.

No box, finalmente, Martin consegue rasgar a capa.

MARTIN

O mal não está nos outros, está em nós mesmos.

Assim que acaba de tirar a capa, revela-se a cocaína prensada.

Martin joga o pó na privada. Faz o mesmo com a contracapa. Mais calmo, puxa a descarga. Sai do box.

329

Assumpta lava as mãos na pia. Ele quer abraçá-la. Ela segura firme e desafiadoramente a genitália do marido.

ASSUMPTA

Tem horas que é preciso mostrar o que você tem aqui. Tem horas em que é preciso ser homem.

Mexeu nos brios dele. Ele quer beijá-la à força. Ela se defende. Ele insiste. Lutam, com raiva. Aparece o guarda na porta.

GUARDA

Out!

O casal, sem muito ligar para ele, para de brigar. Se olham com rancor. Saem do banheiro.

CENA 42. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO, INT. NOITE

Marshall serve-se de uma dose de *whisky*. Bebe. Examina os passaportes espalhados pela mesa, nervosamente. Separa o de Assumpta. Examina-o. Bebe novo gole. Pega o livro, abre numa página aleatória. Bebe nova dose e lê um poema.

MARSHALL (MURMURANDO)

*Receita... Lave o rosto / esfregue-o com
borracha, / deixe-o sem linhas para que
eu desenhe nele, / macacos e pássaros e
uma folha de palmeira. / Deixe escorrer
uma gota e eu farei o olho negro / do
menino da Recoleta perdido nas grutas
de Nova Iorque...*

330

Marshall bebe um novo gole, se aproxima da janela. De lá observa Assumpta, que está sentada ao lado de Martin. Marshall admira Assumpta. Bebe novo gole.

CENA 43. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALÃO DE ESPERA. INT. NOITE

Martin parece arrasado, cabisbaixo. Assumpta acaricia seus cabelos.

MARTIN

Vai ver que o preço é esse, o fim do nosso casamento. E eu não posso viver sem você. Vão me deportar.

ASSUMPTA

Eu vou dobrar aquele buldogue. Sou mais esperta do que qualquer um deles. Sei como convencê-los.

MARTIN

As olhadas que te dava nos teus peitos foram muito convincentes.

ASSUMPTA

331

Ele foi muito educado. Pediu até pra ler meus poemas.

MARTIN

Muito bem educado. E você também, né? Uma educação assombrosa, um espanto.

ASSUMPTA

Deixa de bobagem. É um velho... um velho escroto ianque.

MARTIN

O teu livro estava na mesa dele. Estamos liquidados. A gente devia ter ficado em casa.

ASSUMPTA

Você já se desfez da sua *culpa*. Quem está com a cabeça a prêmio, sou eu. Se der alguma merda, eu livro a sua cara, pode ficar tranquilo.

MARTIN

Não. Eu vou contigo até o fim. Se você for presa, eu quero ir preso também.

ASSUMPTA

Meu poeta, tão frágil, mas tão lindo. Fica tranquilo, vai dar tudo certo. A gente vai se safar dessa e você vai poder escrever em paz. Confia em mim.

332

Eles se abraçam. Se beijam.

CENA 44. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Em falso *raccord*, quem está beijando e acariciando Assumpta agora é Marshall.

Ele se agarra à mulher com desejo.

CENA 45. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE.

Pela vidraça, Marshall observa Assumpta e Martin se beijando.

Marshall toma novo gole de *whisky*, retorna tropeçando para a sua mesa.

Olha o livro, com desdém. Fecha-o e empurra-o para longe.

Pega o passaporte de Martin, o carimbo de *rejeitado*, ameaça carimbar o passaporte dele. Mas desiste. Afunda na cadeira, amargurado.

CENA 46. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Bob continua parado diante da sala de interrogatório. Calypso encara Bob, que baixa os olhos, constrangido. De repente, ele se decide.

BOB

Srta. Menendez!

333

Ela se adianta, temerosa.

Entra no aquário, acompanhada de Bob.

CENA 47. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall está sentado na escrivaninha, tomando um trago. Bob se aproxima dele, decidido.

BOB

O passaporte dela.

MARSHALL

Os documentos dela não foram confirmados.

BOB

O passaporte, por favor.

MARSHALL

Você vai passar por cima da minha autoridade?

BOB

Eu chequei as informações dela. Ela está limpa. O passaporte.

Marshall não parece muito convencido, mas obedece. Entrega o passaporte a Bob.

Bob carimba o passaporte de Calypso. Ela se surpreende. Bob entrega o passaporte para ela.

334

BOB

Srta. Menendez, bem vinda aos Estados Unidos da América. Espero que sua estada em nosso país seja agradável.

CALYPSO

Muito obrigada, Mr. Estevez.

Ela aperta a mão de Bob, carinhosamente. Os dois trocam olhares. Marshall percebe o gesto. Calypso guarda o passaporte, sai da sala, animada.

MARSHALL

Isso pode custar a sua promoção.

BOB

Ela estava limpa, Marshall. Eu chequei...

MARSHALL

Às quatro horas da manhã? Não me faça de idiota, *Mister Estevez*. Só espero que você tenha pego o endereço dela. Pra cobrar o visto com uma bela metida naquele *culo* cubano.

BOB

Vá se foder.

MARSHALL

Traz o brasileiro. Vou ensinar como se faz nosso trabalho direito.

335

CENA 48. BIROSCA. INT. NOITE

Um forrozinho toca, de um velho rádio. Alguns velhos sertanejos bebem cachaça, apoiados no balcão. Em pé, ao longo do balcão Marshall e Beatriz bebem. Ela parece preocupada.

BEATRIZ

Que é que você tem? É grave?

MARSHALL

Câncer é grave?

BEATRIZ

Ai, meu Deus...

MARSHALL

Nem parece, né? Quem olha acha que eu to vendendo saúde. Qual! Eu to podre por dentro. Tenho um tumor do tamanho de uma bola de beisebol nos rins. Sequelas daquele tiro que levei no Vietnã... Comecei mijando sangue... depois passei a cagar sangue. Daqui a pouco vou começar a suar sangue por todos os poros. Mas aí já vai ser mesmo hora de acertar as contas com o criador...

BEATRIZ

Deve haver algum tratamento... de repente quando você voltar pros *States*, lá é tudo moderno, devem achar um jeito de...

MARSHALL

Eu não vou voltar mais pra América do Norte.

Beatriz olha Marshall, espantada. Ele bebe sua cerveja, aparentemente tranquilo.

MARSHALL

Deve ser meio frustrante ser um médico num fim de mundo desses...

BEATRIZ

Hein?

MARSHALL

Ele me lembrou um cara que eu entrevistei anos atrás, no aeroporto. Ele era... peruano? Não, boliviano. Isso. De La Paz. Estava retornando para os Estados Unidos, vindo do seu país... obviamente, a gente segurou ele. Com aquela cara de índio, boa coisa não podia ser. Mas ele era médico residente no Lincoln Hospital... Ele tinha voltado à Bolívia para rever a família. Mas o contrato dele com o hospital estava vencendo e eu impliquei com ele. Ele explicou que o hospital ia renovar o contrato por mais dez anos. Mas ele não queria mais ficar na América do Norte. Tinha vindo apenas para pegar seus pertences, e voltar de vez pra Bolívia. Aí eu duvidei: como não queria mais ficar por aqui? Porra, ele era residente no Lincoln Hospital. E ele me disse que ia voltar a ser médico na Bolívia. Por que diabos voltar pra Bolívia, se ele trabalhava num dos melhores hospitais do mundo? Aí ele me disse uma coisa engraçada: ia voltar para a Bolívia para reaprender a medicina. Lá em Nova Iorque ele tinha toda a estrutura, os melhores laboratórios, aparelhos de última geração. Ele tinha

ido pra Bolívia pra cuidar do pai que estava doente... mas longe de todos os aparelhos, de toda aquela puta estrutura, ele não soube fazer nada pra salvar a vida do pai... Por isso ele não queria mais ficar na América. E era verdade. Eu dei o visto. Uma semana depois, ele cruzou por mim no aeroporto. Pegou o avião e voltou pra Bolívia. Hoje em dia deve estar trabalhando num posto médico igual a esse...ou pior. Engraçado que ele foi pro fim do mundo pra curar... e eu vim pro cu do mundo pra morrer.

338 Marshall termina a cerveja, num só gole. Beatriz olha para ele, sem ter certeza se entendeu tudo o que ele lhe contara. O forrozinho continua tocando no rádio. Marshall se levanta, meio bêbado.

MARSHALL

Que música maravilhosa é essa que tá tocando?

BEATRIZ

Maravilhosa? É forró.

MARSHALL

Dança comigo?

BEATRIZ

Aqui? Dá um tempo, gringo...

MARSHALL

Faça essa gentileza para este pobre moribundo... Dança comigo?

Beatriz consente, contrariada.

Marshall a pega nos braços, tenta conduzi-la, sem ritmo. Os caboclos observam o gringo, sorriem dele. Beatriz o interrompe, incomodada.

BEATRIZ

Se é pra pagar esse mico, pelo menos paga direito... deixa que eu te conduzo, é assim, ó...

339

Segue levando Marshall, ensinando-lhe o ritmo. Ele tenta acompanhá-la. Aos poucos, ele aprende. Beatriz perde a marra, se solta, dança animada. Marshall também parece se divertir. Eles rodopiam, riem, se abraçam, se beijam. Eles seguem dançando. De repente, Marshall começa a tontear, para de dançar, cambaleia, por pouco não desaba no chão. Beatriz o sustenta, a custo. Marshall parece mal.

MARSHALL

Acho que bebi demais...

BEATRIZ

Nada, você tá com febre... caralho!

MARSHALL

Vamos embora daqui...

Eles saem, ela apoiando ele.

CENA 49. RUA. EXT. NOITE

O posto médico está fechado.

Beatriz bate na porta, desesperada. Ninguém atende.

Ela se volta para Marshall, que está sentado no banco de carona do carro.

340

BEATRIZ

Caralho, não tem ninguém... Que é que eu faço contigo, gringo?

MARSHALL

Acho que dá pra aguentar até chegar em Petrolina...

BEATRIZ

Tá ardendo em febre. Tu vai morrer no meio da estrada e vai sobrar pra mim....
Você precisa descansar.

Olha em redor, procurando algum albergue. A cidadezinha está às escuras. Todas as casas fechadas.

No carro, Marshall parece desfalecido.
Ela fica nervosa. Se decide.

BEATRIZ

Eu jurei pra mim mesma que nunca ia
voltar lá... mas foda-se.

Liga o carro, que sai pela estradinha.

BEATRIZ

Guenta as pontas, aí, gringo. Vou te levar
num lugar pra você descansar..

No banco de carona, Marshall geme.

CENA 50. CARRO, ESTRADA. EXT. NOITE

341

O carro atravessa o sertão.

Beatriz dirige nervosa. Marshall olha a paisagem
pela janela.

A lua enorme no céu limpo.

CENA 51. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE
ESPERA. INT. NOITE

Calypso está se despedindo de Nonato.

NONATO

Que bom que deu tudo certo pra você.

CALYPSO

Você também vai conseguir. Tenho certeza.

NONATO

Bem, então... adeus e boa sorte.

Eles apertam as mãos, mas depois trocam um forte abraço.

Bob surge à porta, observa a cena.

Acena para Nonato, manda-o entrar.

NONATO

Chegou a minha vez.

Ele faz menção de sair, Calypso o detém.

Se abaixa, e amarra um dos cordões do sapato de Nonato, que estava desamarrado.

342

NONATO

Por que fez isso?

CALYPSO

Pra você não tropeçar. Adeus.

Ela segue para a saída.

Nonato entra na sala de interrogatório.

De longe, Bob observa Calypso.

Ela chega à porta, toma fôlego, sai.

CENA 52. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Bob retorna à sala. Marshall toma um novo gole de *whisky*.

À sua frente, Nonato o observa, tenso.

MARSHALL

Me diz uma coisa, *professor*, apenas para saciar minha curiosidade. Quanto você fatura?

NONATO

Como?

MARSHALL

Você disse que tem um negócio aqui. Qual o seu faturamento anual?

NONATO

Em torno de 60 mil... mas...

343

MARSHALL

Sessenta mil? Uau... tudo isso, lavando pratos?

NONATO

Eu não lavo mais pratos. Já lavei, e muito. E também lavei muita privada suja de merda e vômito de norte-americanos escrotos como você...

MARSHALL

Não seja mal-agradecido. É graças à merda e ao vômito de escrotos como eu que você chegou aqui, bem vestido, com um

inglês até razoável. E faturando 60 mil por ano. Qual é mesmo o seu negócio? Coca? Heroína?

NONATO

Já disse. Tenho uma pequena empresa de alimentação... eu vendo refeições a baixo custo para trabalhadores noturnos...

MARSHALL

Sessenta mil por ano vendendo quentinha? Formidável. Não é à toa que vocês fazem qualquer coisa pra entrar nos Estados Unidos. Qualquer fodido pode chegar aqui e em pouco tempo já é um empresário bem-sucedido. Enquanto isso, nós, verdadeiramente norte-americanos, sejamos afro ou hispano-americanos ou mesmo um filho da puta irlandês como eu nem de longe tiramos 60 mil por ano... Qual é o seu faturamento anual, hein, Sandra? Não acha escroto que um *cucaracha* ilegal fature mais do que uma trabalhadora afro-americana? O que acha, Bob? Capaz desse filho da mãe ter um carro melhor do que o seu...

BOB

Chega, Marshall...

MARSHALL

Nosso amigo Mr. Estevez tem um Honda 2000... Você tem carro, professor? Digo, aqui na América do Norte?

NONATO

Tenho. Um Ford 2004...

MARSHALL

Olha só como são as coisas... Mr. Estevez, um norte-americano legítimo, ainda que 50% *cucaracha*, tem um carro velho japonês, e um filho da mãe ilegal tem um carro 100% americano. Isso realmente não é justo. É por isso que o meu país tá nessa merda. Mas é por essas e outras que eu não vou deixar você entrar aqui.

345

NONATO

Você não pode simplesmente me impedir de entrar. Existem leis, eu tenho os meus direitos. Minha documentação está em ordem, isso é abuso de autoridade. Eu posso processá-lo...

MARSHALL

Me processar? Essa é boa... Me processar por fazer meu trabalho direito? Quem vai te processar sou, eu, *cucaracha*. Vou provar que seus documentos são todos

falsos, que tudo isso é mentira e te levar pra corte. Tu vai pegar uma cana dura por querer enganar o governo dos EUA. Tu vai implorar pra eu te mandar de volta naquele mesmo avião que você chegou... Portanto, seja um bom menino e responda o que queremos saber...

NONATO

Está bem, qualquer coisa. O que quer saber mais?

MARSHALL

Refresque a memória desse velho saudoso. Me fale mais de Modoc... não é sempre que a gente encontra alguém que conheceu nossa terra natal... *No place like a home place*. Como anda a minha cidadezinha?

346

CENA 53. FAZENDA. CASA, EXT. AMANHECER

O carro se aproxima de uma fazenda. Na varanda da casa centenária mal iluminada, se vislumbra a figura de um homem idoso. Ele não se mexe. Beatriz salta do carro, abre a cancela, vários bodes se aproximam. Ela entra no carro, avança sobre os bodes, dispersando-os. Eles perseguem o carro até próximo da casa, onde ela para. Ela desce do carro. Na varanda da casa, sentado numa cadeira de balanço, um velho seco, alto e muito magro, está lendo uma Bíblia ensebada.

Beatriz arruma a roupa curta, se aproxima da casa, algo constrangida.

Ela sobe os degraus que levam à varanda, devagar.

O velho continua lendo sua Bíblia, aproximando o livro bem perto dos olhos.

Ele não dá a menor atenção à Beatriz.

Ela se aproxima, humilde.

BEATRIZ

À benção, vô.

Somente agora o velho parece notar a presença da garota. Ele estende a mão, vagarosa e friamente para Beatriz. Ela agarra a mão do velho, e a beija, com ternura.

347

AVÔ

O que você veio fazer aqui?

BEATRIZ

Eu to com um problema, vô. A gente tava indo pra Petrolina, mas meu amigo ficou doente, não tá podendo viajar. A gente pode ficar um pouco aqui?

AVÔ

Quanto tempo?

BEATRIZ

Um dia ou dois, até ele melhorar.



O avô folheia a Bíblia, desinteressado.

AVÔ

Se vocês não se importarem com a pobreza...

Beatriz corre até o carro, ajuda Marshall a descer. Ele mal consegue caminhar. Sobe à varanda apoiado em Beatriz. Com esforço chegam à casa.

BEATRIZ

Esse é meu avô, Raymundo. A gente vai ficar aqui até você ficar bom, gringo.

Marshall quer falar algo, mas mal tem forças pra se manter em pé. O velho parece ignorá-lo, concentrado na leitura da sua velha Bíblia. Beatriz ajuda Marshall a entrar.

349

CENA 54. FAZENDA. QUARTO, INT., DIA

A casa é ampla, antiga. Certamente já conheceu melhores dias. A mobília é pesada, móveis centenários. Tudo lembra um período de fartura que ficou no passado. Beatriz derruba Marshall na cama, e o cobre com uma colcha de retalhos. Marshall sua muito. Beatriz pega água numa moringa, serve Marshall, que bebe, devagar.

BEATRIZ

Descansa, ...

MARSHALL

Você é um anjo.

BEATRIZ

Sou nada. Depois tu vai me pagar e caro por toda essa trabalhadeira.

Marshall suspira, adormece.
Beatriz vela pelo seu sono.

CENA 55. FAZENDA. VARANDA. EXT. DIA

O avô continua lendo sua Bíblia, anotando passagens com um toco de lápis.

Beatriz reaparece na varanda. Observa o velho. Faz menção de fazer um carinho nele, o velho a rejeita. Ela se reprime.

350

AVÔ

Que é que ele tem?

BEATRIZ

Ele tá morrendo.

AVÔ

Morrer todo vivente morre.

Beatriz saca um cigarro, vai acender, se *toca*, joga o cigarro fora.

AVÔ

Ele é teu homem?

BEATRIZ

É um amigo.

AVÔ

Se ele morrer aqui, a gente enterra ali, debaixo daquele imbuzeiro. É um bom lugar pra repousar. É lá que eu quero ser enterrado.

BEATRIZ

Ele não vai morrer agora, vô. Ele é forte, vai aguentar.

AVÔ

Tem coisas piores do que morrer. Viver demais é muito mais dolorido. A gente fica enquanto os outros vão. Uns morrem, uns vão pra São Paulo, e outros viram puta.

351

Ele sequer olha Beatriz. O olhar perdido no escuro da noite.

AVÔ

Eu jurei pra mim mesmo nunca mais olhar a tua cara.

BEATRIZ

Eu também jurei que nunca ia botar meus pés aqui... Mas foi uma emergência.

AVÔ

Deus esticou meus dias pra me fazer passar de novo por esta humilhação.

BEATRIZ

Se te incomoda tanto a minha presença, a gente vai embora agora mesmo...

AVÔ

Fica. O moço tá doente. Não vou recusar abrigo a um doente.

Beatriz se aproxima do velho, segura suas mãos.

BEATRIZ

O senhor nunca vai me perdoar?

AVÔ

Você me deixou.

BEATRIZ

Eu tinha que ir, vô.

AVÔ

Seu lugar era aqui, comigo.

BEATRIZ

Eu não podia. Eu ia morrer se ficasse...

AVÔ

Era melhor que tivesse morrido. Eu ia ter um motivo pra chorar por você.

Solta a mão das mãos de Beatriz. Apoiado num bastão, se ergue. Pela primeira vez vemos Raymond de pé. Ele é bem alto, seco, muito magro. Caminha pesado em direção à casa. Entra. Lágrimas escorrem pelo rosto de Beatriz.

BEATRIZ

Velho desgraçado.

CENA 56. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Pela vidraça, Assumpta e Martin assistem ao interrogatório de Nonato.

MARTIN

Velho desgraçado. Está apertando o brasileiro há horas...

353

ASSUMPTA

Melhor pra gente. Ele fode o brasileiro e deixa a gente entrar. Tô entendendo a lógica do buldogue. O cara é puro Darwin. Seleção natural das espécies, manja? Pra ele, só os mais fortes podem entrar neste país. Os fracos que voltem pra merda de onde vieram. Mandaram os índios embora, mas deram o visto pra cubaninha... Vão foder o brazuca, mas a gente vai entrar.

MARTIN

Ele está selecionando os mais fortes ou...
as mais bonitas?

ASSUMPTA

Beleza é um pré-requisito da seleção das
espécies.

MARTIN

Tô fodido. Não sou bonito e sou covarde
como uma ratazana.

ASSUMPTA

Não diga isso, cariño. Você escreve versos
maravilhosos. E no mais, eu sou linda e
forte. Isso vale por nós dois.

MARTIN

Me pergunto se vale a pena todo esse
sofrimento? Pra quê? Devíamos voltar
mesmo pra casa. A América do Norte não
nos quer. Nem aos meus versos.

ASSUMPTA

E por acaso alguém lá na Argentina está
interessado nos seus versos?

MARTIN

Pelo menos lá eu tinha a luz da manhã
na Recoleta...

ASSUMPTA

E milhares de versos guardados dentro de uma gaveta. Cariño, você nunca conseguiu ser publicado em Buenos Aires. Aqui, em menos de um ano, vamos conseguir publicar toda sua obra. Em capa dura.

MARTIN

Graças à cocaína.

ASSUMPTA

Pense nisso como uma justiça poética. Graças aos ianques viciados, o mundo vai ganhar um grande poeta...

MARTIN

355

Isso se conseguirmos entrar...

ASSUMPTA

Nós vamos entrar. Nem que eu tenha que chupar os bagos daquele buldogue.

MARTIN

É bem capaz dele te propor isso.

ASSUMPTA

Se for esse o preço pra entrarmos...

MARTIN

Eu devia ter nojo de você... e no entanto, eu te amo. Sou mesmo um fraco.

ASSUMPTA

Um fraco que escreve maravilhosamente bem. Se eu tivesse a metade do seu talento...

MARTIN

Se eu tivesse um terço da sua coragem...

ASSUMPTA

Vai ver por isso continuamos juntos. Você é um ratinho talentoso, eu sou uma leoa medíocre. Você é meu Chopin, eu sou sua George Sand. Formamos uma boa dupla, não?

356

Martin relaxa, sorri.

ASSUMPTA

Não se preocupe, cariño. Olhe aquela porta. Dentro de algumas horas nós estaremos do outro lado. Eu te prometo isso.

MARTIN

Promete, minha leoa?

ASSUMPTA

Prometo, meu ratinho.

Assumpta o beija com ardor.

CENA 57. FAZENDA. QUARTO. SALA. INT. DIA
Os primeiros raios de sol invadem o quarto, pelas frestas da parede de madeira.

Marshall desperta, fraco. Ao seu lado, Beatriz dorme, vestida, em posição fetal.

Marshall procura pelos cigarros, acha, acende um. A primeira tragada dói, ele tosse, mas depois segue fumando, tranquilo. Deixa a cama, com dificuldade.

Atravessa a sala. Marshall examina os livros. Livros antigos, empoeirados. Quadros de antepassados com ares de nobres. Realmente, aquela casa conheceu melhores tempos.

CENA 58. FAZENDA. VARANDA. EXT. DIA.
Devagar, Marshall chega à varanda. No pátio, há uma centena de bodes pastando. Marshall admira os bodes. O velho está sentado na cadeira de balanço, na mesma posição ereta de antes. Ele sequer olha para Marshall, o olhar perdido no horizonte. Nas mãos, a Bíblia e o lápis.

357

AVÔ

O moço tá melhor?

Marshall não entende. Mas o velho não espera que ele responda.

AVÔ

O senhor não é daqui. É gringo?

MARSHALL
(SE ESFORÇANDO, NUM PORTUNHOL)
Norte-americano.

AVÔ

Conheci uns norte-americanos na época da guerra. Soldados. Eles vieram num jipe. Estavam procurando um terreno para construir uma pista de pouso. Estiveram por aqui, beberam muita cachaça, tiraram fotografias, fizeram mapas. E depois foram embora.

MARSHALL
Não estou entendendo...

AVÔ

Meus filhos também foram embora. Todos os 11. Foram pra São Paulo. Todo mundo foi embora. A última a partir foi essa minha neta. Saiu daqui pra ser puta em Recife. Só eu fiquei. E vou ficar.

Marshall olha o velho. Tenta entendê-lo. Mas o velho parece distante, fechado em si mesmo. Marshall senta-se ao lado dele. Ele segue falando, sem se dirigir a Marshall. O olhar perdido, a bíblia nas mãos.

AVÔ

Um homem tem que ter raízes. Fincar os pés na terra e não arredar. Se querem

ir embora, que vão. Eu fico. Solidão? Eu tenho Deus e os meus bodes. Melhor companhia não há.

Beatriz aparece sonada, junto à porta. Vê Marshall sentado ao lado do avô.

AVÔ

Antes tinha a menina. Quando os pais dela foram embora, ficamos só eu e ela. Dei tudo pra essa menina. Ensinei a ler, escrever, a respeitar aos mais velhos e amar a deus sobre todas as coisas. A gente se bastava. Mas ela quis ir embora também, que eu podia fazer? Amarrar no pé da cama? Prender a sete chaves? No dia em que ela partiu, eu disse: tu tá morta pra mim.

359

Marshall percebe a presença de Beatriz. Os olhos dela estão em lágrimas.

Ele faz menção de falar algo, ela faz um gesto com a cabeça, impedindo-o.

O velho abre a bíblia. Lê uma passagem.

AVÔ

Que afaste do rosto as prostituições e dos seios os adultérios. Senão eu a despirei completamente, deixá-la-ei como no dia do seu nascimento; eu a tornarei

semelhante a um deserto, transformarei em terra seca e a farei morrer de sede. Não amarei seus filhos porque são filhos da prostituição.

Beatriz olha o avô com ódio. Retorna para dentro da casa.

Marshall não entende nada, mas *percebe* tudo.

CENA 59. FAZENDA, SALA. INT. DIA.

Uma refeição típica do sertão.

Sentado na cabeceira da mesa, como um soberano, o avô puxa a reza.

Beatriz finge que reza. Marshall observa avô e neta, constrangido.

Uma empregada igualmente idosa, serve a comida. Eles comem, em silêncio.

CENA 60. FAZENDA, QUARTO, INT. NOITE

O quarto está às escuras, mas nenhum dos dois dorme.

Eles partilham um cigarro.

MARSHALL

Há quanto tempo você não via o seu avô?

BEATRIZ

Há mais de dez anos. Desde que fui embora daqui... Era melhor que tivesse morrido.

MARSHALL

Desculpa.

BEATRIZ

Por quê?

MARSHALL

Por te obrigar a vir aqui...

BEATRIZ

Esquece. Um dia eu tinha mesmo que vir...
tem coisas que a gente nunca consegue
escapar. Por mais que tente, é sempre
obrigado a enfrentar aquilo que deixou
pra trás...

361

As palavras de Beatriz calam fundo em Marshall.

CENA 61. FLASH-BACK. PRISÃO, CELA. INT. NOITE
Deitado na cama de um beliche, Marshall de
uniforme de preso, fuma e examina um Atlas.
Presos à parede junto à cama, há diversos mapas
do Brasil. Marshall consulta o Atlas, confere depois
o mapa, risca com um lápis vermelho o traçado e
assinala com um círculo a cidade de Recife. Marshall
retira a *handycam* de debaixo do colchão.
Liga a câmera, olha as imagens. Na telinha da
câmera, vemos imagens amadoras de Nonato.
INSERT – imagens amadoras em vídeo mostram
Nonato de malas prontas.

LUISA (OFF)

Você volta, pai?

NONATO

Volto, minha filha.

LUISA (OFF)

Promete?

NONATO

Prometo.

A imagem acaba. Apenas o azul da fita não gravada.

A fita corre para trás.

362 Num trecho evidentemente posado, Luisa endireita a câmera para si e fala diretamente para a lente.

LUISA (FALA PARA A CÂMERA)

Pai, peguei a câmera escondida de você pra te falar uma coisa, duas coisas. Primeiro, para você se lembrar de mim. Porque quando você está longe, você não me vê e aí pode esquecer que eu estou aqui. Outra coisa é mostrar uma musiquinha que fiz pra você.

Luisa sai de quadro, volta com uma sanfoninha e toca uma melodia infantil.

A imagem congela.

Marshall olha a câmera, constrangido. A luz pisca, Marshall guarda a câmera debaixo da cama, se vira na beliche. A luz se apaga definitivamente. Seu rosto é iluminado pela brasa do cigarro. A expressão decidida de Marshall.

CENA 62. FAZENDA. EXT. DIA.

Marshall parece revigorado. Aperta a mão de Raimundo, agradecido.

O velho sequer se levanta da sua cadeira de balanço.

Marshall segue para o carro e espera.

Na varanda, Beatriz tenta se despedir do avô.

Ela está constrangida, ele parece indiferente.

363

BEATRIZ

Adeus, vô.

AVÔ

É a segunda vez que você me diz isso.
Deus vai cuidar que seja a última.

BEATRIZ

Eu volto.

AVÔ

Vou estar ali... embaixo daquele imbuzeiro.

Beatriz tenta abraçar o avô, mas ele se mantém imóvel.

Beatriz desiste, abandona a casa.
Corre em direção ao carro.

BEATRIZ

Vamos embora logo daqui.

Eles entram no carro.

O carro se afasta, abrindo passagem entre os bodes e cabras.

O velho fica parado na varanda, sem demonstrar nenhuma emoção.

CENA 63. CARRO, ESTRADA, INT/EXT. DIA.

O carro segue pela estrada.

Beatriz desata num choro amargurado.

364

BEATRIZ

Eu jurei que não voltava mais... Idéia mais besta te trazer aqui. Velho escroto.

Marshall olha Beatriz, constrangido.

BEATRIZ

Foi ele quem me desgraçou.

MARSHALL

O que?

BEATRIZ

Eu tinha nove anos. Meus pais tinham ido para São Paulo. Eu fiquei com o meu avô.

Alguém tinha que ficar cuidando dele. Como se ele precisasse de cuidado. Um dia ele tomou um porre, me pegou pelo braço, me deitou na cama e me comeu. Eu tinha nove anos. Fui mulher dele até os doze. Um dia passou um caminhão. O motorista se engraçou comigo. Eu perguntei se ele me levava pra Recife. Saí daqui quase que com a roupa do corpo.

Marshall está completamente constrangido.
Beatriz seca as lágrimas com raiva.

BEATRIZ

Pôrra, bota uma música, aí, vai...

365

Marshall obedece, liga o som.
Beatriz parece se reanimar. Ela cantarola, acompanhando a música que toca no som.
Uma placa indica a distância que falta para Petrolina.
O carro se afasta pela estrada.

CENA 64. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Nonato está agitado. Sua muito, nervoso. Marshall bebe e o encara, friamente.

MARSHALL

Me fale de Modoc... mate minhas saudades, vai...

Nonato seca o suor com a mão, ansioso.

MARSHALL

Que foi, *cucaracha*? A memória está falhando?

NONATO

Não lembro de nada relevante, ficamos poucos dias...

MARSHALL

Eu saí há tantos anos de Modoc e me lembro tão bem de lá... Deve haver alguma lembrança que tenha ficado fresca em sua memória... Me fala do rio? Ninguém se banha nas águas daquele rio e esquece...

NONATO

Do rio eu me lembro. Jamais vou esquecer aquele bendito rio. Tá satisfeito? Porra, meus documentos estão todos em ordem. Carimbem logo o meu passaporte e me deixem em paz!

MARSHALL

Realmente, está tudo em ordem. Papéis, documentos, tudo em ordem. Só tem um problema. (agressivo) Modoc não tem rio. Não tem rio, não tem nada, só quilômetros e quilômetros de plantações de milho

e soja. Um tédio só. Conheço bem aquela merda. Você nunca esteve lá, brasileiro.

NONATO

É ilegal não ter ido na merda de cidade onde moram os meus sogros? Na merda de cidade onde nasceu Mr. Deus? Casei para foder com a filha, não com a sogra.

MARSHALL (GRITANDO)

Não é ilegal não ter visitado os sogros. Ilegal é contratar um casamento de araque pra obter o visto. E foi isso que você fez, brasileiro. É o que todos vocês fazem. Contratam uma piranha qualquer e arrumam os documentos pra viver legalmente no nosso país.

367

SANDRA

Chefe, calma...

MARSHALL

Quanto pagou pelo casamento arranjado? Dois mil, cinco?

Marshall avança sobre Nonato.

MARSHALL (FORA DE SI)

Última pergunta: deu tempo pra ao menos uma trepada?

Nonato levanta-se bruscamente. Os dois se encaram, dispostos a irem às últimas consequências.

BOB (INTERVINDO)

Marshall! (ao brasileiro) Pode esperar lá fora...

NONATO (A MARSHALL)

Tenho um documento expedido por um juiz norte-americano me autorizando a sair e a entrar no país.

MARSHALL

Quem decide quem entra nos Estados Unidos da América é o Depto. de Imigração de Fronteiras. E o Depto. de Imigração de Fronteiras se chama Uncle Marshall.

368

Bob mostra o documento do juiz norte-americano a Marshall. Ele examina o documento.

BOB

O documento é legal...

Marshall lê com calma, quase provocador.

MARSHALL

Quanto pagou por este documento?

Nonato está estarrecido.

BOB
O documento é legal!

Marshall rasga o documento. Bob está perplexo.
Sandra tensa.
Nonato faz menção de investir sobre Marshall.
É contido por Bob

NONATO
Filho da puta!

MARSHALL
Vou provar que você tá mentindo, *cuca-
racha* filho da puta..

369

Marshall abre a gaveta de sua mesa e dela retira
uma pistola.
Ao verem a arma, Bob, Sandra e Nonato se
assustam.

CENA 65. PETROLINA. RUAS, PRAÇA. EXT. DIA.
O carro de Marshall atravessa as ruas da cidade.
Grande afluência de gente. Ambulantes. Mar-
shall tem dificuldades em manobrar o carro em
meio ao caos urbano.

MARSHALL
Não imaginei que fosse uma cidade tão
grande... Nunca vamos achar a garota aqui...

BEATRIZ

Você acha que eu sou *monga*? Quando falei com a diretora da escola de Recife peguei o nome do colégio pra onde ela veio transferida. Só temos que achar a escola e pedir o endereço dela. Para o carro, vamos a pé mesmo.

CENA 66. PETROLINA, PRAÇA, EXT. DIA.

Uma enorme catedral se ergue no centro da praça. Beatriz e Marshall se aproximam dela.

BEATRIZ

Eu vou até o colégio ver se consigo o endereço da menina. Você fica aqui e me espera. Não sai daqui, tá?

370

Marshall assente com a cabeça e Beatriz segue pela rua, sumindo em meio à multidão. Marshall senta-se nos degraus da igreja, seca o suor da testa. Uma música o distrai.

Na porta da igreja, um mendigo cego toca uma pequena sanfona, uma 8 baixos bem estropiada e antiga.

Marshall se aproxima do mendigo, escuta a música. O cego toca mal pra cacete, mas por alguma razão a melodia toca Marshall.

De dentro da igreja começa uma oração e Marshall olha o interior da igreja. Ele se decide. Tira do bolso uma nota de cem reais, coloca no

chapéu do cego, que agradece mecanicamente. O cego interrompe a melodia, retira os óculos escuros e olha incrédulo a nota de cem reais. Vai interpelar Marshall, mas ele não está mais lá.

CENA 67. PETROLINA. IGREJA. INT. DIA.

Marshall atravessa o interior da igreja, que está bem vazia. Apenas algumas beatas centenárias rezando num dos primeiros bancos. O padre reza a missa, sem maior entusiasmo. A cantoria das beatas ecoa pelo interior da igreja. Marshall observa as imagens sacras. Se detém ante uma imagem de Cristo. Ele observa a imagem, que parece retribuir o olhar. A expressão severa do Cristo parece constranger Marshall. Os olhos de Cristo parecem vivos, inquisidores.

371

CENA 68. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Marshall aponta a arma para Nonato.

NONATO

Que merda é essa?

Apreensivo, Bob fecha as persianas.

BOB

Ficou louco? Guarda essa arma.

MARSHALL

Vamos ver se este espertinho tem coragem de continuar mentindo.

SANDRA

Peraí, chefe, isso não está no regulamento

MARSHALL

Foda-se o regulamento. Quem manda aqui dentro sou eu.

BOB

Guarda essa arma, Marshall.

Marshall aponta a arma para Nonato, que recua, assustado.

MARSHALL

Você tem três minutos pra contar a verdade.

NONATO

Esse cara está louco!

SANDRA

Ele pirou... to fora!

Sai, apressada. Marshall continua apontando a arma para Nonato, que está encurralado contra a parede.

MARSHALL

Um...

Bob se coloca entre Marshall e Nonato.

BOB

Basta! Isso passou dos limites, Marshall.

MARSHALL

Você tá do lado dele, agora?

BOB

Eu só quero impedir que você faça uma besteira. Guarda essa arma, pelo amor de Deus!

MARSHALL

Este filho da puta tá mentindo... como todos os outros. Se fazendo de coitadinhos pra invadirem nosso país...

373

BOB

Se você não guardar essa arma agora eu vou te denunciar ao departamento. Tô falando sério.

MARSHALL

E o que você acha que vão fazer comigo, hein? Me suspender? Me demitir? Daqui a poucas horas eu já vou estar mesmo na rua.

Avança sobre Nonato, arma em punho.

MARSHALL

Fala *cucaracha*... seu tempo tá acabando... dois....

Num ímpeto, Bob se atraca a Marshall, tentando arrancar-lhe a arma e os dois se engalfinham. Os dois trocam socos. A luta é feia. Na confusão, a arma escapa das mãos de Marshall e vai parar aos pés de Nonato. Ele olha a arma e não pestaneja. Agarra a pistola e a aponta para os norte-americanos. Ao perceberem que Nonato está armado, Marshall e Bob detêm a luta, se soltam, agora apreensivos.

A pistola treme nas mãos de Nonato.

BOB

Calma, rapaz... me entrega essa arma.

Nonato aponta a arma para Marshall, determinado. Marshall o encara, surpreendido.

374

CENA 69. PETROLINA. IGREJA, INT. DIA.

Num ato de contrição, senta-se num dos bancos, baixa a cabeça, começa a rezar, baixinho. Mas aos poucos, sua contrição se desfaz. Marshall desiste de rezar, sem nenhum conforto. Ele olha novamente a imagem de Cristo, mas esta agora parece diferente, fria, apenas uma figura de madeira ou pedra sabão.

Marshall abandona a igreja, amargurado.

CENA 70. CORTADA.

CENA 71. PETROLINA, PRAÇA. EXT. DIA

Beatriz chega à Praça da Igreja e não vê Marshall, fica preocupada. Sai andando à procura dele.



CENA 72. PETROLINA, PONTE, EXT. DIA

O sol está se pondo.

Apoiado à amurada da ponte, Marshall observa o Rio São Francisco. Barcos trafegam a distância, sumindo no lusco-fusco das águas. É uma bela visão, mas Marshall parece amargurado. Ele tem uma garrafa de cachaça na mão, e bebe pelo gargalo longos goles.

CENA 73. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DO INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Nonato aponta a arma para Marshall, agora decidido.

Marshall aguarda, mantendo a frieza. Bob está em pânico.

376

BOB

Me entregue essa arma, rapaz... antes que alguém se machuque

NONATO

Não se mete. Meu assunto é com o Mister Olhos Azuis aqui...

MARSHALL

O que pretende fazer, hein, filho? Me obrigar a te dar o visto? Pensa que vai entrar nos Estados Unidos desse jeito?

NONATO

Você se acha muito superior, não é, Mr. Blue Eyes? Com sua pele clara e seus belos

olhos azuis. Se acha melhor do que os outros. Esquece que há 100 anos seu pai ou seu avô é que estava aqui implorando pelo direito de entrar neste país. Se humilhando diante de um escroto como você que se achava igualmente superior a ele, só porque era um norte-americano puro-sangue, e não um imigrante irlandês morto de fome...

MARSHALL

Meu avô era um irlandês morto de fome, sim, mas ao contrário de você, *cucaracha*, era branco e com os olhos azuis...

BOB

377

Não o provoque, Marshall.

NONATO

Ter olhos azuis te torna melhor do que eu?

MARSHALL

Não tenho culpa de ter nascido branco.

NONATO

E eu sou culpado por ser mais escuro do que você e ter nascido no Brasil?

MARSHALL

Culpa eu não sei, mas com certeza é um puta azar. Tenho certeza que você

adoraria ter nascido branquinho e com os olhos claros...

BOB

Pelo amor de Deus, Marshall!

MARSHALL

Só estou jogando o jogo dele...

NONATO

Pra você é apenas um jogo, né? Vamos jogar, então. Mas agora as regras mudaram. E quem dá as cartas agora sou eu.

MARSHALL

Oba, e o que vamos jogar? *Strip-poquer*? Roleta-russa? Adoro jogos...

BOB

Vocês estão loucos!

Marshall e Nonato se encaram, desafiadores.

CENA 74. PETROLINA, PONTE. EXT. DIA.

Apoiado à amurada, Marshall dá um gole na garrafa, amargurado. Olha o rio, que se estende à sua frente. Ele tira do bolso a pistola. Examina a arma, como se nunca a tivesse visto. Ele pega a arma, aponta para a própria cabeça, faz um esforço enorme para apertar o gatilho. Aperta

os olhos, desesperado. A mão treme, ele desiste. Ele olha a arma, joga o revólver no rio. A arma afunda nas águas do São Francisco. Beatriz surge à distância, vê Marshall, se aproxima.

BEATRIZ

Porra, eu não falei pra você me esperar?

Ela repara na garrafa.

BEATRIZ

Qualé, gringo? Resolveu amarelar?

MARSHALL

O que eu vou dizer a ela?

379

BEATRIZ

Tu veio dos States pra cá somente pra falar com essa menina e agora não sabe o que vai dizer pra ela?

MARSHALL

Achei que soubesse... mas agora...

BEATRIZ

Tu veio pedir perdão, gringo? Quer que ela te perdoe por ter matado o pai dela?

MARSHALL

Perdão não vai servir pra muita coisa, agora...Já estou mesmo no fim. E eu não

vou pro céu. Vão me barrar. A imigração lá é muito mais dura do que nos States. Vão carimbar no meu passaporte: *Straight to hell...*

Bebe um novo gole, desiludido.

BEATRIZ

Escuta aqui, gringo. Tu não me arrastou pra esse fim de mundo pra ficar com esse papo baboso. Agora tu vai ter que ir até o fim. Mas de preferência, sóbrio. Chega de cachaça, por hoje. Vamos procurar um hotel, tomar um bom banho e amanhã cedo a gente vai atrás da garota. Consegui o endereço. Ela mora numa ilha, perto daqui...

380

Puxa Marshall pelo braço, ele se deixa levar. Somente então Beatriz vê a sanfona, que desaba da mão de Marshall, provocando um *lamento* desafinado.

BEATRIZ

Que merda é essa?

MARSHALL

Comprei... quero aprender a tocar. Você me ensina?

BEATRIZ

E tu acha que eu sei tocar sanfona? Vamos logo curar essa manguaça.

Seguem para a cidade.

CENA 75. PETROLINA. HOTEL. QUARTO. INT. NOITE.

Beatriz dorme nua esparramada pela cama. Ao lado dela, insone, Marshall fuma um cigarro. A garota se mexe na cama, apalpa o *lado* de Marshall, percebe que ele não está deitado.

BEATRIZ

Vem dormir, homem...

381

Marshall não se move, segue fumando o cigarro. A brasa brilha na escuridão do quarto.

CENA 76. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Nonato continua apontando a arma para Marshall e Bob. Bob muito nervoso, Marshall desafiador.

MARSHALL

Se vamos jogar, podemos beber também? Os jogos ficam muito mais interessantes acompanhados de um legítimo *bourbon* do Mississippi...

Serve dois copos, estende um para Nonato.

NONATO

Fica onde está, não tente nenhuma gracinha...

MARSHALL

Prefere jogar a seco? Ok., mas não há razão para desperdício...

Bebe os dois copos, em goles rápidos.

Se apruma, decidido.

MARSHALL

382

Estou pronto... o que vamos jogar?

CENA 77. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. NOITE

Sandra entra na sala e vê Nonato apontando a arma para Marshall e Bob. Se apavora.

SANDRA

Caralho!

Ela sai correndo desesperada, deixando a porta entreaberta. Corre pelo saguão, alarmando os demais estrangeiros ali detidos. Pela porta entreaberta, Assumpta e Martin veem Nonato apontando a arma para Marshall. Se assustam, também.

MARTIN

Isso não pode estar acontecendo... daqui a pouco isso vai estar cheio de policiais... Nós estamos fodidos.

ASSUMPTA

Deixa de ser covarde. Isso pode acabar nos ajudando.

Ela olha para a sala. Nonato aponta a arma para Marshall, decidido. Entredentes.

ASSUMPTA

Mate esse escroto. Mata.

CENA 78. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

383

Nonato caminha pela sala, com a arma apontada para Marshall e Bob.

NONATO

Um jogo que eu inventei... olhos negros x olhos azuis...

MARSHALL

É para fazer o quê? É para piscar os meus olhinhos azuis, meu bem?

NONATO

Fica onde está. Agora você é aquele que é detido na fronteira, interrogado, tratado

como lixo. Agora, no nosso jogo, quem tem olho azul é que é um merda, sem nenhum direito. Entendeu agora?

MARSHALL

Vá em frente!

Nonato adota uma postura diferente, como se fosse o outro, investido de autoridade e poder imanente. Senta-se na mesa de Marshall. Pega a garrafa de *whisky*, derrama algumas doses num copo e bebe de uma só vez. Enche mais o copo e fica com ele na mão, enquanto mantém a arma apontada na outra.

384

NONATO

O chefe agora sou eu. Você quer que eu lhe dê o visto para entrar nos Estados Unidos?

MARSHALL

Eu sou daqui, não preciso de visto.

NONATO

Será que os babacas que têm olho azul não têm imaginação? Não podem abstrair um pouco? Eu te perguntei o seguinte: você quer o visto pra entrar na América do Norte ou não?

MARSHALL

Quero.

NONATO

Isso... entendeu as regras do jogo. E por quê você quer entrar neste país, meu filho?

MARSHALL

Eu tenho o direito de entrar. Sou um homem honesto, trabalhador, educado e por isso tenho direito ao visto. Além do mais, tenho endereço fixo, contracheque. Sou viúvo e posso mostrar a certidão de casamento...

Seco e frio, Nonato corrige.

NONATO

Não lhe perguntei se você era honesto, se era viúvo, se chorou muito quando tua mulher empacotou. Eu perguntei se queria um visto ou não.

385

MARSHALL

Não sou como a maioria dos que pedem visto, que mentem pra entrar.

Nonato consulta Bob.

NONATO

Foi isso que eu perguntei? Imigrante de merda, será que não entende uma simples pergunta? Ok., já que não tem

alcance pra responder uma coisa simples dessa, vamos mudar de pergunta. O que você pretende fazer aqui?

CENA 80. PETROLINA. RIO S.FRANCISCO, BARCA, INT. EXT. DIA.

Uma pequena barca atravessa o Rio São Francisco.

Marshall e Bia estão na barca. Marshall está de banho tomado, penteado e de barba aparada. Aspecto sóbrio. Carrega uma bolsa a tiracolo. Ele observa o rio, enquanto a barca segue em direção à ilha.

CENA 81. PETROLINA, ILHA, EXT. DIA.

386 A barca atraca num pequeno píer e os passageiros descem. Marshall observa o lugar. É uma pequena aldeia, formada por uma única rua. Uma pequena igreja ocupa o centro da aldeia. Casas simples, apenas caiadas, com antenas parabólicas. A rua é de terra. Galinhas, bodes e porcos perambulam pela rua, sem se importar com os recém-chegados. Marshall e Bia se aproximam da rua, observando as casas. A presença do estrangeiro chama a atenção dos moradores. Eles se detêm ante a uma pequena casa, tão igual às outras.

BEATRIZ

É aqui.

Se aproximam da casa, que está fechada. Beatriz avança até a porta, bate palmas.

BEATRIZ

Ó de casa?

Ninguém responde. Uma vizinha velha como o tempo surge numa das casas, olha o casal, estranhando. Depois, torna a desaparecer.

Beatriz insiste, bate palmas ainda mais alto. Finalmente, escutam a tramela da porta se abrindo. Uma senhora bem morena, de cabeleira bem lisa e branca, vestida de forma humilde, surge no alpendre. Ela estranha os recém-chegados.

VELHA (D. SOCORRO)

387

Sim?

BEATRIZ (EM PORTUGUÊS)

Bom-dia. Nós estamos procurando a Luiza.

VELHA (D. SOCORRO)

É minha neta. O que vocês querem com ela? Vocês são da escola?

BEATRIZ

Não. A senhora é a mãe do Nonato?

VELHA (D. SOCORRO)

Sou sim.

BEATRIZ (À PARTE, PARA MARSHALL)
É a mãe dele.

Marshall olha a velha, constrangido.

D. SOCORRO
Vocês eram amigos do Nonato? Ele morreu...

BEATRIZ
A gente tá sabendo... ele... é... era o patrão do Nonato.

D. SOCORRO
Patrão? O patrão norte-americano? O senhor veio dos Estados Unidos até aqui... Por favor, entrem. Não reparem que a casa é de pobre. Por aqui, mister...

Marshall não entende, Beatriz o força a entrar. Eles entram na casa.

CENA 82. PETROLINA. CASA DE SOCORRO. SALA, INT., DIA.

A casa é pobre, mas arrumadinha. Alguns eletrodomésticos de última geração dividem espaço com uma mobília escura e austera dos tempos coloniais. Numa arca, há uma espécie de altar repleto de fotos de Nonato, em diversas idades. Marshall olha o *altar* constrangido. D. Socorro

mostra a eles uma foto de Nonato de beca e barrete, com o diploma na mão, posando orgulhoso. Nonato e Marieta. Marieta grávida. Nonato embalando um bebê. Beatriz vai traduzindo em voz baixa tudo o que a velha fala.

D. SOCORRO

...Essa aqui foi quando ele finalmente se formou. História, pela Universidade Federal do Pernambuco... Ele sempre gostou de dar aula, sabe? Mas a vida de professor é muito sacrificada, ainda mais na rede pública. E depois que nasceu a menina, ficou difícil pra ele sustentar a filha e a mim, somente com o salário de professor. Depois que ele separou da esposa, começou com essa idéia de ir pra América do Norte. Disse que lá ia ter mais condições de arrumar dinheiro. E a verdade é que durante muito tempo as coisas estiveram boas. Todo mês ele mandava um dinheirinho pra gente. Eram 500 dólares num mês, 1.000 no outro, e assim ia. A gente nessa época morava no Recife. Tinha uma boa casa lá. Mas aí aconteceu a desgraça... perdemos tudo, tivemos que voltar pra cá. A menina sofreu muito, primeiro pela morte do pai, depois por ter que deixar o Recife, a escola, os amiguinhos...

Marshall olha a velha, constrangido.

MARSHALL

Minha senhora... nem sei como dizer isso... eu...

D. SOCORRO

Foi acidente de trabalho?

MARSHALL

Hein?

D. SOCORRO

Disseram que foi um acidente de trabalho. Ele foi enterrado lá mesmo, nunca consegui que a embaixada mandasse o corpo. Não entendi direito, mas disseram que ele oficialmente nunca viveu nos Estados Unidos. Vá entender uma coisa dessas? Ele morou quase dez anos lá, trabalhou, tinha casa, carro, mandava dinheiro pra gente... e eles dizem que ele nunca esteve lá? O senhor era patrão dele... me diz, o que foi que realmente aconteceu?

MARSHALL (PARA BEATRIZ)

O que ela perguntou?

BEATRIZ

Ela quer saber como o filho dela morreu.

CENA 83. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. NOITE

Nonato bebe um gole do *whisky*, balança a arma provocadoramente para Marshall.

NONATO

O que você pretende fazer nos Estados Unidos?

Marshall reflete e responde.

MARSHALL (NA DÚVIDA)

Trabalhar?

NONATO (COM IRONIA)

Trabalhar...?

MARSHALL

...Que nem um camelo...

NONATO

A palavra certa é escravo.

MARSHALL

Camelo. Que diferença faz?

NONATO

Eu disse escravo! Você repete: Es-cra-vo!
Não aceitou as regras do jogo?

MARSHALL

Escravo... vou trabalhar 15 horas por dia, juntar dinheiro e mandar para a minha *madrecita*.

NONATO

Essa lengalenga de trabalhar, poupar, é conversa fiada de *olhinhos azuis*. Os olhinhos azuis mentem, casam por interesse. Trabalham muito, dormem pouco, comem mal, enchem a pança de cerveja e assistem TV. Me diz uma coisa, olhos azuis... você gostaria de ir a um *show* da *Broadway*? Subir no *Empire State* e tirar uma foto lá de cima? Quer ver um jogo do *New Yorkers*?

MARSHALL

Claro, por que não?

NONATO

Você não faria isso porque é um imigrante que só quer saber de ganhar dinheiro, poupar e se mandar. Não, não ia querer gastar dólar com diversão. Vieram pra cá atrás do paraíso, mas vivem num inferno. São escravos, mas morrem de medo de serem expulsos do *paraíso*.

MARSHALL

Esses são vocês!

NONATO

Não, isso é no que vocês transformaram a gente, olhos azuis. Mas apesar de tudo,

nós sobrevivemos. Vocês não resistiriam à metade do que nós passamos. Você daria tudo pra ser um *cucaracha*, né, olhinhos azuis? Uma barata de casca dura que resiste a tudo. Você é apenas um verme mole de olhos azuis que sabe que seus dias na Terra estão contados. E é por isso que você nos odeia. Por que, no fundo, você sabe que nós somos melhores do que vocês.

Marshall tenta balbuciar algo, mas não consegue. Nonato percebe que venceu, sente-se triunfante.

NONATO

Então, *Mr. Blue Eyes*? Qual a sensação de ser apenas um merda?

393

Súbito, uma luz vermelha atinge o peito de Nonato. Ele se surpreende e quando finalmente se dá conta, olha para frente. Pela porta entreaberta, seguindo o fecho de luz vermelha ele vê um policial apontando um enorme rifle em sua direção. Mal tem tempo de reagir. Escuta-se um estampido seco. Nonato tomba fulminado sobre a cadeira.

De seu peito, irrompe uma borbulha de sangue. Marshall e Bob se entreolham assustados. Imediatamente, a porta da sala é arrombada e surge um grupo de policiais que apontam suas armas para os dois.

POLICIAL

Freeeze!

Marshall e Bob são agarrados pelos policiais e empurrados contra a parede, com alguma brutalidade.

BOB

Peraí, somos os reféns!

394 O chefe dos policiais se aproxima de Nonato, chuta a arma para longe. Marshall e Bob continuam contidos pelos policiais. O chefe da SWAT examina o corpo, e com um sinal informa que Nonato está morto. Sandra invade a sala, abrindo caminho entre os policiais da SWAT. Olha o morto, assustada.

SANDRA

Porra, chefe, que merda você fez???

Marshall apenas olha o corpo de Nonato. Caído sobre a cadeira, olhos abertos, a expressão de Nonato é de perplexidade.

CENA 84. PETROLINA. CASA D. SOCORRO, SALA, INT. DIA.

Marshall parece quase sufocando, é grande a sua pressão.

MARSHALL (EM INGLÊS)

A culpa foi toda minha. Eu matei o seu filho. Eu fui um filho-da-puta arrogante. Estava cego pela minha arrogância e pelo meu preconceito. E pela minha inveja. No fundo, era só isso: eu tinha inveja dele. Eu o matei. Eu sei que não tenho esse direito, mas eu vim aqui pedir o seu perdão... se a senhora puder me perdoar.

Segura as mãos da velha, emocionado.

Dona Socorro olha Marshall muito profundamente, como se o *lesse* através dos olhos. Mas sua expressão alterna de compreensão para a mais banal dúvida.

395

D.SOCORRO

Que é que foi que o gringo disse?

BEATRIZ

Ele disse que... gostava muito seu filho. Disse que a senhora devia se orgulhar por ter um filho tão honesto, trabalhador e querido. Disse que o Nonato era seu melhor empregado. E que a perda dele foi sentida por todos os seus colegas na empresa. Ele disse que se sente responsável pela morte do seu filho, já que ele faleceu num acidente de trabalho. E é por isso que ele fez questão de vir até aqui,

pessoalmente, para entregar-lhe uma indenização financeira. Ele sabe que a vida do seu filho vale muito mais do que qualquer dinheiro, mas que ele espera com isso poder dar condições melhores para a senhora e para a menina.

D. SOCORRO

Mesmo? Puxa, obrigada, obrigada...

Abraça Marshall, visivelmente emocionada. Marshall não entende nada. Olha Beatriz, aturdido.

MARSHALL

O que você disse pra ela???

BEATRIZ

A verdade. Que você veio aqui pagar pelos seus pecados. Pois então pague. Em espécie.

Marshall fica atordoado. Então, saca a carteira, abre o talão de *travellers-checks*, assina todos, destaca e entrega a D. Socorro.

BEATRIZ

Isso a senhora troca num banco por reais.

D. Socorro coloca os óculos, examina os *travellers-checks*, se assusta.

D.SOCORRO

Nossa, quantos zeros... é muito, né?

BEATRIZ

Mas é só um adiantamento. Quando ele voltar pros *States*, ele manda mais, né, mister?

Marshall assente com a cabeça.

D.SOCORRO

Nem sei como agradecer...

BEATRIZ

Não precisa agradecer. Ele fica feliz por poder ajudar a senhora...

397

CENA 85. FLASH-BACK. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO. INT, DIA.

Os primeiros raios de sol invadem a sala, pela janela estilhaçada.

Paramédicos estão terminando de colocar o corpo de Nonato num saco. Marshall dá uma última olhada no rosto de Nonato, antes do zíper ser fechado. Eles levam o corpo para fora. A sala está cheia de policiais e peritos. Um deles fotografa tudo. A arma. A mancha de sangue. A garrafa de *whisky* quase vazia. Próximo à porta, Bob é interrogado por um detetive à paisana. Marshall observa tudo, meio estático. Sandra o observa, com rancor.

SANDRA

Belo jeito de encerrar a carreira, chefe.

MARSHALL

Não precisa me chamar mais de chefe, Sandra. Já são seis horas. Estou oficialmente aposentado.

Sandra balança a cabeça com desdém, se afasta. Cruza por Bob, que acabou de ser interrogado. Os dois trocam olhares. Ela segue em direção ao detetive, que a interroga. Bob se aproxima de Marshall, perplexo.

BOB

Vou ter que reportar tudo o que aconteceu aqui, Marshall.

MARSHALL

Faça o que tem que ser feito. Agora você é o chefe. Enviei sua recomendação ontem mesmo, antes de começarmos o expediente.

BOB

Por quê, Marshall??

MARSHALL

Eu sabia que ele estava mentindo.

BOB

Quantos não mentiram antes? E nem por isso deixamos de dar o visto pra eles...

MARSHALL

Vai ver eu queria uma medalha, pelos meus bons serviços... Pra me gabar, enquanto estivesse curtindo minha aposentadoria.

BOB

Você é um grande filho da puta,

Abandona a sala, transtornado.

CENA 86. FLASH-BACK. AEROPORTO. SALA DE ESPERA. INT. DIA.

Assumpta e Martin veem o corpo de Nonato sendo retirado pelo saguão. Martin olha o aquário, onde vê Marshall cercado pelos policiais.

399

MARTIN

No fundo, a América do Norte é isso. Uma terra de assassinos. Devíamos mesmo era pegar o próximo avião e voltar pra nossa casa.

ASSUMPTA

Não seja *pendejo*! É a nossa chance.

Bob está no saguão, arrasado. Assumpta o vê, e decide, puxa Martin pela mão e abordam Bob.

ASSUMPTA

E a gente? O que vai acontecer com a gente?

BOB

Vocês? Ah... vou pegar seus passaportes.
Estão liberados.

Sensação de alívio de Assumpta e Martin. Eles se beijam. Bob faz menção de entrar na sala, Assumpta se adianta.

ASSUMPTA

Meu livro.

BOB

Hã?

ASSUMPTA

Podia me devolver o meu livro?

BOB

Claro.

Ele entra na sala e retorna com os passaportes e o livro. Entrega-os ao casal.
Bob chega até Assumpta, lhe entrega o livro.

BOB

É uma bela edição. Acredito que os poemas sejam muito bons, também.

Assumpta sorri, agradecida e sensual.

ASSUMPTA

Os dele são muito melhores.

BOB

Mesmo?

ASSUMPTA

Depois eu te mando um exemplar. Venho pessoalmente entregá-lo.

BOB

Eu ficarei agradecido. Bem... Sejam bem-vindos aos Estados Unidos. Perdoem-nos por todo esse desagradável inconveniente.

401

Martin e Assumpta correm pelo saguão do aeroporto.

MARTIN

Precisava ficar se oferecendo pra'aquele filho da puta?

ASSUMPTA

Eu? Deixa disso. O importante é que estamos dentro. Vamos embora, tô louca pra sair desse aeroporto. Vamos. Ou prefere voltar pra Recoleta e sua bela luz matinal?

Eles trocam olhares, ele se decide. Assumpta e Martin se apressam a sair dali.

Eles cruzam a porta do aeroporto. Somente agora vemos um vislumbre do exterior. O *skyline* da cidade ao fundo. A luz explode em seus rostos. Eles se abraçam.

Desaparecem na claridade.

CENA 87. PETROLINA. CASA D. SOCORRO, SALA, INT. DIA.

Marshall está olhando as fotos de Nonato no *altar*.

MARSHALL

E a menina? Queria ver a menina?

BEATRIZ

Sim, e a Luiza? Ele faz questão de conhecer a filha do Nonato...

D.SOCORRO

Ela deve estar tomando banho de rio com os amiguinhos...

CENA 88. PETROLINA, ILHA, BEIRA DO RIO. EXT. DIA.

Marshall e Beatriz caminham em direção à ribanceira do rio. Para diante de uma praia.

D. SOCORRO (VOICE-OVER)

... é perto daqui... seguindo a rua prin-

cipal, descendo a ribanceira, vocês vão encontrá-la...

Marshall avista um grupo de meninas e meninos tomando banho na beira do rio.

As crianças brincam na água, correm pela areia, dão saltos *acrobáticos* dentro d'água.

Beatriz reconhece Luisa entre as crianças, indica a Marshall.

BEATRIZ

É ela, Luiza.

Marshall olha a menina, emocionado. Reluta, mas finalmente se decide.

Beatriz faz menção de acompanhá-lo, ele a detém, com um gesto. Segue sozinho, ribanceira abaixo, em direção à praia. Beatriz dá com os ombros, senta-se numa pedra, acende um baseado. Observa Marshall se aproximar das crianças.

403

CENA 89. AEROPORTO, SALA DE INTERROGATÓRIO. INT. DIA.

Marshall continua parado no meio da sala, em meio à movimentação dos policiais. Um deles recolhe a bolsa de mão de Nonato. Coloca sobre a mesa, revista. Ele retira de dentro da bolsa algumas peças de roupa, a *handycam*. Segue

revistando a valise. Sem que o policial perceba, Marshall pega a câmera e a examina.

Marshall liga a câmera. Imagens amadoras mostram cenas de Nonato com sua filha. Eles brincam, se abraçam. Marshall avança a fita.

INSERT – Imagens em vídeo. Luisa, com uma sanfoninha no colo, fala para a câmera.

LUISA (PARA A CÂMERA)

Pai, volta logo, te amo de paixão.

A imagem acaba. Apenas o azul da fita não gravada.

Marshall não entende o que ela fala, mas parece *compreender*.

404 Marshall olha a câmera, aturdido. Marshall esconde a *handycam* dentro de uma gaveta, debaixo de pastas e documentos. O policial pega a bolsa de Nonato e a retira de perto de Marshall, sem perceber que ele pegou a câmera. Dois policiais fardados se aproximam.

POLICIAL

Vamos?

Marshall assente. Um dos policiais algema Marshall.

Eles arrastam Marshall para fora da sala.

CENA 90. PETROLINA. BEIRA RIO. EXT. DIA.

Marshall se aproxima pela praia. Observa as



crianças. Elas continuam brincando na água. Luisa parece uma das mais felizes. Marshall faz menção de chamá-la, mas se detém. Algo constrangido. Senta-se na areia, fica observando as crianças. As crianças reparam naquele homem branco e acham-no engraçado, riem-se dele. As crianças saem da água, Luisa se aproxima de Marshall. Ele a observa, sorri para ela. Então repara nos incríveis olhos azuis da menina. Se surpreende. Os amigos de Luisa chamam-na, insistentes. Ela corre em direção aos colegas. Antes que ela se afaste.

406

MARSHALL

Luisa!

Ela se detém, estranhando ser reconhecida. Olha para Marshall. Ele apenas acena para ela. Ela estranha, retribui o aceno, se reúne com os amiguinhos. Todos curiosos em saber quem era o sujeito. Ela cochicha algo com eles, eles olham Marshall, riem. Eles se afastam, correndo pela beira do rio. Beatriz se aproxima, senta-se ao lado de Marshall. Eles sequer se olham. Olham o rio, à frente. O belo rio à sua frente.

Rio de Janeiro, 16.8.2007



LETREIRO:

O mundo todo estava diante deles
Para escolherem, lá,
Um lugar para o seu descanso.
A providência era o seu guia.
De mãos dadas,
Com passos incertos e lentos,
Tomaram, através do Éden,
O seu caminho solitário.

(Milton – Paraíso Perdido, Livro XII)

Rio de Janeiro, 16.11.2006/7.2.2007/13.3.2007/
31.3.2007/4.06.2007/16.6.2007

FIM



Índice

No Passado Está a História do Futuro – Albert Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Apresentação – José Joffily	
Versão Blue6A – 1º de março de 1999	11
7º Tratamento – 24 de setembro de 2007	197

Crédito das Fotografias

Estevam Avellar (Sala da Migra) 219, 221, 243, 375

Fred Jordão (Recife) 204, 210, 212, 213, 214, 408

Helder Tavares (Petrolina) 217, 226, 251, 253, 324,
326, 348, 405, 407

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muiyler
e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos
Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo
Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolette

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Olhos azuis [Filme] / Argumento de José Joffily e Jorge Duran; roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

432p.: il. – (Coleção aplauso.Série cinema Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-849-9

1. Cinema – Argumentos, temas etc 2. Cinema – Roteiros
3. Filmes brasileiros – História e crítica I. Joffily, José II. Duran, Jorge III. Dimantas, Melanie IV. Ewald Filho, Rubens. V. Série.

CDD 791.437 098 1

Índices para catálogo sistemático:

1. Filmes cinematográficos brasileiros : Roteiros :
Arte 791.437 098 1
2. Roteiros cinematográficos : Filmes brasileiros :
Arte 791.437 098 1

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Cinema Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Editoração	Ana Lúcia Charnyai Selma Brisolla
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Benedito Amancio do Vale

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 432

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Este foi o grande vencedor do II Festival de Paulínia levando os prêmios de Melhor filme, melhor roteiro (de Paulo Halm e Melanie Dimantas), melhor ator coadjuvante (Iramdhir Santos), som (José Moreau Louzeiro, François Wolf), montagem (Pedro Bronz).



Olhos Azuis é o novo trabalho do consagrado roteirista e diretor José Joffily, que realizou filmes como *Achados e Perdidos* (2006), *Vocação do Poder* (2005), *Dois Perdidos numa Noite Suja* (2002), *O Chamado de Deus* (2000), *Quem Matou Pixote* (1996), *A Maldição de Sampaku* (1992) e *Urubus e Papagaios* (1986).



É uma história dramática de suspense que acontece no aeroporto americano JFK em Nova York, no Departamento de Imigração, onde o chefe do Departamento Marshall está prestes a se aposentar (interpretado pelo ator norte-americano David Rasche). Neste seu último dia de trabalho ele detém um grupo de latinos americanos, expondo-os a uma série de situações humilhantes e constrangedoras, que acabam provocando a morte de um brasileiro Nonato. Tempos depois o filme conclui no Brasil, com uma visita de Marshall.



O elenco inclui ainda Cristina Lago, Erica Gimpel, Frank Grillo, Valeria Lorca, Pablo Uranga.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso** no seu trabalho de preservação e resgate da memória cultural do nosso país.

ISBN 978-85-7060-849-9



9 788570 608499